

O MALHO

ANO XLI — NÚMERO 30 — JULHO DE 1942 — PREÇO, 3\$000

A LINGERIE

A mais útil das iniciativas da Bibliotéca de "Arte de Bordar", concretizada num

Precioso álbum com 170 modelos escolhidos, do mais fino gosto e absolutamente originais.

CADA um desses 170 modelos é acompanhado do respectivo risco em tamanho natural.

"LINGERIE"

Traz ainda em suas 48 páginas indicações, sugestões sobre pontos, linhas, côres, etc., constituindo um belo presente e um útil conselheiro.

PRÊÇO 10\$000

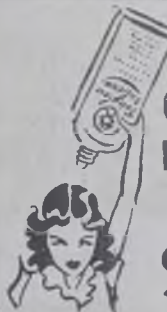
Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância em Vale Postal, Carta Registrada ou mesmo selos do correio. Aceitamos encomendas pelo Serviço de Reembolso Postal, para as localidades servidas por esse sistema de cobrança. — PEDIDOS à S. A. O MALHO -- Trav. Ouvidor, 26 -- C. Postal, 880 — RIO. À VENDA NAS LIVRARIAS.



Nós lhe recomendamos...



Casa Muniz
CRISTAIS E
PORCELANAS
RUA DO OUVIDOR, 102



CASPA ?
QUEDA DE CABELO ?
PETROLEO SOBERANA
SÓ
SOBERANA

Um corte
ou um terno
de
Aurora
"A CASIMIRA PERFEITA"

POMADA SECATIVA DE
S. LAZARO



É o remedio 100%, mais eficaz no tratamento de qualquer molestia da pele, como sejam: Feridas, Manchas, Espinhas, Cravos, etc., etc.

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
DR. FRIDEL

(CHEFE DA "CLINICA DR. WITTRÖCK")

Tratamento dos vômitos, diarréia, anemia, fastio tuberculose sífilis e moléstias da pele.

RAIOS ULTRA - VIOLETA
Rua Miguel Couto, 5 — Tel. 22 - 0713




Este sim
é o melhor!
SPALT
DE EFICIENCIA
COMPROVADA
contra
DORES GRIPES
RESFRIADOS



PROLONGUE
A VIDA DE
SUA CANETA
USANDO

Tinta Sardinha
A TINTA SUPER FLUIDA



Que bom!
QUEIJO?
SÓ
DORA

Mão estomago,
má saúde!
AS
PILULAS DE
REUTER
garantem-lhe a
digestão perfeita e, portanto,
uma vida sadia




BOLSAS
CALÇADOS
CARTEIRAS
CINTOS
Henry Marcel
Rua Miguel Couto 45
(Ourives)
Tel. 23-6374
FABRICAS PROPRIAS

DR. RAUL PACHECO

PARTEIRO E
GINECOLOGISTA

OPERAÇÕES DE VENTRE
E SEIOS. RADIUM, ETC.

Rua Senador Dantas, 46-1.º andar
Tel. 42-6853 e 26-6729



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES
SENUN



CASA ITALO BRASIL
A MAIOR ORGANIZAÇÃO
BRASILEIRA EM OTICA
OTICA-FOTOGRAFIA
CANETAS TINTEIROS
RUA BUENOS AYRES, 210
Tls. 43-7737 - 43-2315
O RECORTE DESTE ANUNCIO
VALE O DESCONTO DE 10%.

PARA A SUA SAUDE E O SEU REPOUSO:
QUISISANA HOTEL

POÇOS DE CALDAS

IMPERIAL HOTEL

LAMBARY

Informações:
Edificio REX 9º and.
Sala 504
Tel. 22-8554 - Rio.



PAGUE MENOS!
RADIOS E RADIOLAS
"PHILCO" "PHILIPS"
"RCA-VICTOR" E "ZENITH"
VENDAS A VISTA E A PRAZO SEM FIADOR
Radio Continental Ltda
RUA RODRIGO SILVA 36-228019




CLIN LIMPA
TUDO
E LIMPA MELHOR
ABEL DE BARROS & CIA
Buenos Aires, 233

DOENÇAS DAS
SENHORAS
Dr. Moisés Fisch

VIAS URINARIAS - Cirurgia -
Tratamento rápido e moderno Consultório: Rua da Assembléia, 98, 7.º and. Ed. Kanitz. - Diariamente, das 13 às 16 hs. Fone 22-1549.



CERA NATAL
CONCENTRADA
PARA
SOALHOS,
MOVEIS E COUROS
BRILHO INCOMPARAVEL
NAO INFLAMA



NOIVAS
ENXOVAL
15 PEÇAS POR 78\$
95
URUGUAYANA
A NOBREZA

O guia

PARA AS FUTURAS MÃES

SÃ MATERNIDADE



Um livro útil, mesmo necessário a tôdas as senhoras que vão ser mães

PREÇO

12\$000

Obra do notavel ginecologista Dr. Arnaldo de Moraes, professor da Universidade do Brasil

Pedidos com as importâncias ou pelo Serviço de Reembolso Postal, á S. A. "O Malho" - C. Postal, 880

RIO DE JANEIRO

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



TRANSPIROL

A NOSSA CAPA

"A despedida" é o nome do quadro de Eliseu Visconti, que hoje publicamos na nossa capa.

E' trabalho de mestre, como se pôde ver facilmente. Belo, como pintura, impressionante, como sentimento. Eliseu Visconti, aliás, é um dos expoentes da pintura brasileira. Há muitos anos, seu nome gosa de um merecido destaque, entre os nossos maiores pintores de todos os tempos. Sua obra é vasta e é bela, e é representada por trabalhos de grande valor. Entre êles, citamos as decorações do "foyer" e da platéia e o pano de boca, todos do Teátro Municipal.



A menina Josely, de dois anos, filhinha do casal José de Freitas Ribeiro-Ely Barreiros Ribeiro, residentes em Teófilo Otoni -- Estado de Minas Gerais.



Nosso leitor, Cesar Rosa Coronel, alto funcionário do Banco de Crédito e Agrícola do Espirito-Santo, residente em Vitória.

Leiam

CINEARTE

A melhor revista cinematográfica

Dr. Telles de Menezes
CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, etc.
Rua Gonçalves Dias, 84, 5º s. 504-5

Das 15 ás 18 horas. — Tels: Consultório 23 - 3147. Res. 42-1948

CASEMIRA



"O PANO QUE NÃO ACABA"

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
JOSÉ MARIA BELLO

ANO XLI — NÚMERO 30
JULHO — 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano	35\$000
Seis meses	18\$000
Número avulso	3\$000
Número atrasado	4\$000

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26

Caixa Postal, 880 — Tels. 23-4422 e 43-9453

Oficinas

RUA VISCONDE DE ITAÚNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 74 PÁGINAS

UM TEATRO DE EMOÇÕES

Eis o que a RÁDIO SÃO PAULO proporciona agora aos seus amáveis ouvintes. Não deixem de ouvir, com início às 21.00 horas, todas as 3.as, 5.as e sábados, os emocionantes capítulos do notável romance de ALEXANDRE DUMAS,

OS TRES MOSQUETEIROS

Radiofonização de GILBERTO SOUTO, com a supervisão de

ODUVALDO VIANA

Não deixe de ouvir e emocionar-se com os capítulos emocionantes de um livro que foi universalmente folheado e que é sempre novo pelas sensações que produz.

Não se esqueça! Todas as 3.as, 5.as e sábados, das 21.00 às 21.30, ao microfone da

RADIO SÃO PAULO

onde

TODAS AS HORAS SÃO BÔAS



Representações oficiais e sociais de S. Paulo durante o "cock-tail", na Cruzeiro do Sul.



Maria de La Fuenster, recebida pela Rádio Cruzeiro do Sul



O Sr. Juracy Barra proferindo a oração oficial, da comemoração do 10.º aniversário de P. R. B-6.

AS COMEMORAÇÕES DO 10.º ANIVERSÁRIO DA RADIO CRUZEIRO DO SUL DE S. PAULO

A SIGNIFICAÇÃO DA AUSPICIOSA DATA — A SOLENIDADE DO DIA 30 DE MAIO — A ORAÇÃO DO SR. JURACY BARRA — OUTRAS NOTAS:

sileiro; encerrando as programações especiais, Maria de La Fuente, do rádio e do cinema argentinos, numa esplêndida temporada portenha.

Transcorrendo a festiva data no dia 30 de Maio, p. p., a Rádio Cruzeiro do Sul, por esse auspicioso motivo, realizou na sala da superintendência da emissora uma sessão solene, comparecendo à mesma altas figuras

representativas do mundo oficial e social de S. Paulo, e particularmente da imprensa e publicistas, além de pessoas gradas. Durante a solenidade, o Sr. Juracy Barra, Superintendente de P. R. B-6, proferiu o discurso oficial, magnífica peça oratória em que patenteou a sua fecunda e incansável ação, junto à próspera emissora. — Demonstrando largos conhecimentos sobre o rádio no Brasil, o Sr. Juracy Barra teve em toda a sua magnífica exposição tópicos interessantes, mostrando a situação privilegiada da Rádio Cruzeiro do Sul nestes últimos tempos; a vida radiofônica no setor econômico, para muitos um mito, dando

apenas entusiasmo para uma grande parte dos que trabalham para o rádio, sem nenhum resultado financeiro; o grande problema da ligação do rádio à imprensa, motivo de inúmeras campanhas da sua administração, e que lhe dava naquele instante a satisfação de louvar a oportuna e brilhante atuação do Estado Novo, quando o Presidente Vargas toma inúmeras iniciativas no sentido dessa benéfica aproximação; aqui, salientou que para um futuro próximo teremos grandes resultados deste empreendimento. — Depois de reafirmar a sua confiança na atual evolução da radiofonia no Brasil e seu alto propósito de continuar a prestar seus melhores esforços para maiores realizações, agradeceu ao grande público a colaboração emprestada em todas as épocas da vida da Rádio Cruzeiro do Sul, estendendo seus agradecimentos a todos os colaboradores daquela emissora. Seguidamente foi oferecido um "cock-tail" aos presentes, proseguindo-se a irradiação especial das comemorações, com grande número de assistentes.

A Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo, comemorando o seu décimo aniversário de fundação, apresentou ao público paulistano os mais empolgantes espetáculos radiofônicos de que se tem memória na história do rádio brasileiro.

A emissora que se desenvolve magnificamente numa série fecunda de grandes realizações, apresentou uma sequência de novos e excelentes programas, e temporadas de "cartazes" nacionais e internacionais. Durante essas comemorações, cuja duração se destendeu por todo o mês de maio, pudemos assinalar o brilhantismo da temporada Waldomiro Lobo, humorista brasileiro, — Orlando Silva, grande "cartaz" do rádio nacional, que recebeu do público paulistano uma consagração jamais consignada na sua carreira artística, e mesmo no rádio bra-



O MALHO



Aspecto do grande espetáculo radiofônico, comemorativo do 10.º aniversário de P. R. B-6.

Aspecto da multidão que aplaudiu Orlando Silva, na sua temporada.

REFLEXÕES

Esperar é ainda o melhor bem que a vida reserva às criaturas pacientes.

Saber esquecer : eis o que é mais difícil a certos corações humanos.

Com os desejos que não realizamos é que construímos, muitas vezes para a felicidade alheia.

Pior surdo é o que só escuta o que he agrada.

WALICE

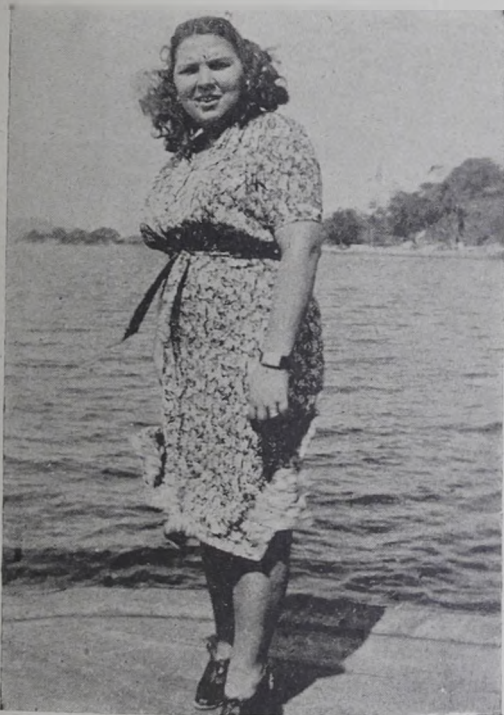
AS NOVAS INSTALAÇÕES DO "STUDIO MAMED"



Mamed, o "fotografogentleman"

Inaugurando oficialmente as novas e confortáveis instalações do seu *studio*, que é preferido pelos nossos intelectuais e artistas, em amplo salão do 8.º andar do edificio da Associação dos Empregados no Comercio, à av. Rio Branco, 120 (sala 834)

— o festejado fotografo Mamed ofereceu aos seus amigos da imprensa um *cocktail*, tendo sido muito felicitado pelo gesto artistico com que arranhou seu concorrido *atelier*.



Senhora Iolanda Chaves Lopes, esposa do Sr. José M. Lopes, residente nesta cidade, em um instantaneo feito ao regressar de um passeio a Paquetá.

Nada de GINÁSTICA TORTURANTE



A estética, em geral, e particularmente a aplicada ao corpo humano, constituiu sempre o motivo de muita admiração, de muitos esforços e de muita felicidade. Atualmente, todos os povos cultuam ainda mais o belo, impulsionados pela cinematografia, pelas exigências da elegância praiana e pelos concursos de beleza.

Um corpo harmonioso constitui, entretanto, um dom parcamente distribuido pela mãe Natureza, e daí a ansiedade de muitas almas torturadas por corpos rotundos e disformes.

Para atingir esse objetivo estético, todos os processos são mais ou menos empregados, desde a charlatanesca e prejudicial ingestão do vinagre até à ginástica sem técnica, rude, imoderada e martirisante, apenas suportada na doce ilusão de que ela tenha o poder miraculoso de regularizar permanentemente o regime das trocas orgânicas e, conseqüentemente, a distribuição dos tecidos adiposos.

Felizes são, porém, os que sabem ter a Ciência permitido, agora, aos gordos a dispensa desses paliativos de efeitos efêmeros e até perniciosos, com a oferta do preparado "*Lenogin*", o único medicamento de base opoterápica; capaz de normalisar os fenômenos metabólicos do corpo e, portanto, assegurar uma regular e sadia distribuição de tecidos gorgurosos no corpo. No Departamento de Produtos Científicos, à rua Alcindo Guanabara, 17-5.º andar — Rio de Janeiro, são prestados, mediante correspondência ou verbalmente, todos os esclarecimentos solicitados. Nas principais drogarias é fácil obter, gratuitamente e elucidativa literatura sobre o assunto. "*Lenogin*", graças à sua composição de extratos e hormônios glandulares, associados ao substratum de algas marinhas e essências vegetais, dá ao corpo a harmonia, a beleza e a graça, que os antigos pintores e escultores idealisaram na tēja e no mármore.

NOVA FIRMA INGLESA QUE INICIA SUAS ATIVIDADES DIRETAMENTE NO BRASIL

"MACLEANS E A SUA PASTA DENTIFRICIA"

Apezar da guerra, continuam chegando da Inglaterra remessas e mais remessas de matérias primas e de produtos farmacêuticos.

J. C. Eno (Brazil) Ltd. os fabricantes do famoso "Sal de Fructa" "Eno" depois do sucesso do lançamento do "Brylcreem", mais perfeito fixador do cabelo — de fabricação de *The Country Perfumery Ltd.*, acabam de receber também da Inglaterra uma grande remessa não só de "Brylcreem" para atender à aceitação que vai tendo, como de Pasta Dentifricia Macleans" de fabricação da Companhia inglesa

Macleans Ltd. É a pasta de maior saída no Imperio Britânico e essa aceitação pelo publico inglês cinge-se à sua fórmula perfeita e completa que lhe dá as verdadeiras prerrogativas de "pasta" científica" pelos seus efeitos terapeuticos eficientes. A pasta Dentifricia "Macleans" contém peróxido, magnésia, etc. indispensaveis aos efeitos bons de uma pasta perfeita.

A pasta Dentifricia "Macleans" é de representação do "Sal de Fructa" Eno, com laboratórios à rua General Bruce, 156/172, no Rio e se vende em qualquer perfumaria, drogaria ou farmacia.

NEM TODOS SABEM QUE ...

DE ONDE VIERAM OS DEDAIS ?

Os dedais, invento que se origina da Holanda, faziam-se, no principio, de vidro e de madrepérola. Na China, fabricavam dedais de madrepérola, lindamente gravados. Trazidos à Inglaterra, em 1695, os dedais constituíam-se somente de ferro e de cobre mas, em tempo bastante recente, começaram a ser feitos de ouro, prata, aço, chifre, marfim, e madrepérola, engastados em ouro e com fundo de ouro. Hoje, o seu uso generalizou-se.

A DESCOBERTA DO PETRÓLEO

O petróleo, que devia chegar, em nossos dias, a ser fonte de tão grande riqueza para a América do Norte, descobriu-o, em 1629, um obscuro franciscano. Naquela época, o frade não podia suspeitar a importância que viria a possuir o seu descobrimento. Só consideravam o precioso óleo mineral, sob o ponto de vista dos seus bons efeitos no tratamento do reumatismo, o qual, em compensação, êle agora não cura.

A MAIOR IGREJA DO MUNDO

Qual a maior igreja do mundo? Segundo as estatísticas, a de São Pedro, de Roma, que pôde conter maior número de fiéis. A sua capacidade atinge 54.000 pessoas.

A PRIMEIRA BONECA

A boneca nos parece naturalmente, o primeiro brinquedo que surgiu, com a primeira criança. Não existe documento algum, que possa indicar a data do aparecimento da primeira boneca. Nos túmulos dos antigos egípcios, encontram-se no entanto, pedaços de madeira grosseiramente esculpidos e com rudimentares articulações, que outra coisa não representam senão o brinquedo

favorito dos pequenos do Egito. Assim, a boneca já existia, quatro mil anos antes da nossa era.

A INVENÇÃO DO ARADO

Todos os povos assinalam os seus inventores para os instrumentos de lavoura. Os Egípcios, diziam devê-los à Osiris. Os Fenícios, à Dagon, que passava por ser filho do Céu. O Grego, à Ceres, rainha das Sicílias e que presidia às colheitas abundantes. No principio, o arado não se compunha mais do que um pedaço de madeira muito largo e curvo, de modo que uma parte entrava na terra e a outra servia para fustigar os bois. O arado com rodas se atribue aos Gauleses, pois que os Romanos usaram um arado muito simples.

A RARIDADE DE TÓKIO

O viajante não precisa se esforçar por trazer do Japão, lembranças de mil coisas raras e exóticas. Os costumes e os usos falam de outra sensibilidade. Mas, em Tóquio, existe um templo particularmente notável, pelo fabuloso número dos seus ornamentos. Esse templo possui 33.333 ídolos de mármore.

ORIGEM DAS CARTAS DE JOGAR

A invenção das cartas de jogar é uma questão de arqueologia, difícil de resolver. Há quem a atribua aos Lídios, aos Atenienses, aos Egípcios, mas, o que parece certo é que veio do Oriente. Na China eram conhecidas 1120 anos antes de Jesus Christo. Na Europa já se usavam no tempo de São Luís. Em 1300, na Alemanha e em 1331, já se proibia o seu uso na Espanha. Em França, os antigos baralhos constavam de dezessete cartas, e as figuras representavam a força, a morte, a temperança, e outras. No tempo da República Francesa, os reis foram substituídos por Solon (copas), Rousseau (páus), Catão de Utica (ouros), e valetes representavam Anibal, Décio, Múcio - Scævola e Horacio, as damas as quatro virtudes republicanas.



ZIMOLACTOL
Granado
FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO - ENTERITES
T. TARQUINO

Leiam

Cinearte

A melhor revista cinematográfica

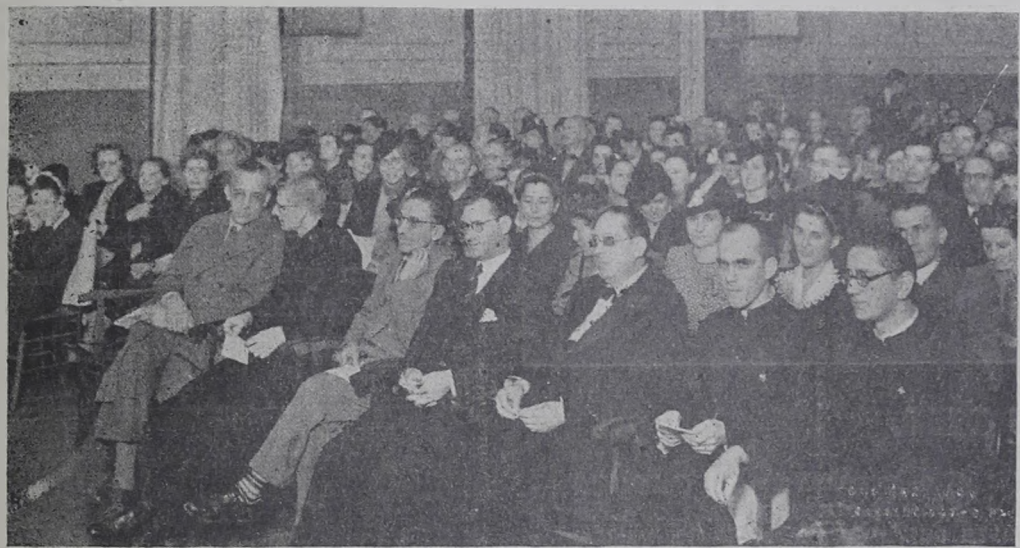
XAROPE
TOSS
AJUDA A COMBATER A
TOSSE E RESFRIADOS
TOSS, SÓ PODE FAZER BEM



VINOVITA
TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS



Dr. Gerson Paula Lima — Dois flagrantes colhidos na séde da Soc. Sc. Supermentalista quando era prestada carinhosa manifestação ao seu presidente, Dr. Gerson Paula Lima, por motivo da passagem do seu aniversário natalício.



Recital de arte em São Paulo — No salão de festas do Liceu Sagrado Coração de Jesus, os alunos da Prof. Mary Buarque realizaram em Maio uma linda festa de arte, na qual, além de músicas brasileiras e panamericanas, se fizeram ouvir graciosos interpretes de nossa poesia.



A vida preciosa

de seu filho pode ser ameaçada por uma perigosa diarreia. Contra este terrível mal existem como remedio sem igual os comprimidos de Eldoformio, um producto da casa «Bayer».

Combata as diarreias com os comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

LEIAM

“ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA”

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

PREÇO 5\$000

MOVEIS DE ESTILO

Grande Sortimento - Preços Modicos

A Renascença

CATETE 55, 57, 59

NESTOR AMARAL E O PUBLICO

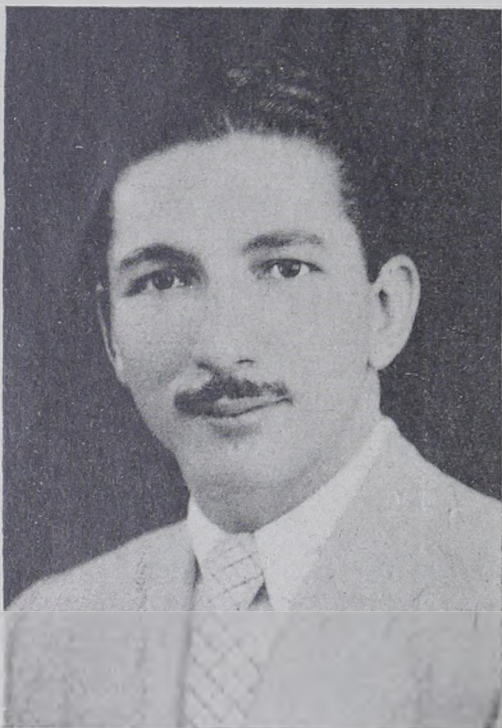


Nestor Amaral é um artista de valor que começou vencendo a simpatia do publico. De vez em quando, como agora se afasta do radio para um repouso preciso. Fomos encontrá-lo no Joquei, assistindo à disputa de um premio animador.

E é perguntado sobre o que pensava do seu publico no broadcasting, foi dizendo :

— Creia que o publico brasileiro se é exigente, tambem é amavel, e sabe estimular. Gosto dele-e sei que ele costuma ser paciente e sincero em seus julgamentos. Consagra, como sabe, se é preciso, torcêr o dial. E se tórce, com amaior facilidade, comenta e analisa o valor, deficiente, ao momento do cantor que vai em declive.

Mas pode crer V., conheço outras platêias estrangeiras, e posso lhe falar de cadeira, pois existem mais exigentes e mais dificeis de conquistar.



RADIO TEATRO

Zacarias Lopes, um dos apreciados elementos, do radio-teatro da — Radio Educadora, cuja atração, de dia para dia, se vem fazendo mais interessante conquistando maior número de fans.

O M A L H O

Opiniões

— Há quem diga que a dupla Jara-raca e Ratinho resolveu cortar um pouco a acídês de suas piadas.

— Linda Batista vai melhorando no rádio : a sua ascensão é rápida e brilhante.

— Heber de Boscoli deve apurar, mais um pouco, a sua maneira de animar os programas. Trata-se de um rapaz de talento, que, com um pouco de boa vontade, poderá ganhar mais um pouco de popularidade.

— E se as peças, bem feitas, de Zaurur, pudessem dispensar aquêles "slogans" do auxiliar do *detective* ?

— A Mairink deu uma prova de bom gôsto contratando, para uma vespéral artistica, o pianista Brailowsky.



JOEL

Eis aí o companheiro de GAÛCHO — o JOEL. É o seu companheiro da famosa dupla do rádio, dupla que tantos êxitos tem conseguido perante o público.

— Sebastião Pinto ainda está em Minas. Eis aí um cantor de muito valor, que não pode vingar no Rio.

— Manuel Reis anda incrível. Seria aconselhavel um descanso conveniente.

— Um número de grande atração na Nacional : Violeta Coelho Neto.

— Dilú Mello foi contratada pela Nacional.

— Luisinha de Carvalho vai reaparecer no rádio através da Rádio Clube.

— Manuel Barcelos vem recebendo maior correspondência que o Frias.

Notas

— Carmelia Alves é uma agradável promessa no rádio como cantora.

— Berliet Junior é, agora, redator exclusivo da PRA-9, posto que conquistou pelo seu merecimento.

— Manuel Barcelos regressou do Rio Grande do Sul, onde estacionou alguns dias.



ESTRELAS QUE SE APAGAM

Assim como há estrelas que surgem no rádio, existem as que se apagam com a máxima rapidez. Surgem fééricas, brilhantes, imprevisivelmente e tambem sem que se espere somem-se num relampago. Talqualmente, como na estrastofera. Observa-se na vida agitada do rádio o mesmo fenômeno.

Muitas vezes uma artista é guindada à fama. Retratos na imprensa, entrevistas, viagens a Buenos Aires, filmagens anunciadas, tudo nervosamente rápido, como se pressentissem já os diretores artisticos a possibilidade do bruxoleio de suas luzes falsas.

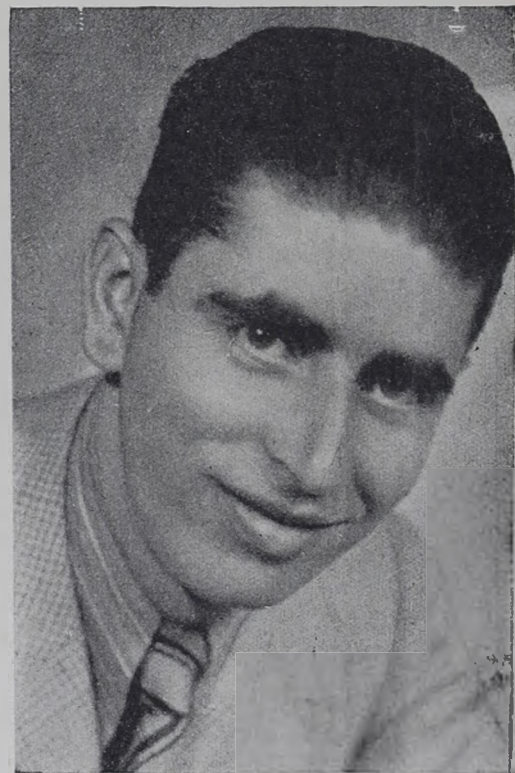
E de repente o silencio, a má vontade, a ausência do "cast" do dia para a noite.

Observava, outro dia, no Nice um poeta dos que fazem samba que há qualquer coisa de maripôsa na alma de uma pequena destas.

E tinha muita razão o rapaz.

Dircinha? Cinara Rios? E outras muitas, onde é que andam os rumores de sua fama merecida ac tempo em que brilharam no mundo efêmero do rádio?

FRANCISCO GALVÃO



HUMORISMO

Onde é que anda o Capitão FURTADO, uma das figuras mais admiradas do humorismo radiofônico ? — Onde é que ele está ?

Tomás Terán "NAS ONDAS MUSICAIS"

Tomás Terán, virtuose do piano, considerado como uma das maiores expressões da Espanha musical, foi o artista contratado para os programas "Ondas Musicais", excelentes horas de arte radiofônicas, patrocinadas pela Liga Brasileira de Eletricidade.

O nome do ilustre artista é consagrado perante as platéias de diversos países da Europa e das Américas do Sul e Central. Em Paris, Terán apresentou pela primeira vez, várias peças do musicista patricio Vila-Lobos, o que se realizou nos famosos salões Erard e Lamoureux. Radicado ao nosso país, onde se encontra há cerca de doze anos, mantém o mestre referido um curso de especialização técnica, e interpretação.

O primeiro recital de Tomás Terán para os referidos programas, realizou-se no dia 2 de Junho, quando foram interpretados os seguintes compositores: Beethoven, Brahms, Scriabin e Falla. O citado programa, foi irradiado pelas PRF-4, E-8, D-2, A-9 e G-3, simultaneamente. Apresentando esse notável artista, a Liga Brasileira de Eletricidade, evidencia, mais uma vez, o seu esforço em prol da cultura musical do nosso povo.



RADIATOR

Vencendo no cinema, ARMANDO LOUSADA, venceu no rádio A Mairink fez bem em aproveitá-lo, pois tem feito — muito pela sua popularidade. —

— Sabemos que vai haver seria fiscalização nas estações de rádio pelo DIP.

— Bidú Reis é um número apreciável do "cast" da Nacional.

— E os programas de almoço da Mairink? Quais são os artistas dados pela sua interferência?

— Lídia Matos vai para a Nacional.

— Podemos assegurar que Cristina Maristani, dentro em breve, cantará em Buenos Aires.



SAMBA

LUISINHA CARVALHO é uma cantora que rebentou por aí com capacidade de vencer. Quizeram abafá-la, mas não puderam. A cantora tem resistência artística.

— Já notaram como o Luís Jatobá está ficando sem saber falar português, lá dos Estados Unidos?

— Olga Prager Coelho está atuando nos Estados Unidos, pelas ondas curtas da CBS.

— Querem vêr o que é concurso de rádio? Ouçam lá as últimas apurações de um destes: Ladeira abaixo de Paulo Gracindo, como rádio-ator; Norka Smith, acima de Cordelia Ferreira, como rádio-atrís; e o programa bem feito do Zarur, policial, em décimo lugar.

Viram?

— "A Hora da mulher", irradiada na Rádio Clube, por Anamaria, é um programa dos mais recomendáveis.

— Galhardo, aquê Galhardo em que o público punha toda a sua esperança, anda numa decadência lastimável.

— Cesar de Alencar é, como locutor-chefe, da Rádio Clube, um exemplo forte de força de vontade.

Breques

— Já repararam como o Anestésio e a família da "Pensão da Pimpinella" estão desprestigiados? Viram como o público desiste do prêmio e deixa de atender direito, com a resposta conveniente, à telefonema convencional sobre determinado produto?

— Quando é que teremos aqui a voz bonita de Pedro Vargas, de quem o público sente saudades?

— Todos esperam as promessas do diretor-artístico da Tupi, sobre os melhoramentos deste ano?



Albertus de Carvalho, escritor e jornalista, que se estreiará, este mês no "Teatro pelos Ares da MAIRINK. Como radio-autor. "Duas Faces da Vida" é o titulo de sua peça que se divide em três atos e um epílogo.

— E as risadinhas contrafeitas ao microfone, que tanto impopularizam o Celso Guimarães?

— Devemos tomar cuidado com a péssima recepção técnica do rádio carioca nos Estados.

— Para que?



SIMONE

SIMONE MORAIS é uma graça viva. A PRA-9 a tem como uma de suas melhores expressões artísticas. E o público gosta imensamente de sua vivacidade.

ALFAIATARIA MAR E TERRA

A maior e a melhor CASA no genero

ROUPAS SOB MEDIDA
ROUPAS FEITAS
CONFECÇÃO ESMERADA

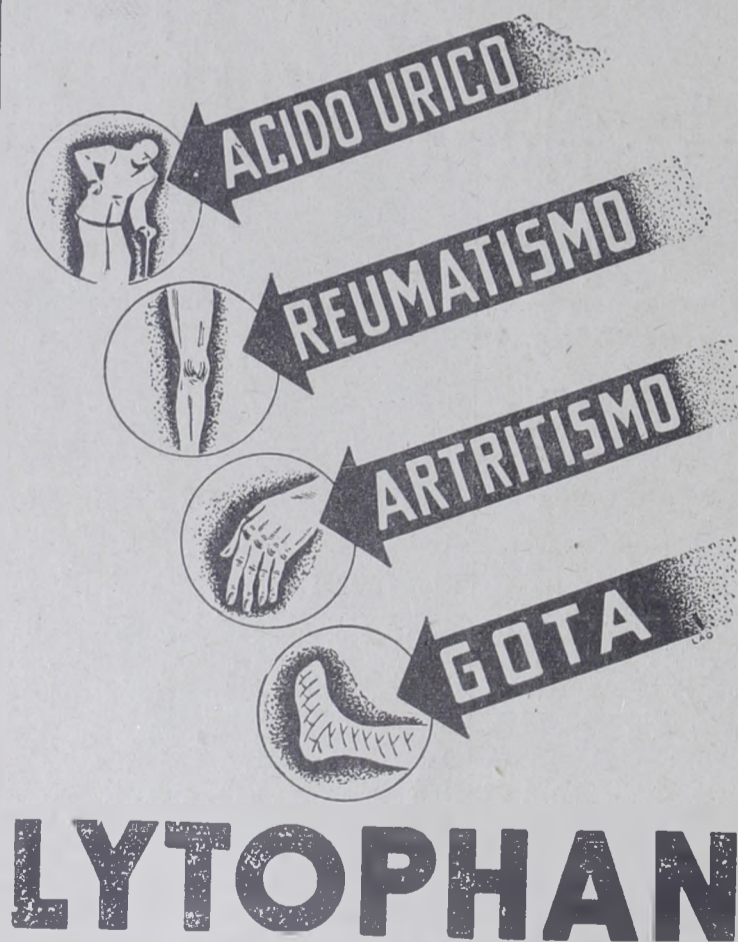
PREÇOS EXCEPCIONAIS

Fradique de Figueiredo & Cia. Ltda.

Avenida Marechal Floriano, n. 42

(Esquina de Andradas)

Tel. 23-3907 — Rio de Janeiro



ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

LIVROS E AUTORES

MANON LESCAUT

Curiosa a carreira literaria do abade Prevost. Antes de escrever o livro que lhe garantiu um lugar impar na historia da literatura brasileira, ele havia publicado outros romances, entre os quais "Deão de Killerine" e "Memorias de um homem de qualidade". São romances repletos de invenções sombrias e melodramaticas, longos e prolixos sem o minimo interesse atualmente. Faltam-lhe, sobretudo, veracidade, interesse humano. São historias engendradas por uma imaginação fertil, mas sem base na vida, sem humanidade, historias, em suma falsas. Por isso mesmo não resistiram ao passar dos anos. Constituem, quando muito ligeiras referencias na biografia do romancista.

Precisamente ao contrario acontece com "Manon Lescaut". Publicada em 1731, esta historia, de amor tem resistido os seculos com o mesmo vigor de quando foi publicada. A explicação é simples: "Manon Lescaut" traz o cunho da sinceridade, da experiencia vivida, do sofrimento suportado. Num crescendo de emoções e de achados tecnicos que até hoje nos surpreendem, vamos tomando contacto, à medida que percorremos este romance com uma humanidade viva e atual, uma humanidade que nos faz esquecer os anos que pesam sobre o volume, tão real e humana ela se nos apresenta. Cumpre salientar, no entanto, a admiravel tradução que Araujo Nabuco fez para a Livraria Martins, de São Paulo, tradução fiel e integral obedecendo às melhores edições originais.

QUE E' PENSAR?

Autorizado pelo Departamento Educacional da Sociedade Cientifica Supermentalista, o Dr. Gerson Paula Lima acaba de editar um pequeno mais interessante volume em que expõe algumas considerações sobre as realidades científicas das leis espirituais em face do supermentalismo.

O autor, que é psicologo de larga visão, produziu um ensaio de reconhecido valor e assim enriqueceu a biblioteca da ciencia super-mentalista com um estudo oportuno e bem feito.

O volume, bem apresentado, contém quasi uma centena de paginas bem pensadas, bem escritas e riquissimas de idéias superiores e conceitos sabios.

"MINHA VIDA"

Chaliapin, nascido em berço humilde, na Rússia dos tsares, onde os modestos de origem raras vezes conseguem escalar as cúspides sociais, ao escrever suas memórias autobiográficas logrou fazer um dos livros mais estimulantes de nossa época.

"MINHA VIDA", d Chaliapin, encerra todo um esplêndido curso de energia. Este famoso autodidata nos mostra a quê pode chegar o indivíduo quando, na luta pela vida, sabe esgrimir bem essas duas armas da vitória que se chamam: vontade e perseverança.

"MINHA VIDA", em interesse, supera o romance, já que a realidade, quando urde episódios suplanta os autores de maior fantasia. Este livro estimulante de Fédor Chaliapin é dos que prendem de tal modo o leitor que o desejo de chegar de carreira até a ultima pagina se torna necessidade.

A versão das memórias autobiográficas do grande cantor Chaliapin, foi esmeradamente feita para a nossa lingua pelo professor Costa Neves. Valorizam-na um belo prefácio de Eloy Pontes e uma capa artistica do pintor Jan Zach. Este livro, caprichosamente apresentado, é uma nova produção da Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.



M A T E R N I D A D E
ARNALDO DE MORAES
PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS

TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem modernissimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistencia a parto por 1:200\$000, com inserção prévia Radioterapia profunda. Raios X, diagnostico. Tenda de oxigenio e Eliot-terapia. Parto sem dor.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

"UM GRÃO DE CAFÉ PASSEIA PELO MUNDO"

Mario Cordeiro acaba de editar um livro para crianças, que foge à vulgaridade dessa literatura absurda em voga em nossos dias.

Empregando a fantasia ingenua, o autor coloca na caça do grão de café, sinteticamente trechos vivos dessa história, incutindo, também no animo da criança, o respeito pelas nossas leis e pelas cousas de nossa pátria, assim como despertando o senso do trabalho e a disciplina além do gosto pelas cousas artistas e nobres.

"Um grão de café passeia pelo mundo" vem relembrar a necessidade inadiável de impedir o abastardamento do caráter dos nossos pequeninos patricios, o que vem conseguindo com anedotas e histórias de importância, em que a força física e os maus exemplos superam a inteligência e a nobreza de sentimentos.

O livreiro-editor Zelio Valverde completou o trabalho do autor, dando ao livro aspecto sugestivo.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

O volume que Zelio Valverde nos manda, agora, entre as suas últimas publicações, intitulado: "Educação Moral e Cívica", e de autoria de Sylvio B. Coelho, é um destes livros que o leitor só abandona depois de lido até a última página. Dedicado às mães, aos mestres, aos incumbidos de educar o moral da criança, contém no seu texto a matéria indicada para a formação intelectual da juventude. O estudo dos símbolos nacionais, a biografia dos grandes homens da nossa história, em todos os setores da inteligência, a explicação das datas do nosso calendário cívico etc., nada foi aqui esquecido, este elegante volume de 260 e tantas páginas, nitidamente impressas e com uma bela capa representando o mapa do Brasil.


PEQUENO DICCIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA

A terceira edição do primeiro dicionário realizado pela Editora Civilização Brasileira, agora posta à venda, em demonstrar quão necessário era para o grande público a existência de um lexico moderno.

Até aqui estudantes e professores, cientistas e burocratas, artifices, etc. só dispunham dos velhos e conhecidos dicionários da lingua portuguesa, a bem dizer estacionados para além de dois ou três decênios, alguns mal e mal consignando raros vocabúlos relativamente novos de riquíssima lingua luso brasileira. Tais obras aliam muito como fonte de consultas puramente filológicas e especialmente em questões de ortografia, antes a simplificação ortografica. Eram, porém, de uma pobreza notavel quando se tratava de um setor como o das ciências, artes, industrias, etc.

Além disso os nossos chamados *brasileirismos* contingente de vocabúlos que tanto enriquecem a lingua de nossos dias, não eram, a bem dizer, registrados nos dicionários portugueses, grandes ou pequenos, novos ou velhos.

Tudo isso foi agora resolvido pelo Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, com a orientação que lhe foi dada, especialmente nesta 3.ª edição. Nenhum outro trabalho desse gênero apresenta neste momento caráter de maior atualidade. Vocabúlos hã ali sempre consignados em qualquer outro Dicionário da lingua e mesmo nos idiomas estrangeiros.



CENTRO LOTERICO
distribue verdadeiras fortunas
em bilhetes e apolices vendidos
em seu balcão,
na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9



O MEU SEGREDO!

O uso das PASTILHAS MINORATIVAS restituiu-me a alegria e bem estar. Esse produto é um laxativo suave para todas as idades. Siga o meu conselho e tome

Pastilhas
MINORATIVAS
CONTRA A PRISÃO DE VENTRE

Banco Brasileiro do Comércio S/A.

(Antigo Banco dos Funcionários Públicos)

52 Anos de existencia

Matris :
RIO DE JANEIRO

Filial :
SÃO PAULO

R. do Carmo, 57/59

R. Alv. Penteado, 49/53

Sede Própria

Sede Própria

DEPÓSITOS — CAUÇÕES — DESCONTOS
COBRANÇAS — ORDENS DE
PAGAMENTO

C/C Populares — (até 10:000\$000) 5 % a.a.

C/C Limitada — (até 50:000\$000) 4½ % a.a.

C/C Movimento — (sem limite) 3 % a.a.

C/Aviso Prévio — (sem limite) 5 % a.a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

12 meses 7 % a.a.

12 meses c/renda mensal 7 % a.a.

6 meses 6 % a.a.



EM AGOSTO :

EDIÇÃO ESPECIAL DE

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA AÇÃO PACIFICADORA DO DUQUE DE CAXIAS EM 1842

Edição oficializada pela Comissão Organizadora dos Festejos Nacionais comemorativos

Com mais de 200 páginas, trazendo tricromias, doublés, e colaboração selecionada, além de farta documentação sobre Caxias e os movimentos de 1842.

PREÇO: 20\$000

Pedidos, desde já, à S. A. "O MALHO" — Trav. do Ouvidor, 26 — RIO

SACRIFICIO COMUM

EM setembro de 1939, quando começou a guerra entre a Alemanha e a Polônia, pouca gente teve a previsão de que estava que a luta se restringiria à Europa, porque os povos dos outros continentes nada tinham a ganhar com as lutas do Velho Mundo. Bastava a experiência da guerra passada.

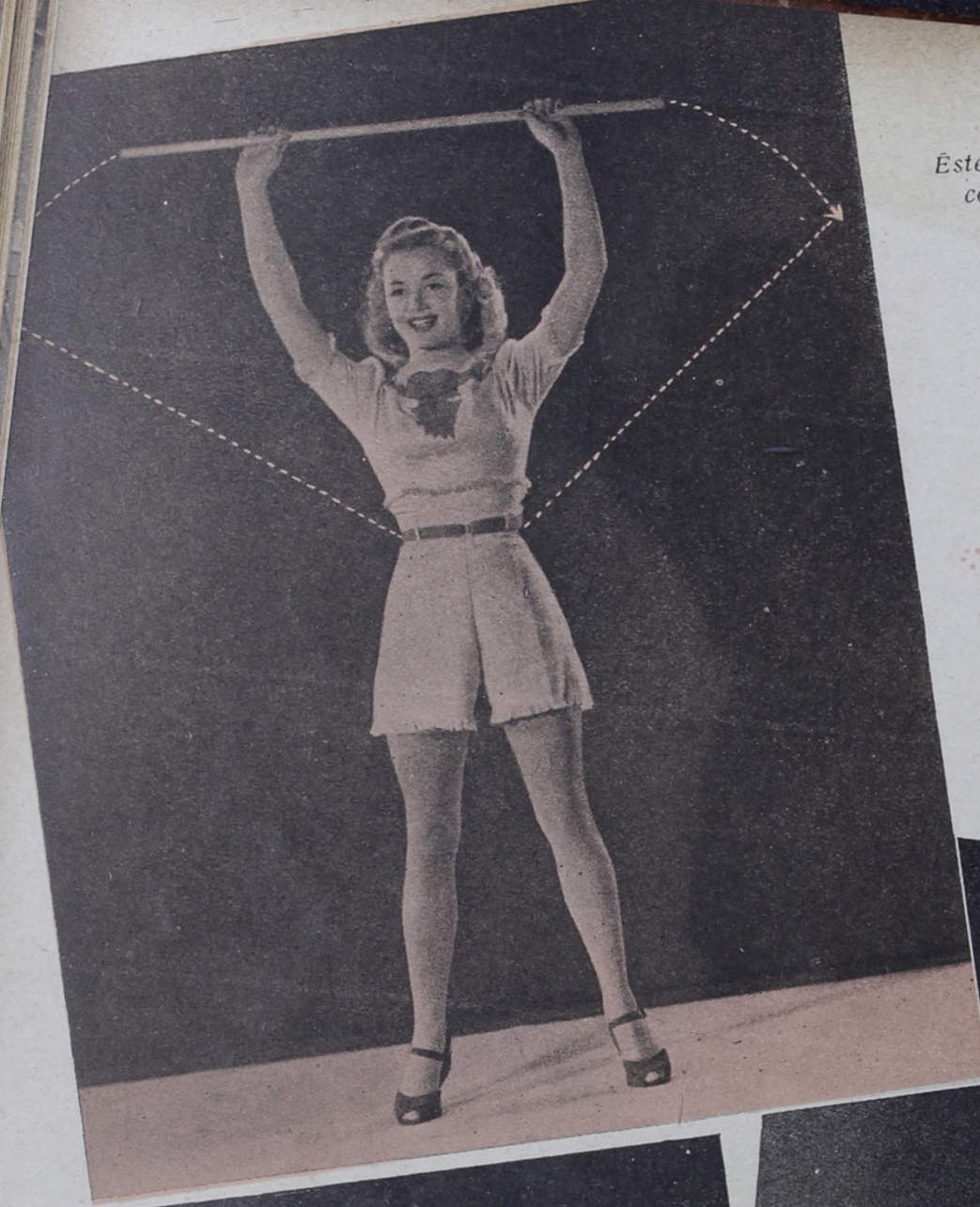
Mas a luta alastrou-se, pouco a pouco, por toda a Europa, envolvendo povos que nada mais desejavam do que manter a sua paz e preservar a sua neutralidade, povos tradicionalmente pacíficos e prudents. E estendeu-se à África. E, atravessando o Mar Vermelho, a guerra atingiu a Ásia. Cada ano, um continente. E em fins de 41, acabou de abarcar o Oriente e chegou à Oceania e à América.

Muito poucos desses povos que foram envolvidos pelo conflito desejaram a guerra, a não ser as três nações agressoras cuja única preocupação fôra, nos últimos anos, a criação de grandes forças de ataques destinadas à conquista e ao domínio do mundo.

Nos quase quatro anos que dura o conflito, já se sacrificaram milhões de vidas humanas; já se devastaram milhões e milhões de quilômetros quadrados das melhores terras do mundo; já se destruíram riquezas que, repartidas, dariam para levar a fartura e a bonança a todos os lares pobres do nosso tempo. A humanidade inteira está hoje em luta entre si, e não pensa e não age e não trabalha senão para a guerra. E' como se a maldição houvesse caído sobre os homens, e uma força superior os impelisse uns contra os outros. Só assim se explica que tantas nações ordeiras que se desenvolveram no amor da paz, no respeito aos vizinhos, no horror à carnagem e ao saque tenham sido arrastadas à mais desumana de todas as guerras.

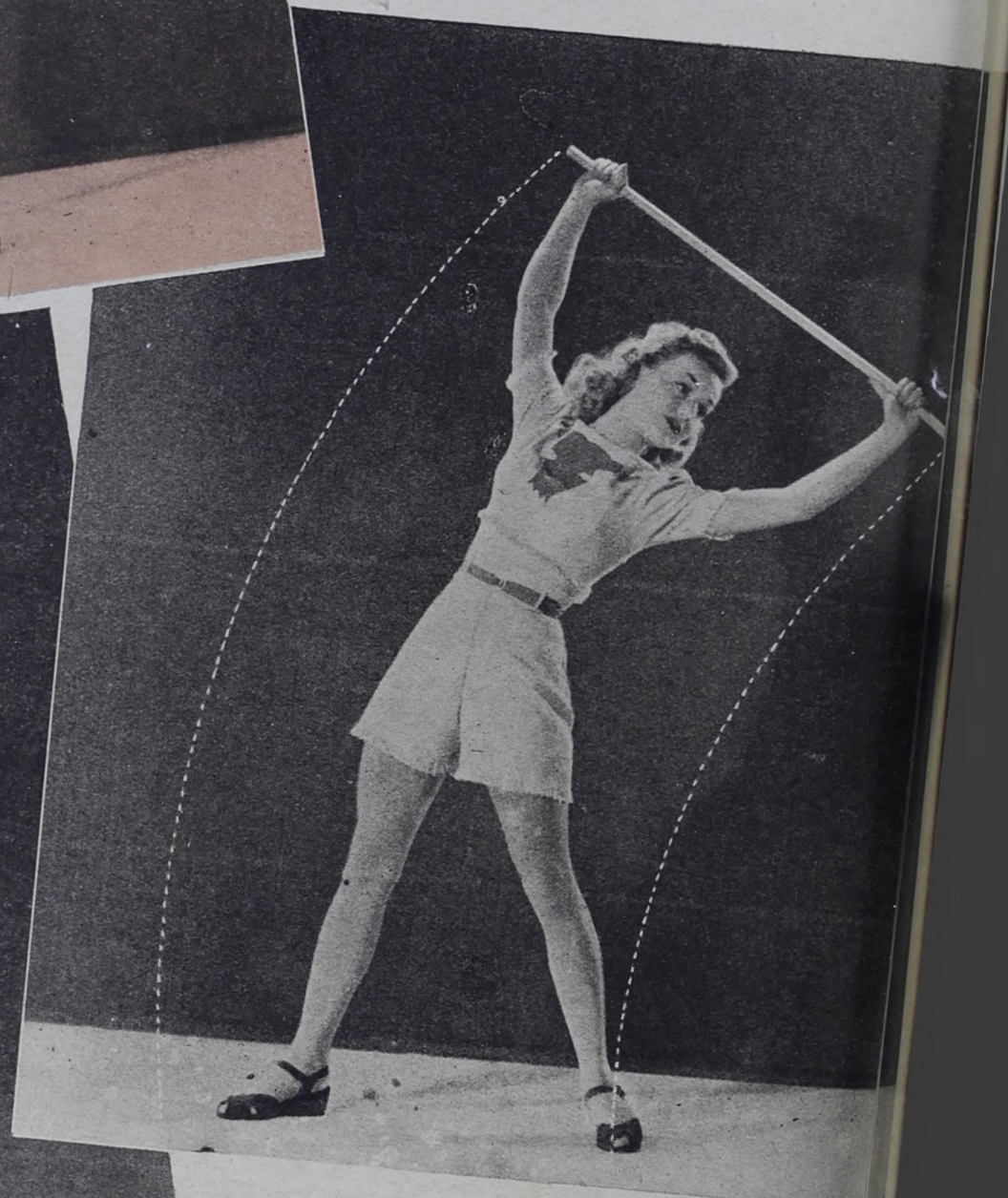
Sabemos, porém, que está em jogo o futuro de muitas gerações, que nesta luta está comprometido o próprio destino da humanidade por muitos anos e talvez até por vários séculos. E é por isso que nós, brasileiros, povo de índole pacífica, como os holandeses, os noruegueses ou os norte-americanos, aceitamos os sacrifícios que a hora nos impõe, para a defesa da civilização penosa mas indispensável, e crenças imortais sobre os quais organizamos nossa vida.





Este movimento é o mais fácil. Vejam como Ann o executa sem esforço...

Vamos fazer
Ginástica?



Este... Bem: este, se o aluno já tiver passado dos 40, e tiver um começo de obesidade... Vamos vêr os outros?

Se o aluno não acertar a fazer este, de quem a culpa? Quem manda Ann Shirley ser tão interessante?

TEMPOS houve em que seria verdadeiro escandalo uma linda creaturinha como esta fazer ginástica. A prática do exercício fisico era vedada às mulheres e mesmo os homens não eram lá muito afeiçoados a tais... excessos.

Os *instrutores* ou mestres de exercicios corporais eram individuos abrutalhados, de torax incrivelmente grande, musculoso e peludo, e tinham grandes bigodes que lhes escorriam em guias fartas pelos cantos da boca...

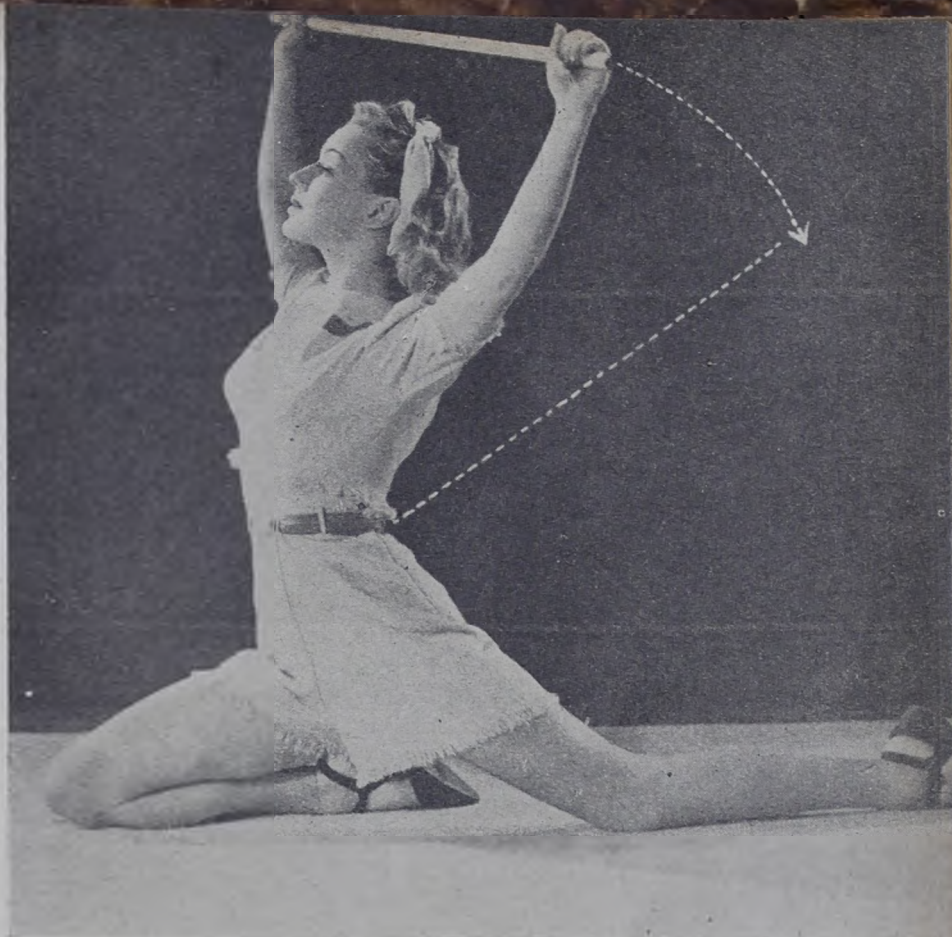
Hoje, a coisa é outra. Melhorou muito, como vêem...

Aqui está Ann Shirley, que vocês conhecem da té'a, oferecendo-lhes cinco lições de ginástica e melhor convite para a matricula no seu curso não pôde haver do que seu sorriso encantador.

Vamos, leitor amigo. Deixe o comodismo de lado. Arranje um bastão. O cabo da vassoura serve... E venha depressa que Ann Shirley está convidando:

— Vamos fazer ginástica?

O que faz falta, aqui, é um escultor, para modelar no marmore esta pôse magnifica



Fizeram tudo direitinho? — parece pergunta: a deliciosa "instrutora"...



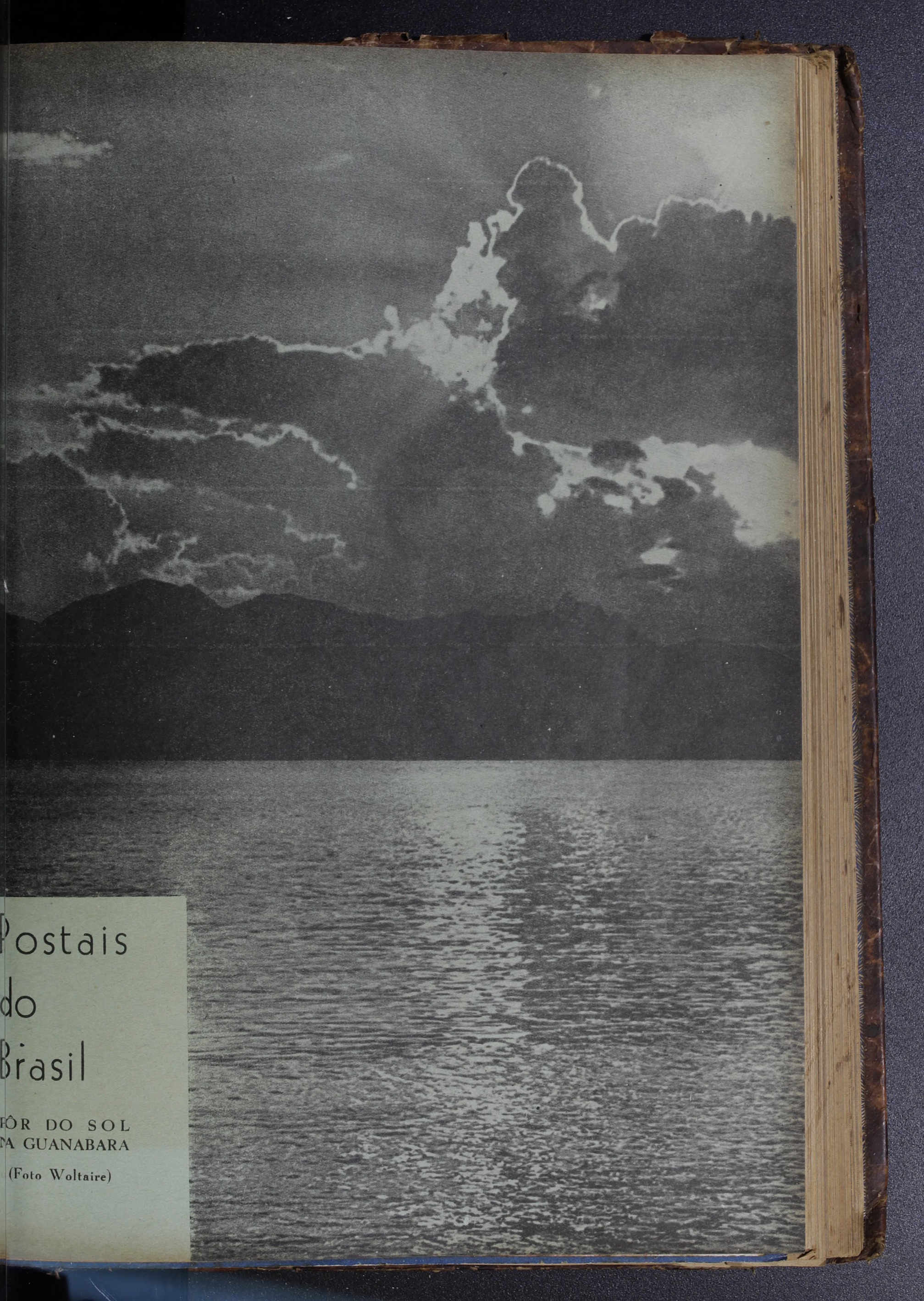
NO JOCKEY CLUB



FLAGRANTES apanhados na "pelouse" e nas arquibancadas do Jockey Club Brasileiro, onde se reúne a melhor sociedade do Rio nas *matinées* de sábado e domingo.

Vê-se em um deles o ministro da Aeronáutica, Dr. Salgado Filho, que é o presidente daquela prestigiosa sociedade hipica.





Postais
do
Brasil

FÔR DO SOL
NA GUANABARA

(Foto Voltaire)



O Poder Criador do Mal...

tra minas submarinas, com uma dupla rede de lâminas de aço que, articulada ao longo de toda a quilha, poderia ser, mais ou menos, deslocada rapidamente do navio por meio de um dispositivo muito simples de polias e cabos. Motivo por que não foi adotado: o engenho era muito interessante, mas diminuiria extraordinariamente a velocidade do navio.

NOTÍCIAS vindas, há tempos, dos Estados Unidos, diziam, com aquela simplicidade genial tão característica dos yankees, que os técnicos navais americanos haviam inventado um novo gênero de couraçados, totalmente envoltos de uma imensa cobertura de aço, para evitar os estragos produzidos pelas bombas de alto poder, lançados pelos aviões de guerra, quando em combate. Ora, algumas linhas abaixo dessa nota realmente sensacional, lia-se que essa espécie de navios de batalha fôra considerada por outros técnicos, também da admirável U. S. A., como ineficiente, pois o peso enorme das suas couraças prejudicaria, de certo, a velocidade ascensional da sua marcha.

E assim... o novo "dreadnought", segundo parece, ficará apenas no desenho de quem o imaginou, com seus reflexos metálicos feitos a "guache" sôbre o fundo negro do nankim...

Esta observação de passagem dá-nos oportunidade para lembrar algumas outras invenções de técnicos navais europeus que tiveram o mesmo destino dessa concepção

efêmera, a qual não passou da cartolina em que foi objetivada.

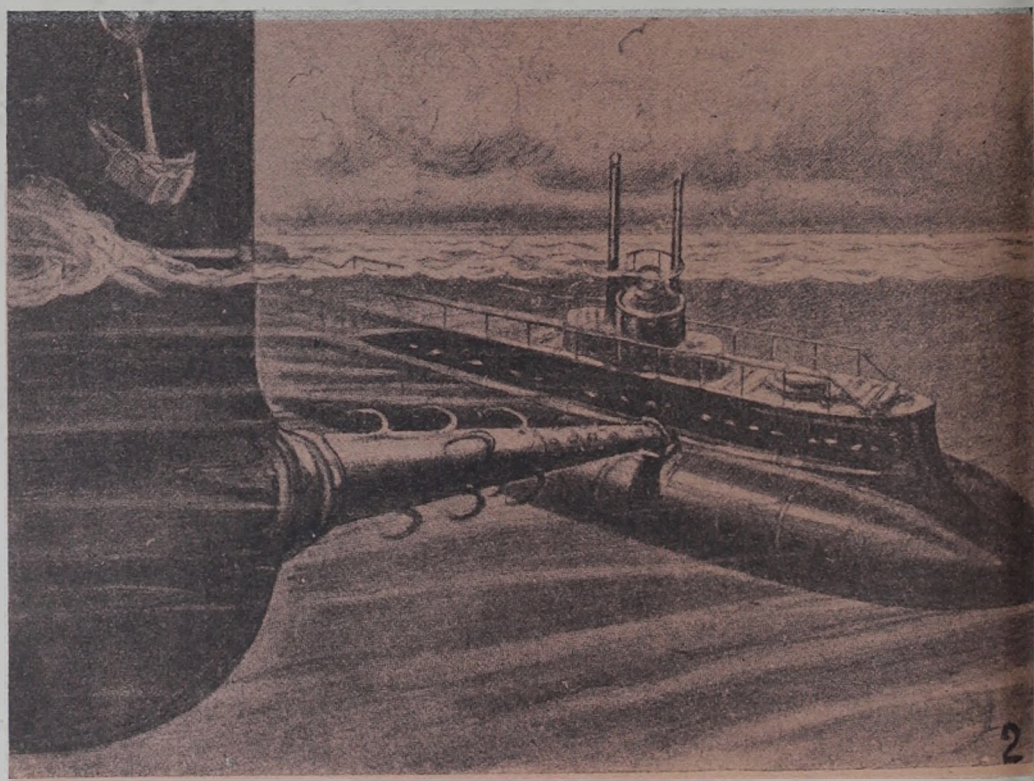
As gravuras que enchem estas páginas são bastante sugestivas para despertar nos leitores uma idéia de quanto eram "impressionantes" as invenções frustradas de que falamos.

FIGURA 1

Tipo de couraçado protegido con-

FIGURA 2

O "esporão-dardo com gás asfixiante". Arma terrível, suficientemente forte para arrombar os cascos de aço mais espessos. Fixado na quilha dos navios de guerra ou dos vapores mercantes, penetraria fulminantemente nas couraças dos sub-



marinos que viessem atacá-los, projetando ondas de gases tóxicos, que asfixiariam toda a tripulação inimiga. Por que não pegou?

Porque era demasiado "infantil" para ser digno de atenção. Deveria ser idéia de algum Barão de Münchhausen atacado de mania guerreira... "Pois, — observa um comentador — logo que a água do mar fizesse irrupção no compartimento dos acumuladores, ficaria eletrolizada, isto é, decomposta quimicamente pela corrente elétrica, visto que entre os elementos produtores da sua decomposição figura o clóro, que entra, em larga escala, na fórmula dos gases asfixiantes usados na guerra terrestre". Como se vê, para que a tripulação de um submersível morra asfixiada basta a simples penetração da água do mar através de um rombo feito no casco por um projétil qualquer. Para que, então, gases asfixiantes injetados por "esporões-dardos" que naturalmente, trariam não poucos embaraços para o equilíbrio e a rapidez da embarcação?...

FIGURA 3



Concepção também "impressionante". Consistia êsse invento num tubo colocado na prôa ou na pôpa do navio: quando os torpedos fôssem arremessados ao casco deste, pelos submarinos emergidos da superfície do mar, imediatamente um jato poderosíssimo de água ou de ar, sob a pressão de formidáveis bombas centrífugas, os repeliriam com tal impulso que êles voltariam "groggy" para o ponto de partida... E' uma criação genial, não é? Mas, por que não foi adotada? "Porque — responde-nos um técnico, fria-

mente, — a corrente propulsão, para dar resultados positivos, teria de ser tão violenta que, sem dúvida, provocaria uma reação dinâmica na marcha do navio, anulando-lhe a força das helices e obrigando-o a seguir, com incalculável velocidade, em sentido contrário ao de seu rumo. E isto o poria em contacto com as minas, os recifes... Compreendeu?

FIGURA 4

O "avião-submarino". Essa extraordinária máquina de guerra anfíbia dobra suas asas, automaticamente, junto ao seu casco de aço, assim que pousa nas águas, e, logo em seguida, mergulha facilmente, como o mais comum dos submersíveis... Maravilhoso, êsse invento. "Apenas, — diz um conhecedor do assunto — convém observar quanto essa síntese imprevista é, a priori, irrealizável. Há, com efeito, uma oposição quase absoluta entre os dados de construção que se impõem ao bom êxito de um aeroplano e de um submarino. O primeiro é, por necessidade, tão leve quanto possível; o segundo é obrigatoriamente pesado, pois a sua densidade deve ser semelhante à da água do mar. Essas duas exigências são materialmente irreconciliáveis."

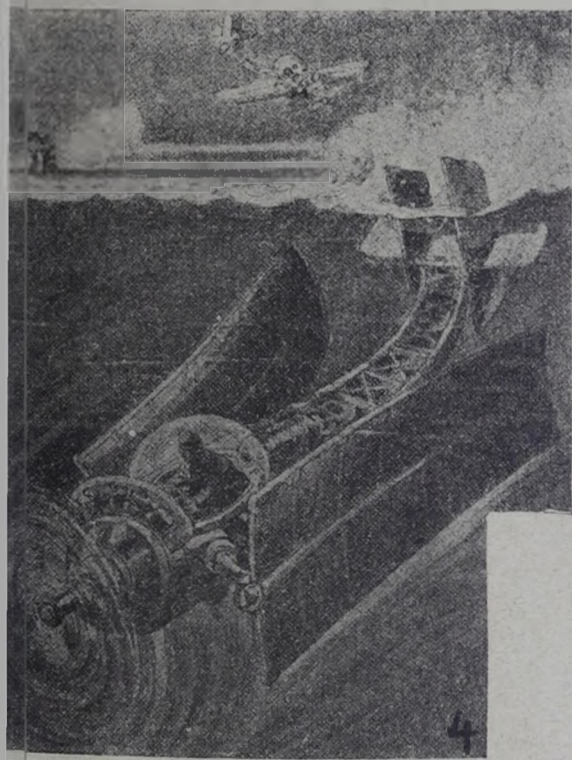
Ah! Êsses técnicos! Quanto êles desiludem os pobres inventores!

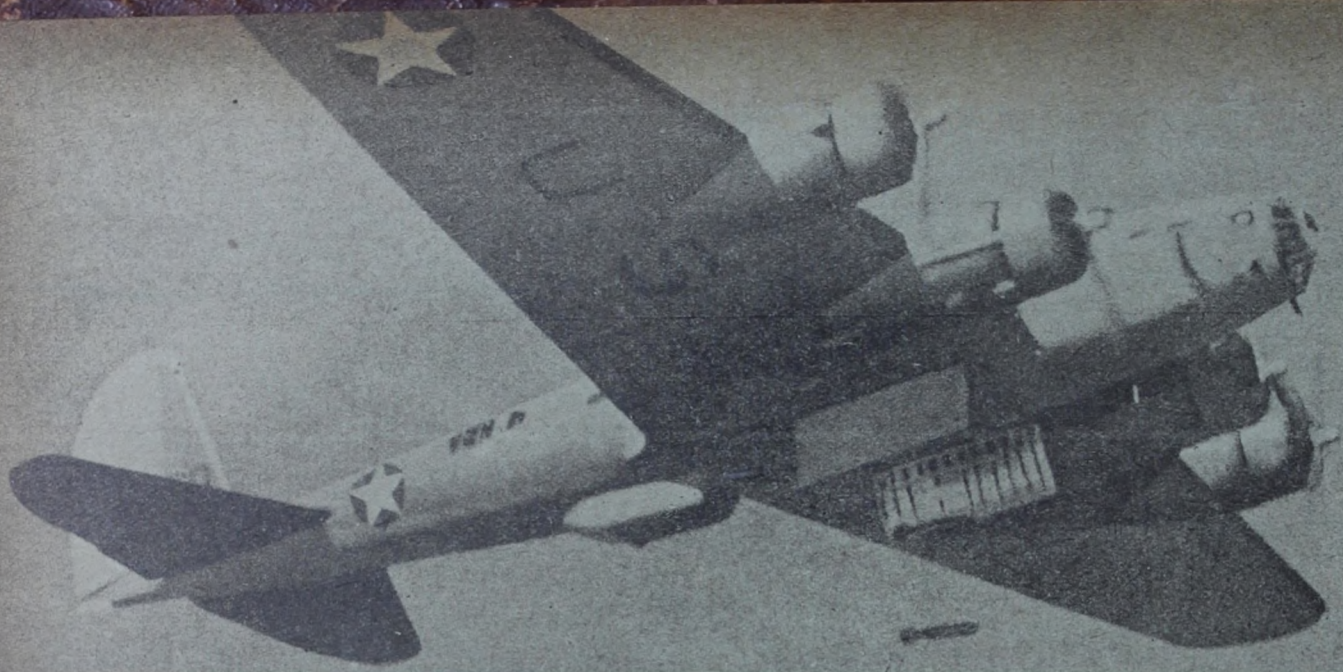
AGORA A PARTE MAIS INTERESSANTE: SEM FIGURA

Para rematar essa série de engenhos que, na pior das hipóteses, revelam uma certa noção do fantástico, lembraremos aos leitores a célebre invenção de Alphonse Allais. Nunca ouviram falar nela? Êsse magnífico Sr. Alphonse Allais imaginou conceber, para a proteção dos navios de guerra, o emprego de blindagens de espelhos (sim, de espelhos!), ainda que pareça mentira. "A embarcação encouraçada de espelhos está sozinha no mar... — sonha o inventor. — Seu casco transparente reflete o infinito do Oceano sem limites. De súbito, surge no horizonte um navio inimigo. E que faz, então, êsse navio inimigo? Nada. Porque no encouraçado de espelhos está reproduzida a sua própria imagem. Os oficiais da belonave que se aproximam asséstan os óculos de alcance e os telêmetros para o nosso "dreadnought", que mais parece um imenso "boudoir" navegando... E — quem o duvidaria? — não mandam os seus artilheiros afundá-lo... Si o fizessem, isso seria um suicídio..."

UMA PERGUNTA, PARA ACABAR

Êsses inventores bélicos não são mesmo umas "crianças grandes"?





A GUERRA MODERNA

IMPONENTE flagrante de uma "Fortaleza voadora" da frota aérea de guerra dos Estados Unidos ao largar uma carga de bombas de terrível efeito. Sua pontaria é de incrível precisão mesmo se mantendo à altura de 9.000 metros.

QUAL O PRINCIPE DOS CONTISTAS BRASILEIROS?



RIBEIRO COUTO

SATISFEZ a tôda expectativa, se não é que ultrapassou mesmo, o êxito alcançado pelo certame lançado em nossa edição passada, para apurar, pelo voto dos representantes da intelectualidade brasileira, qual o nome, dentre os contistas vivos do Brasil, que detêm no momento literário atual o primeiro dêsse difícil genero de ficção.

Ao mesmo tempo que aparecia a edição passada, em que divulgamos as básies do plebiscito: — que hoje produzimos ainda — fizemos distribuir as cédulas para a votação, entre os institutos de cultivo das letras que representam a intelectualidade nacional: Academia Brasileira de Letras, PEN-Clube do Brasil, Instituto Brasileiro de Cultura, Academias de Letras estaduais e Associação Brasileira de Imprensa.

Essas cédulas se destinam, como dissemos, a receber os votos dos associados daquelas instituições, e não será preciso pôr em dúvida que o que resultar dessa consulta aos componentes dos principais gremios de cultores das letras do Brasil — que são, indiscutivelmente, as citadas — tenham o valor de legítima expressão da intelectualidade nacional!

A votação continúa pelo espaço de cinco meses, para que se possam reunir e recolher os votos de todos os convidados a manifestar sua opinião, no plebiscito, mesmo os residentes nos Estados mais afastados.

Contudo, já hoje podemos divulgar alguns votos recebidos, com os nomes dos respectivos votantes.

OS PRIMEIROS VOTOS RECEBIDOS

Votaram em RIBEIRO COUTO

Waldemar Bandeira — A. Bandeira de Mello — Fabio T. de Sá Fortes — Danton Jobim — Americo Palha — Ignacio Corsenmil Filho — Pery Rodrigues Ribas — Darcy Gellint — Claudio Ganns — Garcia Junior — Mario Magalhães — Horacio Cartier — Adda Macagi Bruno Lobo — Alba de Mello — Ernesta Weber.

TOTAL — 15 Votos

Votaram em OSWALDO ORICO

Oswaldo Melo Braga — Antonio Maria de Souza e Silva — João Alfredo de Mendonça — Isaac Levy — Gastão de Carvalho — Osorio Nunes — Galeão Coutinho — Barros Vidal — Théo Filho — Ocelio de Medeiros — Genaro Ponte Sousa — Oliveira Costa.

TOTAL — 12 votos

Votaram em MONTEIRO LOBATO

M. Bastos Tigre — Luiz Sá — Albertus de Carvalho — Jayme Martins Correia — Galvão de Queiroz.

TOTAL — 5 votos

Votaram em GARCIA JUNIOR

Adolf Morales de Los Rios — Armando Pereira — A. Magalhães Corrêa — Feijó Moura.

TOTAL — 4 votos

Votaram em DINÁ S. DE QUEIROZ

Lacerda Nogueira — E. Dutra Ribeiro — Arnaldo Nunes — Carlos Maul.

TOTAL — 4 votos

Votou em MALBA TAHAN

A. Guterres Casses.

N OS tempos em que o Senhor Buda predicava nas planícies da Índia sua doutrina sacrosanta, reinava na Birmania um rei chamado Vayudá.

Embora seu reino fosse de pequena extensão, o orgulho dominava tanto o coração do rei que se julgava o mais poderoso senhor da terra.

Apesar dêsse defeito o Buda na sua infinita compaixão, sabia por certos sinos irrecusáveis, que Vayudá se converteria algum dia à fé budista e chegaria a ser grande personagem pela sua santidade, mas sob a condição de lhe ser concedido auxílio espiritual. "Embora orgulhoso, disse o Mestre, eu conduzirei Vayudá com todo o seu orgulho à santa humildade dos meus amados discípulos. O caminho que leva ao "Nirvana" pôde começar em qualquer parte. Compete ao sábio descobrir êsse caminho quasi sempre oculto pela vegetação daninha das ilusões da vida".

Poucos dias depois, um luzido grupo de cavalheiros esplendidamente montados, se apresentou no pátio que Vayudá costumava habitar na estação calmosa. Os cavalos estavam tão descansados e dispostos como se tivessem sabido naquele instante de alguma cavaliária próxima. Vinham ajazados com sumtuosos arreios recamados de ouro, e os cavalheiros erguiam suas silhuetas esbeltas vestidos com principesca magnificência. Eram sete, todos na flôr da idade e parecidos como irmãos. Sobre seus uniformes, da mais fina sêda amarela, brilhavam custosas correntes de ouro puro incrustadas de fina pedraria. Seus gestos, nobres e varonis estavam impregnados de suave magestade.

Apearam-se diante das portas do palácio, e os criados do rei correram pressurosos a dar-lhes as boas vindas solícitos em cumprir a ordem real de acolherem com deferência e respeito a todo o estrangeiro que manifestasse origem nobre.

Um dos cavalheiros adiantando-se declarou que vinham em embaixada trazer ao rei Vayudá uma mensagem do grande Sidarta, o mais poderoso soberano do mundo. Solicitavam audiência do príncipe da Birmania afim de dar a conhecer o objeto da sua visita.

Quando os palacianos transmitiram as palavras dos visitantes ao rei orgulhoso pensou: "Sem dúvida êsse Sidarta, que se diz tão poderoso, envia seus vassallos para solicitar minha aliança, o que todos os soberanos disputam. Se fôr digno dela, estou disposto a conceder-lhe semelhante honra".

O príncipe convocou tôda a sua côrte na mais bela sala do palácio.

Revestiu-se de ricas vestimentas, adornou-se com suas mais apreciadas joias e deu ordem de introduzir os estrangeiros. A recepção destes provocou nos assistentes um murmúrio de admiração, prontamente reprimida. A pobreza e o aspecto dêsses jovens eram tão sedutores e simples, embora suas vestes sobrepujassem em riqueza e atavio aos cortezãos, que todos os presentes se deixaram dominar por invencível simpatia. Neles tudo era tão belo e harmonioso, que não despertavam inveja aos seus admiradores, mas sim sentimentos de religiosa afeição e involuntário respeito.

Segundo o costume do país, se prostaram diante de Vayudá, permanecendo com os rostos inclinados para a terra, esperando que o rei os interrogasse; mas êste permitiu que permanecessem de pé diante dêle como se fossem príncipes da sua mesma linhagem.

— Senhor, disse um dos mensageiros — "Nosso rei Sidarta, soberano de imenso reino, ouviu falar na tua côrte, da tua fama de príncipe poderoso e bom. Tendo grande desejo de conhecer-te pessoalmente, te roga, por nosso intermédio que te dignes vir passar algum tempo em seus domínios".

— Sem dúvida, seria para mim grande prazer travar conhecimento com o rei Sidarta;



mas si tanto anseio por me ver, porque não veio êle à minha côrte, onde o teria recebido com tôdas as honras? Um soberano de minha categoria não tem por costume incomodar-se assim, para ir ver outro príncipe, pois êste por poderoso que seja, jamais, poderá sobrepujar meu poderio".

Ah, Senhor, — respondeu o mensageiro, "excusa; o atrevimento de minhas palavras, mas nenhum soberano existe que possa igualar-se ao nosso, pois êle é o maior Rei do mundo, nada alcança os limites das suas possessões que se estendem ao infinito. Suas riquezas são incalculáveis e sua virtude sobrepassa a tôdas as demais, e até os próprios Devas, são seus servos, como poderias provar se te dignaste a ceder ao seu desejo".

Vayudá permaneceu silencioso; durante um instante pensou em expulsar do pátio tão insolentes mensageiros que se atreviam a mentir-lhe, pois sentia-se certo que nenhum soberano o poderia superar em nada. Mas como seria possível mentir êsse mensageiro tão gentil da voz segura e modesta e semblante tão cativante? E si fosse verdade o que estes jovens diziam? Valia a pena ver tais cousas, seguí-los para saber, se de fato êsse Sidarta não seria vil impostor, a quem êle saberia castigar, saqueando seu reino e anexando seus domínios ao grande império da Birmania.

— Seja, respondeu por fim, consinto em ir ver o vosso Rei. Vou dar as ordens de preparar uma caravana para a viagem.

— Não é necessário, atalhou o mensageiro.

A GRAND

Nada nos falta. Não acabo de dizer que nosso Amo tem absoluto domínio, não só sobre todos os seres humanos como sobre os próprios Devas de qualquer reino, especialmente os genios do ar? Queira, Senhor, dizer-me sómente quantas pessoas desejam levar em sua companhia?

Depois da resposta do rei, o mensageiro rogou que saíssem ao pátio do palácio. Quando todos os assistentes se reuniram, o chefe dos jovens levou um apito de ouro à boca e soltou três sons harmoniosos. Ainda ressoavam as últimas notas dêsse chamado, quando pareceu descer do céu uma nuvem de vapor branco que se foi condensando e estendendo por todo o pátio envolvendo os assistentes em uma neblina opaca. Ao dissipar-se essa, o rei e seus cortezãos ficaram surpresos ao verem no meio da praça, em frente ao palácio, quatro carros maravilhosamente decorados, cada um deles puxados por seis prodigiosos cavalos.

Os jovens convidaram o Rei e seu séquito a tomarem assento nos carros, e então o chefe novamente apitou e uma nuvem semelhante à primeira pareceu levantar do solo envolvendo os carros e passageiros, subindo com eles a perder-se no azul do espaço. Com grande assombro das testemunhas desta cena que ju



ILUSÃO

(CONTINUAÇÃO DO BUDISTA DA ANTIGA ÍNDIA)
TRADUÇÃO DE E. NICOLL

am despertar de um sonho fantástico, ao
em desaparecer o rei e seus companheiros.

Alguns instantes mais tarde, os quatro
abs, após rápida viagem pelo céu, se deti-
ha ante imenso palácio de mármore branco
use elevava solitário à margem do oceano.

El Rei Vayudá foi convidado a entrar na-
de palácio onde o aguardava Sidarta.

Surpreendido pelas dimensões colossais do
licio, dez vezes mais considerável que o seu,
al supunha o maior do mundo, o príncipe
du lentamente, seguido do seu séquito e
sete mensageiros, os cinquenta degraus de
astro que levavam à entrada do palácio.

Ao chegar diante das magnificas portas
uro, estas giraram silenciosamente em seus
ros, abrindo-se como se fosse por si sós.
olum docel, um homem de grande estatura,
pecto nobre e severo revestido com roupas
adadas a ouro, se adiantou para receber o
ilipe. Imediatamente este se prosternou di-
to com humildade:

— Nobre Sidarta, devo reconhecer que sois
a rico e mais poderoso do que...

— Enganas-te, Senhor, interrompeu o ho-
mem vestido de ouro, inclinando-se modestamen-
te diante de Vayudá; não sou o grande Rei,
mas um dos seus humildes servidores, o por-
teiro de sua moradia".

Vayudá confuso com o equívoco, permane-
ceu silencioso e sguiu o porteiro. Juntos entra-
ram em magnifica sala decorada com elevado
gôsto, na extremidade da qual havia um ho-
mem de nobre aspecto, com vestes constela-
das de diamantes e rubís da mais pura água.
Estava sentado em um trono de marfim, in-
crustado de ouro cinzelado e pedras preciosas.
Duas filas de guardas, de estatura gigantesca
formavam de ambos os lados do maravilhoso
trono. O rei da Birmania deslumbrado diante
de tanta riqueza, se prosternou novamente,
certo de que esse personagem não poderia ser
sinão o próprio Sidarta; mas o desconhecido
abandonando o trono ajudou o príncipe a le-
vantar-se, dizendo-lhe:

— Sou o Chefe da guarda do Palácio.
Vem comigo e te conduzirei aos pés do Mstre.
"Dizendo isto levou Vayudá, cada vez mais
maravilhado, a uma nova sala que excedia em
beleza a tudo o que o espírito humano possa
imaginar. Pedrarias multicores recobriam as
paredes de mármore branco, e formavam mo-
saicos resplandecentes pelo chão. Admirava
Vayudá o piso, onde pousava seus pés, quando
viu diante de si um personagem vestido ainda
com maior esplendor que o capitão da guarda,
e que vinha ao seu encontro, estendendo-lhe
as mãos em sinal de cordial acolhimento. Os

gestos desse homem eram tão belos e mages-
tosos, tão doces e benevolentes que Vayudá
não viu o esplendor de suas vestes, nada viu
nem sequer perguntou desta vez se estava na
presença de Sidarta ou de outro personagem.
Não; intimidado pelo fausto, agora Vayudá
sentia-se na presença de um homem que o
dominava pela irradiação de amor, infinitamen-
te compassiva, um homem que lia seus pen-
samentos e que o amava como nunca fôra
amado...

... e lançou-se aos seus pés, não como um
suplicante que implora, mas como a criança que
chora de felicidade aos pés de seu pai de quem
estava separada por muito tempo. Ouviu-se a
doçura de sua voz.

— Enfim viestes, Vayudá, filho meu.
Agradeço-te o teres vindo, e não julgues que
pretendi humilhar-te mostrando minhas rique-
zas; apenas quis te fazer compreender que
tudo o que possues póde ser igualado e mesmo
superado. Reconheces agora?"

— Pois bem, sabes como foi que obtive
êste palácio, estas riquezas, pedrarias e vestes
que excedem a tudo o que poderias imaginar?
Vou dizer-te; é que o luxo que tu tens foi pago
com ouro e criado pelo penoso trabalho dos
homens enquanto que isto que agora vês em
volta de mim é unicamente criação do meu pró-
prio espírito. Com a fôrça da minha vontade,
os hábitos dos monges que me cercam trans-
formaram-se regias vestimentas, as paredes
dêste palácio surgiram da terra, os Devas do
ar, obedecendo às minhas ordens, foram bus-
car-te com ilusório esplendor. E agora confes-
sa-me: Não sou mais poderoso do que tu?

Certamente o confesso — balbuciou timi-
damente Vayudá — mas quem és tu que podes
submeter à vontade os deuses da natureza?

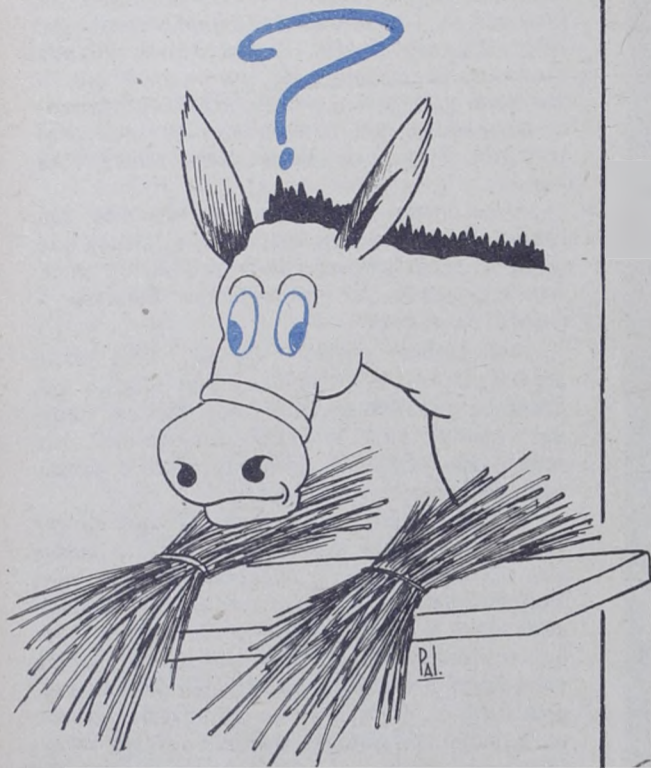
— Sou Sidarta Gontama, a quem os ho-
mens chamam, o "Buda". Não sou Rei, em-
bora para conquistar a sabedoria abandonasse
o reino que devia pertencer-me, não sou rico,
pois que proibo aos monges mendicantes, que
são os filhos amados do meu coração que pos-
suam a menor quantia em dinheiro, e eu devo
lhes dar o exemplo. Todavia não te menti. Sou
o maior Rei do mundo, pois que minha von-
tade é onipotente sôbre os homens, sôbre os
animais e as cousas inanimadas. E' pela fôrça
de minha vontade que consegui criar êste pa-
lácio e revestir meus monges regiamente, trans-
formando-os em cortezãos como nenhum prin-
cipe jamais possuiu. Tudo que agora nos ro-
deia tudo isto que vemos não são mais que
ilusões, criações de espírito, que é a única rea-
lidade, mas que se transforma e modifica pro-
duzindo a vida.

Acredita-me, Vayudá não debes ter ne-
nhum motivo de orgulho e nem eu tambem,
que te excedo em poder, devo tê-lo. A vida
de quem ainda não alcançou a sabedoria é
uma escada prodigiosamente grande, cujos
inumeraveis degraus são as paixões, as ambi-
ções, os desejos inconfessáveis do homem; mas
tambem é uma escada mágica, pois o ser que
por ela sobe, imagina ter chegado ao penultimo
degrau. Um passo mais, pensa êle, chegaria ao
cimo; tôdas as minhas paixões serão aí satis-
feitas, meus desejos e ambições coroadas de
êxito... E o homem continúa subindo. Com
mais ou menos dificuldade, com mais ou menos
pressa, anseia atingir o degrau supremo.

Ilusão. No momento em que pausa
o pé nota com espanto que acaba de surgir
outro degrau. Novo esforço, novos desejos,
outras ambições dominam; e a criatura
humana vacila fraqueja durante inumeras
etapas da existência material, sempre in-
feliz, mas sempre esperançosa, ansiando por
uma felicidade impossível. Sucede, as vezes,
que alguém sobe a escada com os olhos ven-
dados e se julga, por momentos; haver chega-
do afinal ao vertice supremo da vida. Tu eras

(Termina no fim da revista).

JULIO TICIANO



QUESTÕES IRRITANTES

E, de natureza idêntica o seguinte problema: "Um sujeito, que deve dez mil réis a outro, promete pagar segundo as seguintes condições. No primeiro mês dá-lhe cinco mil réis, no segundo dois mil e quinhentos, no terceiro mil duzentos e cinquenta. E assim sucessivamente, sendo cada pagamento igual a metade da importância do precedente. Supondo-se que o devedor tem sempre maneira de dar o equivalente exato de cada prestação, em quanto tempo se realizará o pagamento total da dívida?" — Matematicamente, a resposta é "nunca". Se fizerem a conta, verão que no fim do ano, a dívida ainda monta a dois reais e uma fração inferior a metade. Se as prestações continuarem a ser feitas segundo a mesma proporção e o credor e o devedor viverem até ao dia do juízo final, ainda nesse momento não estará saldada a dívida, por infinitesimal que seja a diferença a favor do credor. Outro caso irritante, é o caso do Burro de Buridan. Há quem diga que os burros são animais inteligentíssimos. Mas se dermos crédito a certos adeptos da lógica o celebre Burro de Buridan, colocado entre duas medidas de cevada exatamente iguais e exatamente à mesma distância do seu focinho, devia morrer de fome. Com efeito, não se oferece ao espírito d'aqueles sujeitos, razão suficiente para que o burro preferisse a medida da direita à da esquerda, ou vice-versa. E nestas condições o pobre do animalzinho seria vítima das suas faculdades lógicas. Mas nós estamos persuadidos, que por mais burro que fosse, mandaria a lógica à fava e não permaneceria num estado de equilíbrio instável sinão o tempo absolutamente preciso para se compenetrar da situação.

O MALHO

PROBLEMAS DESAFIANTES

Há outra espécie de perguntas, que levam a resultados curiosíssimos, explicando de um modo perfeitamente simples e natural, muitas das pretendidas coincidências extraordinárias, que maravilham as almas simples. Por exemplo: — "Como se prova que existem no mundo duas pessoas, pelo menos, que têm na cabeça exatamente o mesmo número de cabelos?" — Calculem pelo alto o máximo número de cabelos que podem crescer na cabeça de um indivíduo. Um milhão já é um número considerável, mas para não haver dúvidas na cadeia da argumentação, suponham mesmo que se possam contar dez, cem milhões de cabelos num tórtico humano. Ainda assim ficarão muito abaixo do número que representa a população total do mundo. Admitido isto, está provado a asserção. Basta que o número de indivíduos exceda em dois, a mais exorbitante avaliação do número de cabelos existentes em uma cabeça, para que haja pelo menos dois indivíduos com o mesmo número de cabelos exatamente. Ainda supondo que existe um indivíduo careca como uma bola de bilhar e que há cem milhões que possuem desde um cabelo até cem milhões, a cabeça do segundo homem que excede os cem milhões, deve igualar em número de cabelos alguma das incluídas nesses cem milhões. Por forma idêntica se provará o erro dos naturalistas, quando afirmam que a natureza nunca faz dois objetos absolutamente iguais, quer sejam folhas de plantas quer caras de gente. O ponto é mostrar que as diferenças, existentes entre as caras, são menos que o número total de folhas ou de caras que há no mundo. Note-se que a população do mundo, num dado momento, sobe a um número respeitável de centenas de milhão. Se considerarmos o número de entes humanos que hajam vivido, suponhamos, durante os últimos mil anos, chegaremos a números tão elevados que a imaginação mal os concebe. É indubitável que esse número há de exceder muito quaisquer diferenças perceptíveis aos nossos deficientes sentidos — num objeto de tamanho tão limitado como uma cara humana. Por con-



seguinte, a conclusão inevitável, é que cada indivíduo possui ou possuiu no passado, uma duplicata da sua pessoa, pelo menos, provavelmente muitos absolutamente idênticos no aspecto. Por ordinária que esta conclusão nos pareça, não há meio de fugir à convicção de que não é um simples capricho de fantasia, mas uma verdade positiva. Veja-se, com este fato tem sido aproveitado pelos autores de obras de imaginação e repete-se como é frequente aparecerem nos romances, casos de erro de identidade.

VENCENDO OS SABIDOS



SUPONHAM que um cavalo e uma vaca estão deitados em diferentes pontos de um campo, que tem de comprido o dobro da largura. Qual será a diferença entre a maneira por que os dois animais se levantam? Experimentem fazer esta pergunta a um amigo lavrador e vejam se encontra sem hesitação a resposta, por mais inteligente e vivo que seja. E no entanto é simplicíssima. Ainda que o campo tenha de comprido cinquenta vezes a largura, o cavalo levantar-se-á primeiro nas patas dianteiras, e a vaca nas trazeiras, sem se importarem nada com as dimensões do campo. Menos desculpa terá o lavrador que sucumba à anterior pergunta mistificadora, do que o relojoeiro de aldeia que caiu na seguinte armadilha. Conte-lhe o leitor que há pouco fez encomenda de uma corrente de relógio, mas que devido a qualquer equívoco, o ourives forneceu, não uma corrente completa, mas seis

pedaços contendo cada quatro elos para a corrente. Deseja o leitor que lhe unam esses pedaços. Se o relojoeiro quer encarregar-se desse trabalho, pagar-lhe-á a razão de um tostão, por cada elo que abrir e fechar. Se estiver de dúvida, pergunte-lhe qual é a importância total. Segundo as probabilidades, responderá imediatamente: "Dez tostões", explicando-lhe que para unir as peças terá que abrir e fechar pelo menos cinco elos. "Não há tal!" replicará o leitor. "Se eu lhe pagar conforme as condições propostas, não tenho que dar mais de oito tostões". Se ele fizer questão, o leitor tratará de lhe mostrar que, caso pegue num pedaço e abra os quatro elos de que é formado, poderá então unir numa cadeia as restantes cinco peças. Não terá remédio sinão admitir que a culpa está da parte do leitor.

ESTA é a chácara de D. Itá. Pertenceu em outros tempos ao velho Itambí, o floricultor mais afamado de tôdas estas redondezas.

— O que fornecia aos negociantes da cidade?

— Justamente.

— Quando meu pai casou foi êle quem mandou as flôres que ornamentaram o altar mór da matriz. Dizem que até de longe se sentia o olôr inebriante das rosas.

— Agora, tudo pertence a D. Itá, sua filha, ou antes, a ela e ao marido, o Ipiáu.

— Também escutei falar muito do casamento de Itá. Dizem que foi a festa mais deslumbrante daquele tempo.

— Se foi! Eu mesmo vi tudo. Por sinal que nesse dia vesti calças compridas pela primeira vez e fiquei uma beleza, a-pesar-das vaías que os outros pequenos me deram.

— Assim falavam os dois amigos e companheiros de labor. Sitiantes na zona de Itapacora, ali para as bandas de São João Batista a Itaboraí; vinham à cidade a cavalo, rematar negócios e cuidar de fornecimentos para os serviços nos sítios de cada um.

Diálogos como esses, aliás, eram ouvidos sempre da parte dos que caminhavam pela estrada que cortava a frente da grande chácara em que Itambí vivêra quasi tôda a sua existência.

O casamento da única filha que possuira, e de como se dêra o acontecimento, ficára na memória do povo como um episódio marcante que se engasta nos fastos da história das grandes nações. Itambí, homem de faces enérgicas, corpulento alto e de olhos vivos, era ainda rapaz quando adquirira o sítio, que mais tarde se transformára no mais rico roseiral visto naquelas paragens. Com o auxílio de livros e todos os recursos que lhe permitiram entrar no segredo da floricultura fizera-se, pelo próprio esforço, um especialista sem par na arte difícil de cultivar flôres, — essas vidas que fazem sorrir tôdas as outras vidas.

Itá, moça de dezoito primaveras, bela e saudavel, era como as próprias rosas que competiam em viço. Orientadora do pai, seu próprio ser, a razão de seu viver feliz, perdeu as bênçãos maternas aos cinco anos de idade, ficando sob os cuidados da preta Ambrosina, creada de confiança da familia. Não pensava em casar, ou antes parecia a tôda a gente que de tal não cogitava. Os rapazes bem que lhe rondavam a porta, mas, alegre, risonha e algo criança, a nenhum deixava restar esperanças. Muita gente, ali, notava nisso.

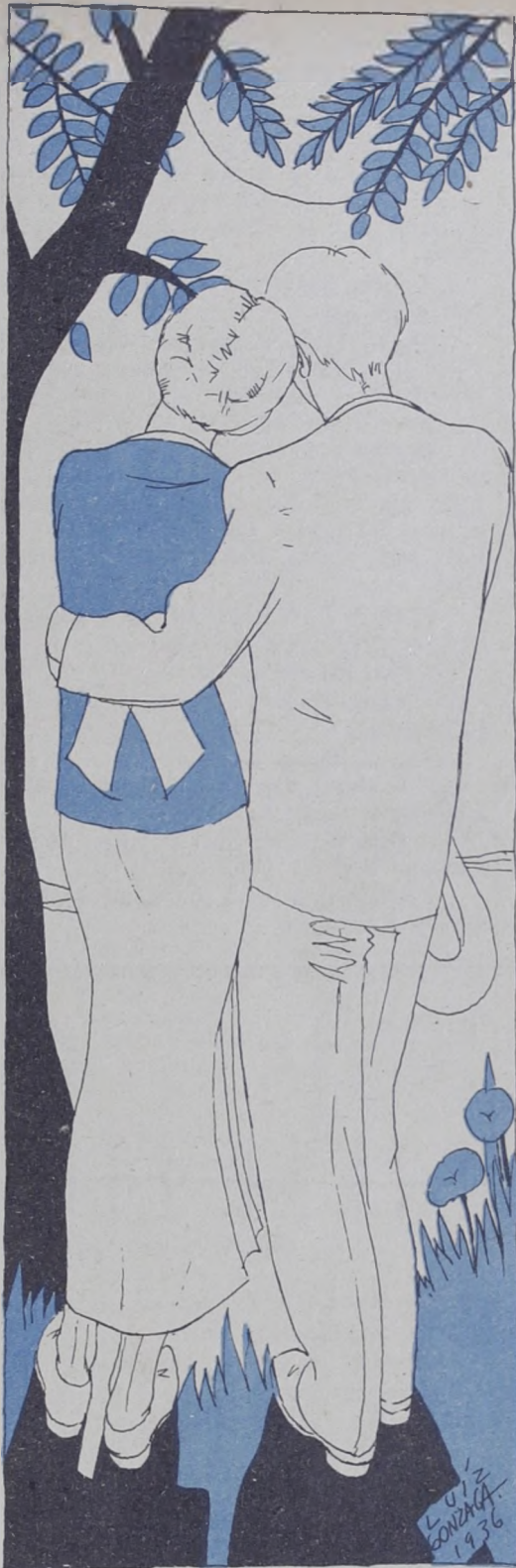
— E' esquisita essa moça, tão bonita, um partidão, mas, até agora não deu corda a ninguém. E olha que os "mancêbos" andam bem assanhados, dizia Colombo, o sacristão da igreja, ao Pedro Alvares, empregado na farmacia local.

Itá não quizêra "fixar" seus amôres. Mesmo "seu" Gabriel, com três vezes a sua idade, embora, mas senhor de uma grande fazenda e maior fortuna, todos os meios empregára a ver se conseguia impressionar aquela "ave arisca". Tudo em vão.

x x x

Naquela tarde "seu" Virgilio, mercador de flôres, e Ipiáu, seu servo, chegaram à chácara para o fim de sempre. De dois em dois dias "seu" Virgilio vinha, êle próprio, escolher flôres para os fregueses de sua loja na cidade.

Era sempre recebido cordialmente. Bom comprador... Itambí e Virgilio ajustam preços, quantidades, qualidades e especies e, enquanto vão à vivenda deliciar-se com a boa "pinga", Itá e Ipiáu tratam de colher a angelica mercadoria. Ambos eram já bons amigos e Itá gostava muito das novidades que Ipiáu trazia da cidade. Punha-lhe ao corrente de tudo: brigas, namoros, mudanças.



FLÔRES VIVAS

CUNHA PORTO

tudo, enfim que ouvira e que cuidadosamente arquivára para contar a Itá. E estavam concluindo a fatura, quando Ipiáu pergunta:

— Afinal, que tem esse canteiro de cravos que nunca se lhe toca?

— E' meu, responde Itá.

— Bem o sei. Que destino é dado aos cravos? Nunca levamos nenhum deles.

— Não lhes dou destino algum.

— Ah! Já sei; são para ornar o seu oratório e seu quarto...

— Jamais. Não os aplico em nada, nada. Quero apenas que vivam, cresçam e morram aí onde estão.

— E' curioso!

— Não acho. Uma cousa como outra qualquer. Apenas eu...

— Sim, continue...

— Não; mudemos de assunto.

— Que é isso? Itá desconfia de mim?

— Não, mas...

— Fale; conte tudo; e se fôr segredo morrerá comigo.

— Bem o sei. Tenho certo receio...

— Receio nenhum...

— Pois bem, Ipiáu. Vou dizer-te a verdade.

E, com certa cautela, em tom confidencial:

— Sabes, Ipiáu, que essa gente que aqui vem aborrece-me de mais. Um inferno! Ninguém comigo fala que para logo não venha com as choradeiras: — "sem ti não posso viver"; "dou-te o que quizeres", "és o mais lindo anjo do céu", "quero ajoelhar-me a teus pés", e um rôr de banalidades e frioleiras increíveis.

— E o que respondes?

— Não respondo. Mudo o rumo da conversa até que esses "bobôcas" cuidem de outra cousa. Daí, então, esse canteiro de cravos.

— Já sei; guarda-o para o escolhido, o "futuro".

— Qual nada; o escolhido é êle mesmo. Dedico-lhe todos os meus sentimentos, os meus afetos, enfim, o meu coração até. E é o meu único divertimento e o meu unico prazer.

Ipiáu, olhou-a com ternura e pesar, mas também com certa piedade por si próprio. Porque, afinal, aqueles cravos vinham a ser o único anêlo de Itá. O unico anêlo. E dizia para si mesmo:

— Esta vida tem cousas...

Na sua simplicidade de rapaz do interior, jamais conhecêra estúrdias nem vira a corte das galerias e bons jantais. Albergava nalma a cristalina concepção de que viver de outra fôrma seria um transbordamento de vaidades e loucuras, sentimentos para êle inteiramente estranhos. E era assim que atravessava a existencia sem outro sentido. Ia à missa dos domingos e comungava de vez em quando. Amava o Brasil e sabia um pouco a história. Virgilio e Itambí veem se aproximando.

— Põe tudo na carrocinha, diz Virgilio a Ipiáu. Bota água fresca no balde e dá ao burro, que está calôr.

E logo depois partem, não sem que antes Ipiáu deixasse de lançar um olhar iracundo aos cravinhos plantados e cuidados pela mão de Itá.

x x x

Dois dias depois, ei-los de novo em busca de flôres. Virgilio sóbe à vivenda para saudar Itambí e tratar nova compra. Depois descem ambos ao roseiral e ajustam a mercância.

— Olha, Itambí, gosto muito destes cravos que aqui estão. Que beleza! Tenho mesmo encomenda de uns tantos e eles estão a calhar.

— A menina gosta muito deles. Enfim, se te agradam, leva o que precisares.

Virgilio rejubilou.

— Ipiáu!

— Senhor!

— Toma da tesoura e corta todos esses cravos.

— Quais?

— Estes, estes; que pergunta idiôta!

— Estes não, "seu" Virgilio. São de D. Itá.

— Aqui não há privilegio. Flôr é para vender. E vamos com isso; deixemos de razões; não admito isso comigo.

— Tenha paciencia, "seu" Virgilio, nesses cravos eu não tôco de modo nenhum.

— Então me desobedeces?

— Cumpro tôdas as suas ordens, menos essa.

— Patife! Córte tudo já, já...

— Não senhor!...

O M A L H O

Itambí, ao lado, inquietava-se. Jamais vira isso. Um servo desobedecer! E, sem compreender a subjetivação do gesto de Ipiáu, interveem:

— E' um desafora que estás fazendo a teu patrão e a mim. Olha bem para as consequências. Vamos, faze e não discutas!

— Não o farei, absolutamente.

— Barrabás maldito, toma lá...

E, com tôdas as forças, Virgílio vibra medonho murro em pleno rosto de seu servo.

Ipiáu recebe a injúria, contempla o patrão, dá de vista às ferramentas de trabalho, olha para o canteiro de Itá, bate o pé com decisão e diz.

— Sou homem para dez do senhor, "seu" Virgílio. Se quizesse, esmagá-lo-ia sem dificuldade. Mas, lembre-se que eu sei respeitar a casa. Lá longe, na estrada, ? cousa é diferente.

Deu de ombro e partiu.

Itá, que percebera uma boa parte da cena, corre pressurosa a ver afinal o que vinha a ser aquilo.

— Não é nada, minha filha. Não é nada. Foi aquele malcriado do Ipiáu.

— Que fez êle?

— Desacatou o Virgílio. Um grande tratante. Merecia que lhe quebrassemos os ossos.

— Veja, menina: um empregado, um desgraçado, a dizer-me que não faz o que eu mando, porque não quer fazer. Só matando!

— E' a primeira vez que vejo isso. E em minha casa, — diz Itambí.

— Não te importes, Virgílio. Aquele biltre que vá agora para os infernos.

— Enfim, como foi? Ainda não entendi nada, — interveem, Itá.

— Não vês estes cravos aqui? — aponta para o canteiro da filha, vendi alguns ao Virgílio e o sacripanta achou que não devia cortar e não cortou mesmo. — "Que preferia morrer". Canalha! Itá, bem inteirada do que houvera, meditou alguns segundos e em seguida:

— Bem. Subam para a vivenda. Eu providenciarei tudo.

Itambí e Virgílio, mascando ódios e raios, obedecem e sôbem rumo à vivenda, onde por certo teriam na deliciosa "pinga" um aplacador das iras que lhes cortavam as tripas.

Itá abre a porteira da chácara, vai ao meio da estrada e com um forte "psiu" faz parar Ipiáu, que ia já algo distante. E com ambas as mãos acêna para que volte. Ipiáu pára, e, sem detença, volve em direção a Itá.

Trazia as faces empalidecidas, o olhar colérico e o semblante carregado.

— Que foi isso, Ipiáu?

— Nada. Nada. Eu mesmo não sei! Fiquei com raiva...

— E continuas zangado?

— Contigo, não. Absolutamente. Mas aquele tipo, é uma peste!

— Bem. Não falemos mais nisso. Apanha a tesoura e vamos trabalhar.

E ambos, de tesoura em punho aprestam-se para o serviço.

Itá conduz Ipiáu ao canteiro mágico, perfume de sua alma, e sem outras explicações põe-se a decapitar os seus "noivinhos".

— Devéras? — redargue Ipiáu.

— E' como vês.

— Nesse caso...

E pouco a pouco lá se vão, pela mão ambos, tombando um a um os roseos cravos plantados pelos afetos de Itá e regados diligentemente pelo orvalho de sua alma gentil criança.

Juntos, um ao pé do outro, prosseguem na ceifa alucinante.

E, ao findar a devastação, e ainda sem nada compreender, inquire Ipiáu cheio de panto:

— Que resolução foi essa, Itá?

— Resolvi; e quando resolvo as cousas assim.

— Um capricho de moça. E que capricho caro!...

— Porque?

— Roubou-te uma preciosidade tão grande...

— Qual?

— O teu "noivo"... o canteiro de cravos.

— Não importa. Ganhei outro.

— Outro, quê? — pergunta Ipiáu esteado.

— Outro noivo. Outro noivo, não perdes?

— Ora essa! E quem é êle?

— Quem é êle?

— Sim.

— És tú.

SENTADA na cadeira de balanço, Celeste se deixava embalar pelo ruído cantante da chuva no telhado e nas calhas de folha de flandres.

Aquele ruído, que em outra ocasião talvez lhe causasse enervamento, sôava agradável aos seus ouvidos. Era como que uma longínqua canção de embalo, e ao mesmo tempo lhe punha no coração saudade e paz. Saudade de qualquer coisa que ela nem mesmo identificava, e paz estranha e raramente por ela experimentada.

Vieram vozes de dentro. O ambiente, lá para o fundo da casa se agitou.

E pouco depois Lourdinha apareceu na sala, correndo e saltando sôbre uma perna e cantando para marcar o compasso dos pulos:

— Nico Piô-ô-lhô! Nico Piô-ô-lhô!

Interrompeu a estranha cantiga ao chegar perto da cadeira.

— Sabe quem chegou? Nico Piôlho!... Trouxe bôca de carangueijo para Vóvó...

Celeste estranhou:

— Como é? Nico Piôlho? Que nome!!

— Venha vêr êle... — pediu Lourdinha, puxando-a pela mão. Êle está todo molhado...

Sem nenhum interesse, apenas para satisfazer o desejo da menina, Celeste se levantou. Foram até a grade dos fundos e enquanto Lourdinha olhava pelo intervalo das táboas ela se debruçou para ver.

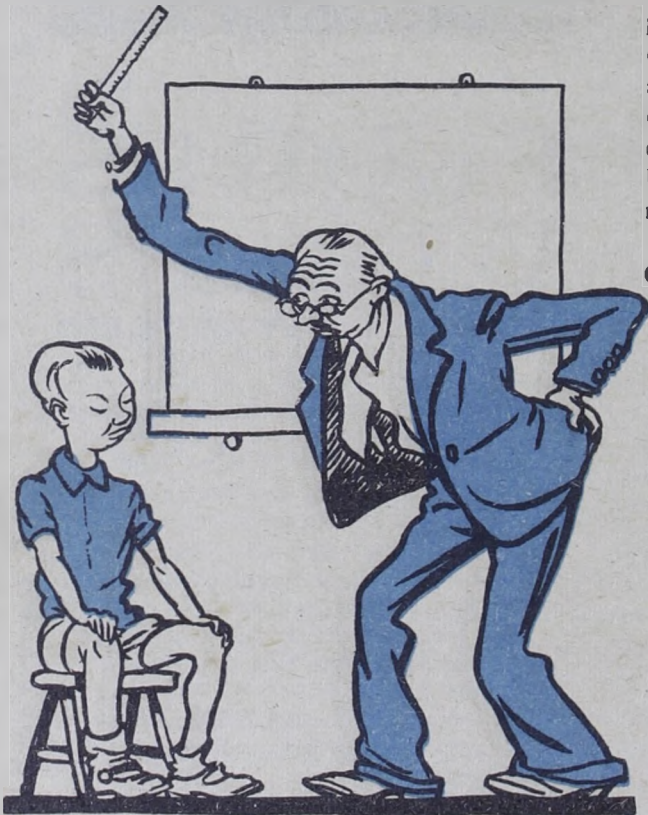
Nico Piôlho já se ia. Era baixinho, amarelo, cabeça grande e tinha as pernas recurvas como os soldados de cavalaria. Estava entanguido. Do chapéu de palha, de abas desmanchadas, escorria água, e as calças, arregaçadas até quasi à altura dos joelhos, estavam molhadíssimas. Sôbre os ombros à guisa de capa, trazia estendido um saco de aniagem, escuro, molhado, que de bem pouco ou de nada havia de servir, como agasalho. Desceu os de-

NICO PIÔLHO

GALVÃO DE QUEIROZ

graus aos pulos e se foi, com os pés metidos na lama, assobiando baixinho.

Trouxéra "bôcas" de carangueijo. O mau tempo não impedira sua tarefa de perambular pelos mangues, apanhando as puás que, por aqueles dias, os carangueijos estavam soltando. Toda a manhã trabalhára. Juntára muitas delas. E não esquecêra de trazer algumas du-



zias para D. Mocinha. Fregueza velha... certa...

Celeste achou graça no tipo de homem que era Nico Piôlho. Ligou mentalmente a imagem que o nome exprimia à figura que afastava. E perguntou a si mesma de onde teria originado aquele apelido.

Voltando-se, viu dona Mocinha.

— Que nome engraçado tem essa criatura... — disse.

— Êle todo é engraçado — comentou fazendeira.

— Por que lhe teriam posto esse nome de Piôlho?

— Eu mesma não sei.

— A senhora sabe, sinhá Josefa?

— Eh! Eh! — fez a preta. Diz que foi porque êle era muito piolhento... A tia de é que me oontou. Quando êle era assinzinho a mãe tinha uma trabalhadeira medonha para catar os bichinhos na cabeça dele. Mas cada que dava vencimento!? A coitada suava!... Um dia ela botou êle na escola. E começou reparar que os piôlhos tava sumindo!...

— Passavam para os colegas? — sugeriu Celeste.

— Nada! Pére um pouco... Vai a velha conversando com a irmã, a tal tia que eu falo, estava dizendo: — Meu Deus, não sei que é que aconteceu com êste menino... Olhe que eu catava, catava, catava e cada dia tinha mais. Agora, na escola estão se acabando... Aí a tia perguntou

— Nico, meu fio, teu professor tava catando os piôlho?

— E êle respondeu, dando um muçôcho:

— Cata o quê! Cata nada! Êle me dá é tanta pancada na cabeça, com a régua, que os coitadinho tão morrendo tudo...

(Do romance "Celeste", em preparo)

A CARTA QUE NUNCA CHEGOU

Por ANDRÉ BIRABEAU

A coisa começou assim: um dia, o Sr. Communeau ficou doente, guardando o leito vários dias. Certa manhã, ao abrir sua correspondência, encontrou um envelope grande tarjado de preto. Era a participação do falecimento do Sr. Guerille, um velho amigo, que tinha a mesma idade que o Sr. Communeau, isto é 62 anos... O fato anuviou as feições de nosso herói. Natural... A morte poderia vir buscá-lo também sem demora... Então, decidiu nunca mais abrir cartas de tal espécie.

Bolas! todos nós somos mortais, e não podemos evitar que morreremos quando menos esperarmos. Mas, para que aborrecer-se, cogitando nessas bobagens? A morte não é nada; a idéia de morrer é que é horrível. Para um homem que considera que a vida só tem um fim: a maior felicidade possível — e o Sr. Communeau era desses indivíduos moderados chamados egoístas — a sabedoria consiste em evitar tudo que possa recordar a inelutabilidade e a aproximação desse fim. Para não ter que pensar na morte, o Sr. Communeau resolveu ignorar a morte dos outros.

A primeira carta tarjada que ele recebeu, não a abriu, atirou-a numa gaveta. Poderia tê-la rasgado sem a lêr. Não quis. Achará isso exquisito quem desconhece a natureza humana, em que as delicadezas se avisinham das superstições, os escrúpulos se aproximam da ingenuidade. Deixar fechadas essas cartas tarjadas parecia natural a Communeau; desafiá-las, indelicado. A segunda carta negra que lhe chegou às mãos foi lançada à gaveta, também; as seguintes tiveram idêntico destino; e esse trabalho tornou-se um hábito.

Quer dizer que o Sr. Communeau suprimiu a morte de sua existência. Bastavam as participações fúnebres dos matutinos!... E não são poucas, nos dias de correr! É verdade que são mortes desconhecidas, quase anônimas, ia dizer "invisíveis", mas, em geral, não de todo emocionantes. Um homem célebre, operado, um "sem trabalho" que se suicidou, um "lhar de amarelos" metralhado, um funcionário "vermelho" depurado não comoviam o Sr. Communeau, que encarava como cataclismos banais a queda do raio, a inundação ou o terremoto. Sómente a morte das pessoas que conhecemos, que nossos olhos admiraram, que nossas mãos tocaram e cujo coração íntimo palpitar pôde causar-nos dó e fazernos estrebar. Ora, o Sr. Communeau era um personagem bastante modesto para que conhecesse as figuras importantes cujo desaparecimento é anunciado em letras gordas nas gazetas. Era um solteirão, saía a meio-dia, levava em Paris uma vida de provinciano. Escondendo as cartas tarjadas, julgava esconder a morte.

Ele tinha parentes em algumas cidades da França, amigos de colégio, camaradas de caserna, antigos companheiros de trabalho, porém, ele não queria vê-los mais, nem mais corresponder-se com eles, embora fossem tipos importantes na atualidade. Limitava-se a citar seus nomes quando relembra o passado... Nesses instantes, podia pensar neles sem consolingimento, falar deles jovialmente, ridicularizá-los com piedade! Nenhum desses "entes queridos" morria ainda, mas, estavam longe de sua vista, graças a Deus!

Isso, por certo, não deixava de ter seus inconvenientes. Por exemplo: quando, despedindo-se de um conhecido, que encontrara na rua, dizia:

— Recomende-me à sua senhora...

Acontecia, às vezes, que o outro respondia com adume e surpresa:

— Minha mulher morreu. Faz cinco anos. Devia avisá-lo, pois lhe comuniquei seu falecimento...

Todavia, são poucos os aborrecimentos em comparação com as vantagens. Porque ignorar a morte dos contemporâneos traz-nos um grande alívio! É nos a impressão que não envelhecemos...

Um belo dia, o Sr. Communeau teve de mudar

se. Todos nós sabemos o que representa geralmente uma mudança. Amolações, contrariedades, etc., em troca, às vezes, de uma pequena melhoria... O Sr. Communeau passou um mau momento quando se viu diante da célebre gaveta onde ele armazenava as cartas tarjadas... Eram cerca de 200. Ao retirá-las da gaveta, ficou surpreso e perturbado.

— Que horror! Terá morrido tanta gente assim?

E ele se punha a recordar os nomes que lhe eram conhecidos: Lambois... Riponnet... Marthe... Veradier... Lucienne... Também Lucienne?... Por que não?

A essa altura, apossou-se dele uma curiosidade mais forte que seu egoísmo, que sua prudência. Tinha ganas de saber quem eram os mortos! Abriu uma carta...

Quando descerrou o último envelope, Communeau estava extremamente pálido. Olhou em torno, estupefato, aterrorizado, receioso... Achava-se sózinho no salão. Como tinha medo!

Riponnet morrerá. Lambois, idem. Veradier, igualmente, do mesmo modo que a prima Marthe. Mesmo Lucienne não existia mais. Lambois era o seu colégio, Veradier o seu regimento, Riponnet o seu gabinete de trabalho, Marthe a sua família, Lucienne a sua mais enleante aventura... Todos haviam falecido. Todas essas criaturas, que tinham gosado em sua companhia tal época de tal ano, já não viviam! Suas reminiscências, esse passado que ele partilhara com os desaparecidos, parecia-lhe, agora, que perdiam o calor, a vida que os animavam. Estava sózinho, sózinho... Abandonado por todos aqueles que haviam seguido com ele o mesmo caminho. Como lhe parecia triste, agora, ter de prosseguir, sózinho, a estrada da vida!

Estremeceu. Tantos espectros a seu lado — uns duzentos — surgidos, assim, inopinadamente, ao mesmo tempo!

Uma grande magua compungia-o.

Estava arrependido de não ter enviado condolências aos amigos enlutados. A encantadora Françoise Gestion, a mãe de Claude e Simone, por exemplo, que perdera o marido, a quem tanto queria... Confessemos que Communeau procedeu mal não indo apresentar-lhe pêsames... Pois iria agora, e saberia inventar uma mentira, para se excusar. Diria que esteve viajando, e que acabava de chegar nesse momento...

Ele foi mesmo. Era um cavalheiro terno e gentil. Françoise morava ainda no mesmo apartamento. Ele pensou, porém, que Françoise se tivesse mudado, porque, da porta, se ouviam risos, canções e músicas... Sim, ela ainda residia ali. E foi ela quem lhe abriu a porta e o acolheu com calor.

— Daniel! Oh! que bela surpresa! Depois de

tão longa ausência!... Como fez bem em vir!... Os meninos convidaram alguns amigos para tomar "champagne" conosco...

O Sr. Communeau, ao passar diante do espelho da ante-câmara, teve um sobressalto, constatando a triste figura que fazia metido naquele terno preto, impróprio para ocasiões festivas.

— Eu venho de uma longa viagem, Françoise... E só agora me lembrei de que...

Não pode acabar a frase. Recordava-se da data que vira na carta tarjada. Fazia dois anos e meio que o marido de Françoise se despedira do mundo... Dois anos e meio... Tempo suficiente para se esquecer um morto querido...

Communeau sentiu-se mais gelado do que diante das suas duzentas cartas tarjadas. Chegou mesmo a cair doente. Compreendeu, tarde demais, que não se teria emocionado tanto, nem passado por tantas decepções, se tivesse aberto as cartas, uma a uma, e no devido tempo.

— A primeira carta que me vier às mãos — jurou — abri-la-ei logo!

Coitado! morreu antes que lhe chegasse alguma...





— **J**OVITA . . .
 — Você chamou, Frederico?
 — E' . . . chamei . . . mas pôde deixar pôde deixar . . .

Era sempre assim. Quando pensava que ia fazer aquela penosa confissão à mulher, faltava-lhe a coragem. Um grande medo o dominava, o medo de que a revelação destruísse o lar que construira com tanto amor e ao qual era extremamente devoto. Mas era preciso de uma vez por todas acabar com essa situação que lhe roubava a tranquilidade, o sono e até a saúde; quase não se alimentava, andava tristonho, acabrunhado . . . A's vezes o desespero o invadia. Covarde! pensava então. E tinha vontade de se esmurrar a si próprio.

Fizera muito mal, muito mal mesmo, não ter dito antes de casar, que tinha aquela filha . . .

Quem sabe Jovita teria até lhe perdoado a leviandade de rapaz e as coisas se processassem de tal forma que a essas horas ele não estaria assim, experimentando a maior das torturas que pôde envolver um homem.

Durante dezenove anos guardára aquele segredo. Dezenove anos de subterfúgios, angústias e intermináveis sobressaltos; nem ele mesmo compreendia como suportára tão longo período de dissimulações em contraposição ao seu modo de proceder junto à família. Não, não parecia o homem de bem que sempre se prezara de o ser. Palavra . . .

De outro lado, felizmente, sentia-se em paz com a sua consciência. Atendêra sempre a todas as despesas da filha bastarda e a assistira em tudo. Até aos doze anos na companhia da avó materna e após a morte desta, no internato de religiosas onde a menina ainda se encontrava. No entretanto, pelo motivo de estar a concluir os seus estudos ela deveria sair definitivamente do colégio e continuar sob a proteção do pai, lógico . . . Justamente aí é que residia toda a sua preocupação, resultando no grande conflito que estava se desenrolando no seu espírito conturbado. Queria um bem imenso àquela filha e frequentemente a visitava. Era grato às freiras, que por conhecerem o drama social que envolvia a joven, cercavam-n'a de especial cuidado e zelo, dispensando-lhe afetuoso carinho.

Essas demonstrações, porém, não representavam tudo para a sua Irene; ele bem sabia até onde iam as aspirações da filha.

O MALHO

O SEGRÊDO

Certa vez, a sós com a madre superiora, manifestou-lhe os seus receios pela atitude que a esposa tomara ao ter conhecimento da existência da pequena.

— Por nós, meu caro senhor, dissêra-lhe a religiosa, a menina permanecerá para sempre nesta casa . . .

Agradeceu à Madre por um requinte de delicadeza mas no seu íntimo recusou o oferecimento. Não, isso ele não queria. Sacrificar a mocidade da filha, obrigando-a a permanecer no internato, isso seria matar as suas esperanças, destruir os seus sonhos de moça . . . Eternamente dentro de um claustro, só mesmo as freiras e apesar de muito sensata e ajuizada, jámais Irene demonstrara inclinação para o misticismo . . . Positivamente isso não . . . isso ele não o faria nunca; nem que tivesse que desenvolver os mais íngenes esforços, mas havia de instalar a menina no seu próprio lar. A esposa era boníssima criatura e acabaria por compreender a triste situação daquela que não conhecêra mãe, nem tivera beijos, nem ao menos uma ditosa infância; mas . . . e as duas filhas do casal? Era necessário estender até elas a revelação e isso o perturbava, colocando-o numa posição vexatória. Eram ambas muito boas, mas muito modernas também; a mais velha, então, ele achava até bastante frívola e um tanto orgulhosa. E' verdade que a sua profissão de engenheiro lhe permitia proporcionar à família situação desafogada, mas daí a se julgarem moças ricas ia longe, muito longe. Não atinava portanto com a razão daquele orgulho de Maria do Carmo; até na maneira de se dirigir aos criados, a moça traía uma ponta de soberba.

A outra, a Lisete, ainda não atingira os quinze anos; pelos modos estava alí, de futuro, uma segunda edição da irmã. Maria do Carmo exercia extraordinária ascendência sobre Lizete e esta procurava se assemelhar à outra, copiando-lhe tudo, até os gestos afetados.

Custava-lhe estar fazendo, mesmo mentalmente, aquelas considerações em torno da personalidade das próprias filhas; de modo nenhum preten-

dia colocar Irene num plano deliberadamente superior, mas a verdade é que se quizesse estabelecer um paralelo entre elas, talvez Maria do Carmo e Lizete perdessem longe para a "outra". Mas não era isso o que ele queria. Eram suas filhas e apesar da circunstância de Irene não conviver com ele, não fazia distinção no seu amor de pai. E depois . . . se a joven era assim disciplinada, obediente e sensata, devia-o também ao regulamento do colégio que não admitia indelicadeza, ao passo que Maria do Carmo e Lizete sempre contaram com o benplácito de sua mulher, que era dessas mães tão condescendentes que terminam por prejudicar a educação dos filhos. Mas felizmente isso não chegara a acontecer na sua casa; apenas as meninas abusaram um pouco da bondade da mãe, sem maiores consequências, é claro . . .

— Jovita, eu vou sair . . .
 — Agora, meu velho? Quasi na hora do jantar? As Santiago ficarão de vir . . .
 — Não me demoro.

As Santiago . . . as Santiago . . . não ia com a cara daquelas granfinas. Nem com a cara nem com os modos . . . Depois que fizeram amizade com o seu pessoal, só se ouvia falar naquela casa em "week-end", "shorts", "glamours", Clark Gable e outras babozeiras. Com a vertiginosidade que só o pensamento permite, as futilidades passavam do cérebro ôco das Santiago para as cabecinhas de vento das meninas Frederico. E era um contínuo virem a que ele não estava acostumado; as Santiago vêm jantar, as Santiago telefonaram, as Santiago vêm para o "lunch" . . . Hum . . . "lunch" na casa do Frederico parecia até mesa de aniversário . . . gelados, frutas, doces caros, as Santiago, as amigas das Santiago . . . puxa! já andava tonto!

De SCYLLA GUSMÃO

As filhas queriam acompanhar o terço das novas amigas e tome despesas supérfluas pra cima dele! Bem . . . Mas isso era de menos, apesar de que já tivera ocasião de comentar com a mulher aquele estabamento, achando mesmo que as filhas estavam ficando até esperdiçadas, principalmente em matéria de roupas e chapéus. Nem bem acabara de pagar modistas, etc., lá vinha mais uma conta que conta! assim era um nunca acabar de atende a luxos e vaidades!

Dona Jovita, porém, defendeu calorosamente as moças: pois olha, Frederico, essas meninas não são exigentes . . . com as relações que a gente tem, era até pra elas andarem mais chics . . .

— Está bem . . . não se fala mais nisso; peçam a Deus que sempre tenha . . .

— D'uns tempos pra cá, você anda tão esquisito . . . dá até pra desconfiar . . . censurou a esposa, suspirando.

— Desconfiar de que, Jovita? Quem sabe você deu pra ciumenta?

— Não é ciúme não, tornou ela; é que você já não parece o mesmo . . .

E se ele aproveitasse para falar de uma vez sobre a menina? Mas não falou nada. Ficou ali a lado da esposa no grande leito do casal, viu-a dormir plácida e por sua vez tentou fazer o mesmo, mas em vão. Não pôde pregar olho em toda a noite.

Impossível levar uma vida assim neste suplício não há cristão que agente! Novembro estava a portas, Novembro, o mês em que Irene devia de ir ao internato e ele não tinha nada de definitivo sobre o destino que lhe competia dar à filha. Com o homem religioso, pedia a Deus que desfizesse aquele labirinto e lhe restituisse a calma ao espírito atormentado.

A sua Irene . . . Qual a culpa que lhe cabia Ter sido o fruto daquele seu amor de moço? Te (Termina no fim da revista).



Kreisler

QUANDO se pensa nos grandes nomes que formam a constelação dos maiores violinistas do mundo, Kreisler acode imediatamente à nossa memória, como um dos mais impressionantes. Porque, rigorosamente classificado, é figura destacado entre os de maior técnica, entre os de maior emoção, entre os de mais bela sonoridade, entre os de maior poder comunicativo.

Nós aqui o tivemos e pudemos apreciar-lhe os preparados artísticos. A "cor", a beleza, o veludo do som, realmente, de raro poder sugestivo sobre as plateias. Havia nas suas arcadas, uma segurança insuperável. Sua virtuosidade poucas vezes tinha sido igualada. Sua interpretação era empolgante, quando lhe exigia estreza de dedos ou quando lhe pedia apenas doçura e frazeio. Em suas mãos, tinha-se a impressão de que o violino se entronizava, para se impor como o deus supremo dos instrumentos de corda. E o repertório de eli-

te, somente acessível aos virtuosos privilegiados, adquiria uma beleza maior, tais os requintes de interpretação com que éle não-lo apresentava.

A vida de Kreisler tem muito das vidas dos grandes artistas predestinados. Nascido em 2 de Fevereiro de 1875, em Viena, a bela cidade da música por excelência, muito cedo chamou a atenção de todos, pelo seu talento violinístico excepcional. O celebre professor Helmesberger, de Viena, teve nele o seu melhor aluno. E depois, em Paris, seu nome deixou um rastro de luz nas aulas dos professores Massart e Delibes, por cujas mãos passou.

Terminados os seus estudos, a gloria chamou-o logo. Seu renome formou-se rapidamente, e chegava sempre antes dele, por onde quer que fosse. E assim, percorreu o mundo. Tocou para todos os continentes. Foi vitorioso por todos os publicos. Atingiu o maximo de esplendor a que póde atingir a consagração humana. Foi interprete e foi compositor dos mais ferteis.

Nós lhe recomendamos... Ler á pagina n. 3

Pintura

HEITOR DE PINHO, ha muito tempo, já se firmou entre os nossos pintores da vanguarda. Sua obra inconfundível, toda trabalhada a espátula, é de uma segurança absoluta. Temperamento romantico, que viora sempre dominado de uma super sensibilidade emotiva, não é difícil explicar por que os seus quadros se revestem de tanta poesia. Enamorado da natureza, é, entretanto, nas cenas de mar, que encontra maior afinidade com a sua alma de sentimental.

Heitor de Pinho inaugura a sua exposição de pintura, na segunda quinzena deste mês, no salão nobre do Palace Hotel.

MODESTO, inimigo de espalhafatos, José Maria de Almeida inaugurou a sua exposição de pintura, no salão de honra do Palace Hotel. E desde então, aumentou o movimento daquele recanto, que a direção in-



teligente daquele hotel modelar franqueou aos artistas plasticos. Mais de setenta foram os quadros expostos, focalizando assuntos os mais diversos. Em cada um deles, afirmavam-se os predicados do pintor e expandiam-se os sentimentos do artista. Porque José Maria é um pintor artista dos mais brilhantes, e nele o apuro da tecnica evolue ao mesmo tempo que o apuro da sensibilidade. Exposição equilibrada testemunhando uma palheta que se aperfeiçoa dia a dia, o interesse por eladespergado pode ser apreciado facilmente, sabendo-se que mais de metade dos quadros expostos foram adquiridos pelos colecionadores, admiradores do talentoso artista.

DEPOIS do brilhante sucesso de sua exposição do ano passado, tudo indicava que Anibal Matos voltasse ao salão do Palace Hotel, para uma nova exibição de sua produção artistica. Desta vez, ainda, predominaram os motivos mineiros, tão familiares ao seu pincel. Aqueles ceus de borrasca proxima, aqueles ocasos que parecem pegar fogo nas nuvens, aquelas arvores solitarias, aquelas cenas de mar, tudo aquilo foi o enlevo dos

olhos do publico. E Anibal Matos já se pode considerar largamente compensado, pois, à hora que escrevemos estas linhas, já se contam por muitos os quadros adquiridos.

CONSTITUIU um sucesso notavel, a exposição de gravuras britannicas modernas, realizada no Museu de Belas Artes. Exceção feita de um numero inexpressivo de representantes da corrente "modernista", o que o publico apreciou foi uma admiravel coleção de obras fortes, mais da metade das quais, aqui mesmo ficou, por ter sido adquirida.

Musica

A TEMPORADA LIRICA, que se aproxima, apresenta, desta vez, uma novidade feliz, destinada a atender o publico: a iniciativa de tres especies diferentes de assinaturas. A primeira é constituida por espetaculos de gala; a segunda, sem exigencia de toilettes, é formada por uma serie de



espetaculos aos sabados: e a terceira compreende os domingos em vespéral. Os espetaculos das ultimas duas modalidades serão constituidos pelos mesmos interpretes e pelas mesmas operas da primeira — apesar da diferenca de preços das localidades.

Foi, como se vê, uma iniciativa de alto alcance; e, por isso mesmo o publico recebeu-a com entusiasmo, tudo fazendo crer que os espetaculos da temporada decorram para o teatro super-lotados.

VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS assumiu o compromisso da realização de um recital para os socios do Centro Musical Roxy King. E' evidente que um impressionante triunfo acompanha sempre a talentosa cantora, onde quer que se apresente e o seu concerto do Centro Roxy King confirmará esse fato, mais uma vez.

A BOA ARTE estende-se para os bairros. O pequeno, mas encantador teatro do Copacabana Palace Hotel já tem agasalhado companhias de comedias, concertistas e declamadores. Hoje, temos a noticiar a preferencia dada ao salão do Tijuca Te-

nis Clube, para a apresentação da cantora Diva Pena Barros, que, não sabemos por que, adota o pseudonimo de Rosita Barrios. A cantora fez-se aplaudir em musica de camara, em areias de operas e em canções de folklore, tendo conseguido merecidos aplausos.

MARIA AUGUSTA COSTA foi um nome que surgiu, fulgurante, no nosso cenario musical. Garganta privilegiada, nunca encontrou segredos na sua arte. Ao contrario, quem a ouve cantar, tem a impressão de que está ainda para ser escrita a pagina difícil de ser por ela vencida. Poucas vozes apresentarão a maleabilidade da de Maria Augusta. Pouquissimas gargantas serão capazes de igual virtuosidade tecnica. Seu concerto, pois, realizado sob os auspícios do Centro Artistico Musical, tinha de ser o que realmente foi: um belo triunfo a mais, na carreira, que apenas se inicia, de Maria Augusta Costa.

A ASSOCIAÇÃO MUSICAL PRO JUVENTUDE ofereceu aos seus associados e convidados, um recital de piano de Ana Carolina. Como de habito, o programa da tarde decorreu animado, sob a orientação de Magdala de Sousa Pinto. E Maria Carolina se viu mais uma vez merecidamente aplaudida.

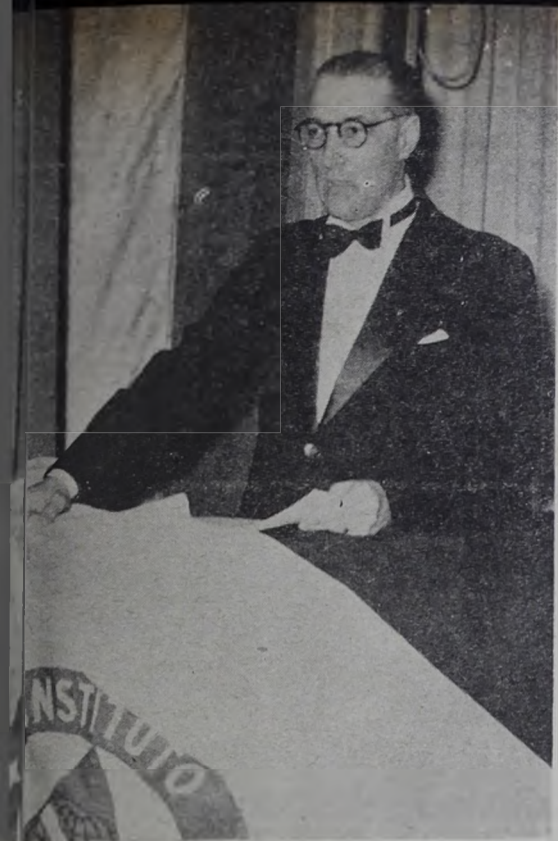
A SOCIEDADE PROPAGADORA levou a efeito mais um concerto sinfonico primoroso. No programa Eduardo de Guarniere e sua orquestra, Violeta Coelho Netto de Freitas, e Radamés Gnattali à frente do seu conjunto de camara. Sucesso absoluto!

O MAESTRO PORTUGUÊS Oscar da Silva foi homenageado no festival que se realizou no Clube Ginastico Português, cujo programa continha algumas peças de sua autoria, interpretados por Henrique Nuremberg, Cravinho Orsini, Jandovy de Almeida, José Guerra Vicente e Lucia Tanger.

O CONCERTO dedicado a Strauss, da Orquestra Sinfonica Brasileira, do mes de Junho, foi dirigido pelo maestro brasileiro Eleasar de Carvalho, que conseguiu manter o entusiasmo que os já famosos domingueiros despertam no publico.

O TENOR INGLÊS Frederic Fuller realizou um concerto no auditorio da A. B. I. Bonita voz, boa escola, inteligente organização do programa, em que o Brasil esteve representado por Villa Lobos, Francisco Mignone, Ernani Braga e Lorenzo Fernandes.

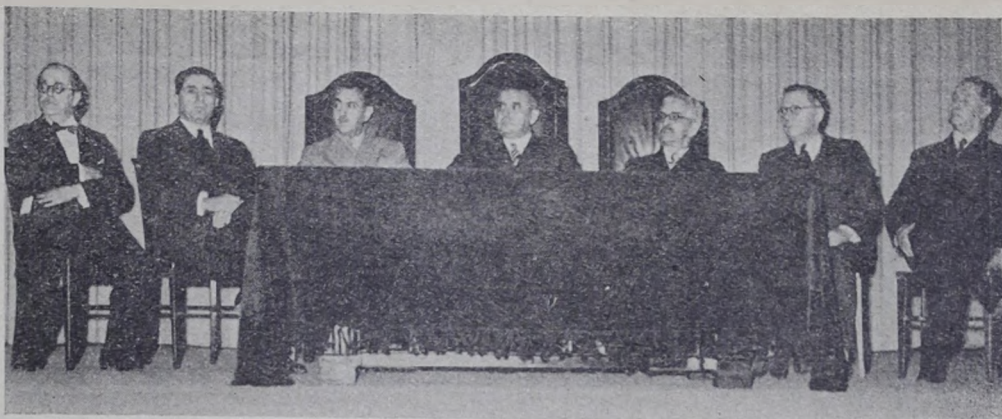
A MUSICA, desaparecida da praça publica, fez um ensaio de regresso, no concerto realizado no jardim da Gloria pela banda da Policia Militar do Distrito Federal, sob a regencia do maestro Valdemiro Guedes de Oliveira.



O professor La-Fayette Côrtes quando pronunciava sua aplaudida conferência sôbre o grande Antero de Quental

Várias comemorações do centenário de Antero de Quental tiveram lugar nesta Capital, e entre estas se destacou a que se realizou no Instituto La-Fayette, promovida pela Associação dos Amigos de Portugal.

Focalizando aquêl vulto notavel das



Mesa que presidiu os trabalhos da concorrida sessão em homenagem ao grande poeta luso

HOMENAGEM A ANTERO DE QUENTAL

letras e da poesia portuguesa, o professor La-Fayette Côrtes, diretor daquêl importante estabelecimento de ensino e sócio-fundador do novo grêmio de intelectuais, pronunciou aplaudida conferência, perante seleta e numerosa assistência.

A sessão foi presidida pelo professor

Barbosa Viana, presidente da Associação e a conferência foi ilustrada pela interpretação magnífica das poesias de Antero, pela senhorita Dalila Geraldo, que recebeu fartos aplausos.

São dessa festa de intercâmbio intelectual luso-brasileiro, os aspectos que aqui reproduzimos.

Aspecto parcial da assistência, no auditório do Instituto La-Fayette





ENLACE

PINHEIRO
GUIMARÃES

FLORENCIO
DE ABREU



CONSTITUIU um acontecimento de alta significação na sociedade carioca o enlace do dr. Francisco Elísio Pinheiro Guimarães com a senhorita Ruth Florencio de Abreu. O noivo é médico de conceito, chefe de serviço do Departamento de Alimentação da Prefeitura, e a noiva, distintíssima pelos seus dotes morais e espirituais, é filha do ilustre desembargador Florencio de Abreu e da senhora Wanda Sarmanho de Abreu. Os atos civil e religioso tiveram lugar na residência dos pais da noiva e na igreja de Santo Inácio,

sendo paraninfos, respectivamente, os srs. dr. Ernesto Simões Filho e senhora, e casal Osmar Radler pelo noivo, e o casal Comandante Ernani do Amaral Peixoto, e o casal Othon Bezerra de Melo pela noiva.

Numerosas pessoas de destaque compareceram às cerimônias entre elas a senhora Darcy Vargas, tia da noiva, senhora Almirante Guilhem, as famílias Amaral Peixoto, Dodsworth, senhora Henrique Dodsworth, viúva Marieta Matos, viúva General Waldomiro Lima, senhora Oswaldo

Aranha. Na fotografia cima vêem-se a noiva tendo ao lado a ilustre pintora sra. Odette Barcellos, a sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto e comandante Amaral Peixoto.



O ALMOÇO DA A. B. I. AO MINISTRO DO TRABALHO — Aspecto do almoço realizado no salão nobre da A. B. I. e oferecido ao ministro Marcondes Filho para entrega de um opuscolo em que foi impresso o discurso proferido por S. Excia. em 13 de Maio por ocasião da posse da nova diretoria daquela instituição.

E' de seu interesse... Nós lhe recomendamos... Lêr a página 3.

FESTEJADO O ANIVERSARIO

Do Sr. ALBERTO QUATRINI BIANCHI



OS amigos e admiradores do Sr. Alberto Quatrini Bianchi, desejando comemorar a passagem da sua data natalícia, transcorrida em 28 de maio último, reuniram-se, em um almoço, no Automovel Clube do Brasil, durante o qual foram ouvidos números de música e canto proporcionados pelos componentes do elenco do Casino Balneário Atlântico. Ao champagne, o coronel Jonas Corrêa, secretário de Educação do Distrito Federal, em nome dos homenageantes, brindou o aniversariante, que

agradeceu por intermédio do Dr. João Fina Sobrinho. As fotografias que ilustram esta página apresentam: ao alto, a artista Mejicanita e seus chimagos entoando letras mexicanas; ao centro, um aspecto dos convivas notados em parte das mesas; e, em baixo, o aniversariante, ladeado pelo embaixador do México, general Vilanova, Manoel Dantas e Rego Barros, almirante Adalberto Nunes e coroneis Costa Netto e Jonas Corrêa.



O Coronel dr. Jesuino de Albuquerque, Secretário de Saúde e Assistência, transmite ao prof. Austregesilo Filho, Chefe do Serviço Médico-Social a sua orientação sobre o Parque Proletário Provisório n.º 1 (Gavea).

TEVE a mais ampla e simpática repercussão a cerimonia, presidida pelo Prefeito Henrique Dodsworth, da destruição pelo fogo dos casebres e barracões que formavam a favela do Largo da Memória, no Leblon, cujos habitantes foram previamente desalojados e transferidos para casas



Trecho da favela do Largo da Memória, que foi destruída pelo fogo.



Reunião de crianças em idade pre-escolar, no Parque Proletário inaugurado em substituição à favela destruída.

As 700 novas casas, construídas em madeira, oferecem todo o conforto aos seus moradores, e o bairro do Leblon foi beneficiado, com a louvável medida do Prefeito Dodsworth, que tem recebido o maior apoio e auxílio do Coronel Jesuino de Albuquerque, secretário geral de Saúde e Assistência, pelo desaparecimento daquele entristecedor espetáculo que oferecia a favela destruída.

Seguir-se-ão a essa as demais favelas da cidade, em obediência ao plano laborado e levado a efeito com empenho pelo Prefeito Henrique Dodsworth, será essa mais uma dívida de gratidão que a cidade contrairá para com esse dinâmico administrador e seu Secretário de Assistência e Saúde.



Dois flagrantes da destruição da primeira favela, vendo-se em baixo o Prefeito Dodsworth quando ateara fogo ao barracão inicial, recebendo o facho das mãos do capm. Cipriano Santos, do Corpo de Bombeiros.

FAZENDO DESAPARECER AS FAVELAS CARIOCAS

"Alameda Pernambuco", vendo-se algumas das residências construídas pela Municipalidade para alojar os moradores da favela destruída





BRASIL-PARAGUAI — Flagrante apanhado no salão nobre do Palácio Itamarati, quando da troca dos instrumentos do acôrdo bancário Brasil-Paraguai, firmado entre os srs. Marques dos Reis, Presidente do Banco do Brasil, e Carlos Q. Balmelli e M. Harmodio Gonzales, representante do Banco da República do Paraguai e pelo qual o governo brasileiro concede ao governo paraguaio um empréstimo de cem mil contos, que serão invertidos num plano econômico e financeiro de obras públicas no país vizinho.

Do mês que passou



BRASILEIROS CONDECORADOS — Realizou-se, na sede da Embaixada do México, a cerimônia de entrega das condecorações conferidas pelo Governo Mexicano a várias personalidades de destaque da vida política e social brasileira e ao ministro da República Dominicana, no Brasil. O embaixador, Sr. José Maria D'Ávila disse da sua satisfação em desempenhar-se da tarefa de entregar as condecorações, em vários graus, da "Ordem Nacional Mexicana da Águia Azteca". No cliché aparece aquêlê diplomata entregando a comenda ao sr. Lourival Fontes, diretor geral do D. I. P.

VISITA DE ESCOLARES AO PRESIDENTE VARGAS — Flagrante colhido por ocasião da visita que os escolares fizeram ao Presidente Getúlio Vargas, para levar diretamente ao chefe da Nação os votos coletivos da juventude escolar pelo seu pronto restabelecimento.



BODAS DE PRATA — O casal Osvaldo Aranha festejou, entre as mais expressivas manifestações de carinho e apreço da sociedade carioca, a passagem do 25.º aniversário de casamento. Na residência do ilustre casal foi celebrada missa gratulatória pela significativa efemeride, vendo-se no flagrante acima, o chanceler brasileiro entre suas exmas. esposa e mãe, quando daquêlê ato religioso.

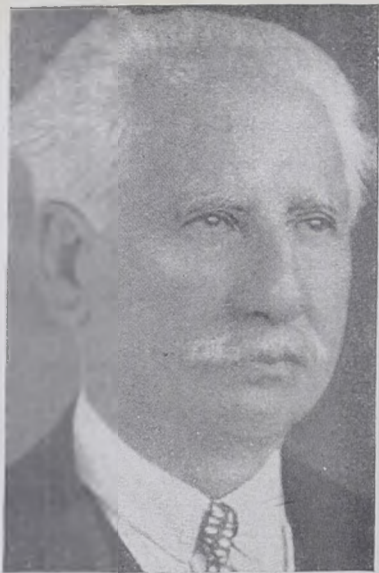


DOCA DO
VELHO
MERCADO

Tela de
Arthur Timotheo
da Costa







ASSIS BRASIL

PLINIO CAVALCANTI

De minhas peregrinações pelo Brasil, uma das recordações mais vivas que se fixaram em minha memória, foi a mansão patriarcal de Pedras Altas, onde este curioso tipo de homem que foi Assis Brasil, mantinha no Sul, em pleno século XX, a dignidade que ali por volta de mil e seiscentos e pouco e mil setecentos e muitos, Garcia d'Ávila mantinha na famosa Casa da Torre, em Tatuapara.

Ao confrontar estes dois tipos de casas senhoriais sem simile nas terras latino-americanas, penso como estes dois patriarcas do campo foram influenciados pelo amor à gleba e ao boi.

Realmente, a criação de gado foi um dos fatores que mais contribuíram para a penetração dos desbravadores no planalto central do Centro Oeste e por várias outras regiões fronteiriças do Sul de Mato Grosso, onde os campos de Campo Grande e Aquidauana, favoreciam, de modo especial, o desenvolvimento da pecuária.

Sem limitar, entretanto, suas atividades à criação de gado, Assis Brasil exerceu pela sua cultura e invulgar aptidão para a vida rural, uma influência, assás diversa de todos quantos se dedicam a tal profissão.

Embora bacharel em Direito, como a maioria dos jovens brasileiros de sua época e das suas posses, o fundador da granja de Pedras Altas, nunca foi, entretanto, capaz de acomodar-se à advocacia ou à vida acanhada das repartições públicas.

Com tais requisitos, é natural que não encontrasse na política, a arena propícia ao seu caráter e à sua inteligência.

Isto explica-se, principalmente, porque neste vaqueano de casaca, neste enamorado da terra, em cuja memória se perpetuavam as reminiscências da carreira diplomática, sentia-se logo a centelha de um espírito superior.

Um homem assim, de feitio tão próprio, tinha que ser tremendamente combatido, maximé, possuindo um caráter e infibridura como a que dava a personalidade do solitário de Pedras Altas cunho inconfundível.

Foi em 1919, quando em visita ao Rio Grande, que conheci pessoalmente o Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Tanto ouvira falar em sua pessoa e na famosa granja de Pedras Altas, que decidi não deixar a campanha sem conhecer de perto o majestoso castelo de granito cor-de-rosa, que se ergue em frente à estação de Pedras Altas, na ferrovia Pelotas - Bagé.

Antes, porém, de conhecer esta granja, travei conhecimento com Assis Brasil em Bagé, conseguindo fixar até hoje alguns traços e particularidades deste diplomata, agora transformado em agricultor e criador de gado fino.

Agindo sempre de modo diverso dos estancieiros gaúchos, tão ciosos da quantidade dos seus rebanhos, Assis Brasil declarou-me, depois de saber que eu havia visitado a estância Santa Teresa :

— O Sr. viu a maior estância do Rio Grande e vai agora conhecer a menor, que é justamente a minha.

Aliás, conforme o seu nome indicava, Pedras Altas, não era propriamente uma estância.

O seu próprio aspecto de herdade suiça ou normanda, emprestava-lhe um ar aristocrático em meio da paisagem rústica da campanha.

Ademais, bastaria aquêl castelo imponente, circundado de oliveiras e mergulhado no belo parque de pinheiros que lá existia, para atestar que o antigo Ministro de Washington e Lisboa, não se resignava mais às casas modestas dos estancieiros.

Cheguei a Pedras Altas pelas 10 horas da manhã, juntamente com o fotógrafo que colheu o flagrante aqui estampado e lá fiquei até à tarde, observando de perto a maneira toda especial da vida daquêl personagem que tanto dava que falar.

Realmente, Assis Brasil, com a sua franqueza rude, guardava nos refolhos de seu intimo, o atavismo do gaúcho que não sabe esconder e fala desassombadamente.

Quem soubesse, entretanto, relevar tais falhas, poderia conquistar sua simpatia, mantendo-se, porém, sempre em guarda contra qualquer deslize no modo de empregar as palavras, de não corromper a boa linguagem e não citar certos políticos que êle não tolerava.

Todas estas nuances são peculiares aos individuos da infibridura rija como o autor da *"Vida dos Campos"*, os quais geralmente não se resignam ao predomínio das massas e gostam de impôr a sua opinião.

Embora metido na cota de malha medieval que era o seu caráter e nas amêias do seu castelo, onde não faltava nem sequer a ponte levadiça, Assis Brasil não conseguiu evitar uma vez por outra, os pontacos de lança com que os temíveis panfletários do Rio Grande investiam contra sua pessoa.

Atribuo a êste procedimento dos seus conterrâneos, as máguas que êle externava, lamentando não ser compreendido nem devidamente considerado naquêl meio.

Espírito réto e caráter dominador, Assis Brasil com os seus costumes tradicionais de senhor feudal, numa terra como o Rio Grande, onde os ares parecem saturados de liberdade, não poderia ser facilmente compreendido.

Em tais circunstâncias, por mais que fizesse para confundir-se com os campeiros e vaqueanos, envergando habitualmente um costume de zuarte e não deixando as perneiras de couro, o senhor de Pedras Altas possuía uma infibridura ríspida para se acomodar a ambiente tão comum.

Embora amigo de bois e conhecido como autoridade em pecuária, Assis Brasil tinha seus pontos de vista, os quais sempre em oposição aos velhos criadores eram glosados e criticados, afirmando êstes que embora muito entendido na matéria, o doutor de Pedras Altas dormia com uma idéia para acordar com outra completamente oposta.

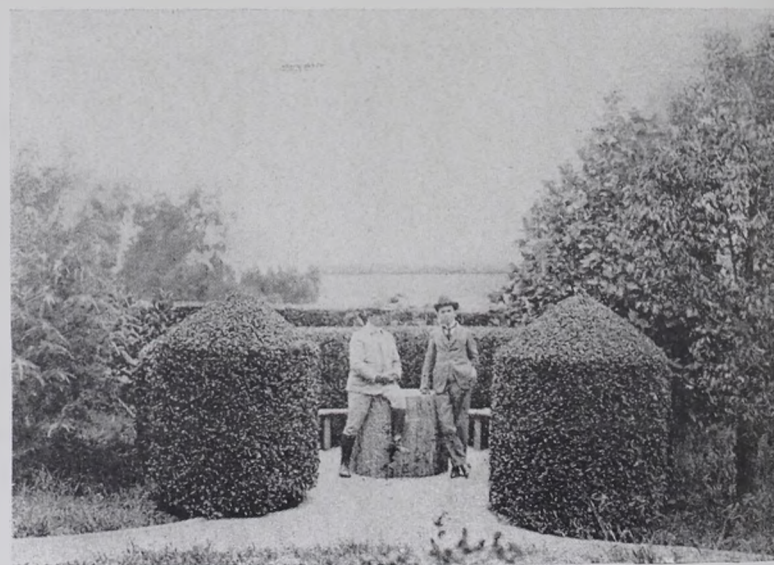
Lembro-me que, respondendo a uma pergunta que lhe fiz, Assis Brasil afirmou que, para a campanha gaúcha, não havia raça bovina mais apropriada do que a Davon e a Simental.

Tal conceito não podia, de modo algum, agradar aos estancieiros daquela região, onde o Hereford conquistára grandes simpatias e com seus plantéis numerosos dava às campinas um aspecto de riqueza e fartura bem acentuado.

Interessado em fixar aqui apenas as facetas mais vivas do Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, cujo perfil tanta

(CONTINUA NO FIM DA REVISTA)

Fotografia tirada em 1919, no Castelo de Pedras Altas, quando da visita do autor, à famosa granja de Assis Brasil



Não há nada como um antigo monumento, para dar a sensação da grandeza do tempo da inani- dade do homem. Em ce das ruínas cobertas de pó e os destrços soterrados, sôbre as mais as gerações imprimiram os us passos, o individuo perde o u valor, desaparece totalmente, m as suas vaidades, as suas am- ções, os seus inquietos desejos. melancolia domina a nossa per- nalidade. Outra emoção não odemos sentir, quando fitamos a esia de Thebas e recordamos a z de Ammon, que insuflou a nfiança e a audacia no Vale do ilo, operando essa arquitetura e colossos e esfinges, que desa- a a passagem dos milênios. través das suas colunatas e dos us pilones, vemos não somente paciência de um povo, mas uma te e um espirito, cuja eterna no- dade fará sempre a admiração o homem.

Dos fatos que intrigam o histo- ador e o arqueólogo, quando fa- m da antiguidade dos Faraós, ennum oferece tanto interesse oderno, como a origem do pri- itivo canal, que cortava o Istmo e Suez. Muito se tem discutido bre essa remota passagem, pela al vemos como o Egito ecedeu a vida contemporâ- nea, nos seus mais arrojados abalhos de engenharia. Quem fez construir numa éra, em que navegação marítima nem sonha- com a máquina a vapor? ams Eddin deu a autoria do anal do Cairo, ao monarca Tar- s-ben-Malia, reinante quando brahão esteve no Egito. Ha- em date, entretanto, a existên- a da antiga passagem, que liga- o Nilo ao Mar Vermelho, de- terior à Guerra de Tróia, ou ja no ano 1480, a. C. As refe- encias de Herodoto, atribuem a eco, filho de Psamme-Ti- us, a iniciativa dos pri- eiros trabalhos. Durante as oras, cento e vinte mil ope- rios pereceram, no esforço e domar a Natureza e



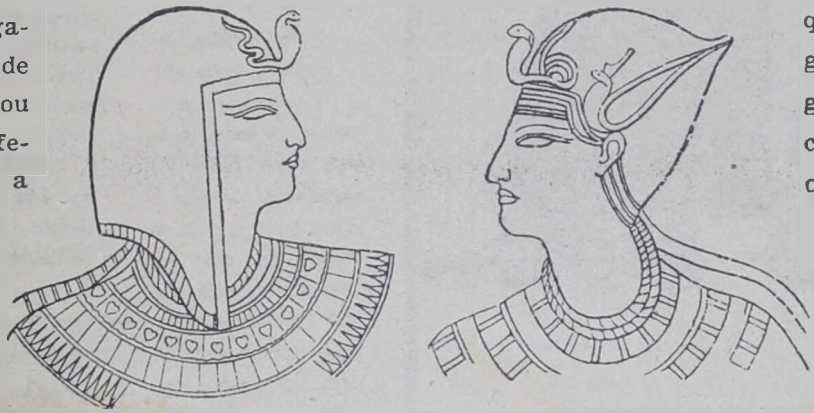
O interior do Templo de Phre, em Ibsambul

O CANAL DE SUEZ NO TEMPO DOS PHARAÓS

DE MATTOS PINTO

corrigir a hidrografia, unindo o rio sagrado ao mar bíblico. O empreendimento já ia pela metade, quando Necos ordenou, de súbito, que ces- sassem as obras. Um oráculo avisou que o rei e os seus escravos trabalhavam para um bárbaro estran- geiro, que invadiria o País Ammon. O vaticínio se

Ramsés IX e Ramsés X, dois gloriosos Faraós



referia à futura dominação do do Egito, sob os exércitos persas de Dario. Os fatos históricos in- dicam, que as primeiras excava- ções foram abandonadas depois de certo tempo, ou por superstições, ou por motivos materiais. Quando chegou Dario e com ele as suas tropas triunfantes, o canal estava quase aterrado. Pela segunda vez, a mão humana procurou unir o leito do Nilo, à praia do Mar Ver- melho. Os novos trabalhos iam adiantados, quando Dario também mandou suspender o atêrro. Ad- vertiram ao rei persa, que sendo mais elevado o Mar Vermelho, as suas águas salgadas invadiriam o Vale do Nilo. Contestou-se de- pois a realidade dessa diferença de altitude.

O geógrafo grego Strabão, que muito viajou e que nasceu no sé- culo I a. C., relatou que os Pto- lemeus cortaram o Istmo de Suês e fechavam o canal, de maneira que os barcos podiam transpôr o rio para o mar. Indo ao Egito, quatrocentos anos depois de He- rodoto, que investigou a origem do estranho empreendimento, Dio- doro também verificou a existên- cia da passagem artificial. Tanto Diodoro de Sicília, como Strabão, falaram das barreiras, engenhosa- mente construídas, que se abriam e que se fechavam, deixando pas- sar os barcos. Ptolemeu Phila- delpho construiu a cidade Arsinoe, nome da sua irmã, para favorecer a comunicação comercial com o Mar Vermelho. Por essa cidade, também conhecida com o nome de Cleopatris, passava o canal legen- dário. Os cálculos sôbre a sua extensão deram-lhe setenta e dois quilômetros. Quanto à sua lar- gura, duas triremes podiam nave- gar lado a lado. A existência do canal, que cortou na antiguidade o Istmo de Suez recebeu nova con- firmação no século XIX, por L. Bellefond Bey, que viveu mais de quarenta anos no Egito. A antiguidade ia- raonica antecipou à enge- nharia do século XX.

NAQUELA quinta-feira, às 6½ da tarde, Miguel Hornsby fôra encontrado morto, na sua biblioteca, com um pequeno orifício no crânio: orifício nibido, precilo, que indicava a passagem de uma bala. Seu braço direito descansava na poltrona e, junto desta, no chão, jazia um revólver automático de calibre 32. O médico forense declarou que o falecimento devia ter-se verificado às 5 horas, mais ou menos, dessa mesma tarde.

A esposa de Hornsby que fôra avisada, em casa de sua mãe, aonde se encontrava, ao voltar foi incapaz de fazer luz sobre o acontecimento. Hornsby, afirmou ela, não havia sofrido abalos econômicos e embora não tivesse compleição vigorosa, gosava boa saúde.

Duas circunstancias chamaram a atenção dos que viram o corpo no primeiro momento: uma, — singularíssima — de que calçasse luvas, luvas fortes e grossas, de operário; e, outra, menos insólita, admitida como fôra a teoria do suicídio, porém, não menos intrigante: o fato de, em seu regaço, repousar uma câmara fotográfica. Era esta um desses aparelhos criados pela tecnica moderna industrial, pequeno a ponto de caber numa mão,



O MALHO

O Instantâneo

Conto Policial, por: DENVER LINDLEY
Trad. do Espanhol, por HELENA DE IRAJA'

e mediante o qual o operador pôde captar a imagem de quem quer que seja, por mais rebelde ou prevenido que esteja contra a mania dos instantâneos. Hornsby nunca se separava dessa "câmara".

O inspetor policial Crampton reparou logo nas luvas. "Porque haveria esse homem de calçar luvas para se suicidar?" — perguntou a si mesmo, em voz baixa.

E, no mesmo tom, respondeu: "Ridículo! Nem ele nem ninguém o faria! Isto para mim não é suicídio... E interpelou um companheiro:

— Penso que não achaste impressões digitais, heim, Coleman?

— Nem uma só, inspetor.

— O revólver pertencia a Hornsby.

— Não; não era de Hornsby e sim de Steven Howe, um seu amigo que mora perto daqui e diz ser dono da arma, mas afirma que a emprestou a Hornsby. Mandei buscá-lo e está esperando o interrogatório...

— Bem. E que averiguou a respeito da câmara.

— Que estava carregada. Já revelámos tudo.

— Bom trabalho — comentou o inspetor. — Mandame cá Howe.

— E, suponho — disse o velho inspetor — que, antes de morrer, Hornsby tirou um bom retrato do seu assassino...

Coleman não sorriu.

— Talvez — disse. — A última fotografia foi tirada neste mesmo aposento e percebe-se a presença de outra pessoa, nele. Quem é, eu ignoro, porque o negativo não é maior do que um selo postal; mas, daqui a pouco sabemos, pois vou mandar fazer uma ampliação...

Steven Howe penetrou na sala, dando mostras de estar nervoso. Era um homem alto e magro. Cumprimentou Crampton e sentou-se na cadeira que este lhe indicava. Sem circunlóquios, inspetor começou logo:

— Diga-me tudo o que fez ontem à tarde.

Howe começou pensosamente seu relato. Passara de auto pelas estradas e tinha voltado à hora do chá...

Nesse momento, entrou novamente Coleman na peça e colocou em silencio sobre a pasta, uma ampla fotografia de 6x9 centímetros. O inspetor olhou-a, virando-a depois contra a mesa. Connuo o interrogatório:

— E, quanto ao revólver, senhor Howe, quando lh'a pediu emprestada o senhor Hornsby?

— Segunda-feira passada, quando regresso a minha casa. Disse-me que desejava experimentá-la. E não m'a devolveu.

— Conhecia bem Hornsby?

— Sim. Fomos amigos durante um ano; e continuei vendo-o com frequência até... até pouco.

— Que quer dizer, senhor Howe? Por essa reticência?

Uma vez mais, o interrogado demonstrou alteração nervosa, o desgosto que o domina. Respondeu:

— O fato é que nos evitávamos o mais possível havia várias semanas...

— Tal mudança foi justificada por alguma razão forte?

O interrogado vacilou. Depois disse:

— Bem, inspetor. Vou lhe expôr toda a verdade, porque, si o não fizer, ouvirá murmurações que a deturparão... Mitchell, desde havia algum tempo, mostrava-se diferente comigo. Estava enojado. Ignoro quem lhe meteu na cabeça que eu pretendia roubar-lhe a mulher. Sabedor disso, espasei meus encontros com ele, evitando-lhe a presença o mais possível...

— Um momento. Discutiram alguma vez particular? Chegaram a ter disputas?

— Sim. Por duas ou três vezes ele me falou com impertinência, e eu lhe disse claramente que pensava dessa conduta.

O inspetor moveu-se na cadeira, dizendo Coleman:

— Faze entrar a Sra. Hornsby.

E Clara Hornsby fez ato de presença, dando de luz e graça o escuro gabinete policial. Apesar da palidez, vinha bela como nunca. No rosto emaciado, os lábios se ofereciam húmidos e púreos, ao passo que os claros olhos espantosos se assemelhavam a duas opalas maléficas.

Sentou-se, depois dum cumprimento assustado, e se dispôs a responder. Mas Crampton não dirigiu a ela, e sim a Howe, para lhe dizer em tom talhante:

— "O senhor matou Hornsby."

Quasi desmaiando, Clara apoiou-se no encosto da cadeira.

Em troca, Howe, mais dono de si, respondeu friamente:

QUADROS HISTÓRICOS

— Não, inspetor. Está enganado.

— Não esteve ontem nesta casa?

— Outra negativa.

— Não.

O inspetor levantou-se, tomou a ampliação que estava sobre a mesa e endeu-a a ambos.

Clara contemplou o positivo fotográfico, e a surpresa lhe estriou os olhos de vermelho. Quanto ao homem, passou uma das mãos pela testa, como se receiasse um ataque de loucura, e deitou, violento:

— Não! Isto não é possível!

A foto em questão fôra tirada da parede onde Hornsby havia sido encontrado morto e permitia vêr parte dos seus joelhos; ao fundo — o mais importante — via-se o espelho fronteiro ao operador, e no mesmo se destacava, nítida e precisa, a imagem de Steven Howe de revólver em punho...

— Esta fotografia completa o caso — exclamou o inspetor Crampton, enfante. — Portanto, o sr. está preso.

No entanto, a última palavra do sr. Howe não fôra dita. Duas horas mais tarde, Coleman avisava o chefe:

— Em seu lugar, eu libertaria Hornsby. Ele não matou Hornsby.

O inspetor fitou-o com assombro.

— Que dizes? Estás louco? Si já tens as provas suficientes até para o encerrar vinte vezes! Quem matou Hornsby, então?

— Ninguém. A famosa prova é esta, como a fotografia em que se baseia.

— Que? Achas que se trata de uma composição?

— Não. Si fosse uma composição, eu notaria facilmente ao ampliá-la, conforme fiz, até um tamanho de 24 x 30. Imagino outra espécie de procedimento, mais simples como mais eficaz. Valendo-se de artimanhas só por ser conhecidas, Hornsby conseguiu um

retrato de Howe, ampliou-o até alcançar as proporções do espelho, fixou-o neste, e apanhou o negativo, da poltrona onde ficaria, depois de se dar ao tiro. Em seguida destruiu a ampliação e se desfez a dar o grande salto...

— Muito bonito, Mas, que provas tens de tudo isso? Nenhuma.

— Vamos devagar. Si as cousas foram assim imaginei logo que Hornsby devia ter conseguido um retrato do amigo, de revólver em punho. Como? Onde? Como? Tomei a foto ampliada por mim e fui ao club de caçadores, de que ambos eram socios. Mostrei-a ao porteiro e, logo me disse que, no domingo anterior, Hornsby a tirára com seu minúsculo aparelho enquanto Howe atirava ao alvo, inconsciente de tudo.

— Tudo isto está muito bem, mas, necessitam de uma base.

— Uma base? Mas, o sr. não sabe que Hornsby vivia morto de ciúmes? Desde havia muito, vivia em ignomínias, a respeito da esposa com

Um jovem lord herdara do pai um castelo histórico. Nêle havia uma coleção de quadros também históricos.

O grande aristocrata contraíra dividas, como o faz — aliás — todo o Lord que se préza.

Um dia, atormentado pelas dividas contraídas, chamou um negociante de antiguidades.

— Tenho a intenção de vender-lhe — disse — a minha pinacoteca, com a condição — bem entendido — do senhor

me oferecer por ela um preço razoável.

E ponderando:

— Naturalmente não desejo que tal transação venha a ser conhecida entre os meus amigos.

o melhor amigo. Desejava morrer, mas, em absoluto não queria deixá-los sós para que vivessem e gozassem. Quando Clara foi passar uma temporada com a mãe, surgiu-lhe a idéa perversa.

— Descansarei de meus tormentos, e ela ficará livre, mas êle... êle...

Desejou então precipitar o amigo pelo abismo de uma acusação de assassinato, tão bem fundamentada que não haveria legista nenhum no mundo capaz de discutir a culpabilidade de Howe.

Foi auxiliado pelos seus conhecimentos fotográficos, mas o diabo o colocou em frente a outro maníaco conhecedor de todos os "trucs" do ofício e capaz de adivinhar outros ainda...

— Tu.

— Eu mesmo, modéstia aparte.

Mais convicto, o sr. Crampton indagou ainda:

— Mas... que me dizes das luvas?

— Que foi justamente a sua exclamação: "Porque haveria esse homem de calçar luvas? Luvas para se suicidar?" Calçou-a para destruir a



Além disso, deverá ser, ainda, estabelecido, entre nós dois o seguinte: — o senhor me mandará confeccionar copias, completamente idênticas aos originais, não devendo faltar, nem mesmo, as pequeninas escurações das telas, ou das molduras...

O velho antiquário revirou os olhos, mexeu a cabeça para um e outro lado e, numa voz respeitosa, mas pontilhada de medo, disse:

— Infelizmente há uma pequena dificuldade em poder atender aos vossos desejos, senhor Lord!

— Como?

— É que... que...

E decidido:

É o seguinte, senhor Lord...

— Diga!

O antigo comprador respirou profundamente e arriscou:

— Aquilo que o senhor Lord me pede... Oh! meu Deus!... devo con-

fessar-lhe em segredo... já o fiz para o vosso augusto pai, quando êle herdou os quadros históricos do vosso saudoso avô!...

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

teoria suicida, e também para eliminar o perigo das impressões digitais na corôna do revólver. Assim, ninguém acreditaria em suicídio e procurariam saber...

Sobrava ainda a pequena câmara que deixou ostensivamente no regaço, afim de chamar a atenção dos curiosos. Como não haver interesse pelo que continha?

Ao ser posto em liberdade, Steven Howe deu um "shake-hands" de agradecimento a Coleman, que, de tão forte, lhe estalou os dedos.

— Si o sr. não acreditasse nas minhas palavras, a verdade talvez ficasse para sempre oculta...

— Não, senhor Howe — elucidou seu interlocutor: — não duvidei nem acreditei em suas palavras. Foi outra coisa o que me levou a pesquisar. Sabe qual? "Minha íntima e profunda convicção de que não há homem no mundo capaz de parar para tirar uma fotografia de quem, nas suas costas, lhe aponta com um revólver, decidido a matá-lo... simplesmente isto."

O MALHO

TRANQUILIDADE

Vida quieta, perdida na paisagem
Sombria e calma da floresta em frente,
Onde só chega, muito raramente,
A cantiga monotona da aragem.

Si um ruído quebra a solidão selvagem
Tudo se agita, tudo, de repente,
E há cicios na voz da água corrente
E murmúrios estranhos na ramagem.

Tristeza enorme... Sombras... Agonia...
Calma que envolve a terra com ternura
E põe no brando definhar do dia,

Na mais humilde e pobre creatura,
Um pouquinho de sonho e de alegria,
Uma leve esperança de ventura.

GUIMARÃES VIEIRA

CONSOLO

Deixai-me fechar os olhos...
Deixai-me um pouco sonhar!...

Esta Vida é tão tristonha!
Tão difícil de aturar!

Os momentos mais felizes,
passam logo... sem parar...
E depois apenas resta
o prazer de recordar...

... Deixai-me fechar os olhos!
Deixai-me um pouco sonhar!...

LUIZ OCTAVIO

NOTURNO

Quando o silencio paira sobre a terra
A horas mortas da noite, e a nostalgia
Invade o coração das cousas, erfa
Na minh'alma uma atroz neurastenia!

Sinto que ela se esvái de parceria
Com as almas daqueles que na guerra
Morrem, às vezes; outras, que sombria
Se esbate contra um carcere que a aterra.

Há uma vaga saudade pela forte
Natureza; e campeia, e paira, pelas
Solidões, a alma lugubre da morte.

E' quando então sofrendo a imensa dôr
Do mundo, ascendo ao seio das estrelas,
Glorificado pelo meu Amôr!

BUGYJA BRITTO

CARTAS PARA VOCÊ (O ADEUS)

(A J. G. de Araujo Jorge)

Esta carta, não é preciso que a remeta,
Nem necessito ir lhe procurar
Por toda a terra,
Pelas costas brancas do mar
Ou pelos céus
Para lh'a entregar:
— O assunto que ela encerra
(Como me custa a dizê-lo!)
E que é o nosso adeus,
Você distinguirá e poderá vê-lo
Nas cousas mais simples que encontrar...

Vê-lo-á nas árvores esguias,
Nas paisagens sem beleza
Que você deparar e que
Traduzam tristeza.
Aí, você poderá ler
O assunto desta carta,
Para então compreender
O que são os meus dias
sem você...

MILTON F. MENDES

FARÓL & VALENTIA

Felisberto era um sujeito
Que a Deus e ao mundo afrontava,
Batendo forte no peito,
Dizendo que ali mandava...

Na vila, todos calavam
Quando êle soltava um grito;
Quem se metesse com êle,
Podia dizer: — estou frito.

Mas um dia, o valentão
Não foi bravo, nem feliz:
Encontrou valente e meio
Que lhe achatou o nariz.

Envergonhado com a surra,
Nunca mais apareceu,
Para gritar no terreiro:
— Aquí, quem manda sou eu!

ROMÃO DA SILVA

OS PRIMEIROS BONDES QUE TRAFEGARAM PELO RIO DE JANEIRO

Por GARCIA JUNIOR

A nossa encantadora "urbs" pôde ser hoje considerada como uma das mais belas cidades do mundo. Possivelmente que dentro de vinte ou trinta anos, talvez esteja em condições de medir parênteses com New-York, Paris ou Londres, com a circunstância aliás excepcional de levar sobre aquelas uma vantagem: a da magnífica cercadura de montanhas pintálgadas de luxuriantes verduras, que tão belo contraste oferece à obra devida a mão do homem! Enquanto não chega porém tão ambicionado dia, nos compraz recordar um detalhe da vida do Rio de Janeiro, talvez ignorado por muitos cariocas, e este é o que se refere à primeira companhia de bondes que trafegou na nossa cidade. Servida por gondolas, maxambombas, e depois por tilburis, o carioca o cidadão que viveu nesta invicta São Sebastião do Rio de Janeiro, teve para cumulo de seus pecados o maior castigo que se pôde dar a um cidadão de nossos dias: ser obrigado a se servir do "pedibus calcantibus" ou dos pizantes, como se diz em linguagem de giria... Quem quer que fosse para o Andaraí ou Tijuca, ou então para Botafogo, houve tempo, que se não era pessoa de pról, de teres e haverés, só tinha para tanto um recurso, era ir mesmo a pé. Mas como não há mal que sempre dure nem bem que se não acabe, um-belo dia surgiu no Rio de Janeiro, isto por volta de 1864, um certo snr. G. B. Grenough que, dada a correspondência trocada até então com amigos residentes na nossa velha capital, trazia na cabeça uma idéia mirabolante e audaciosa: estudar as possibilidades de criar para a nossa "urbs" um serviço de "horse-cars" semelhante ao que já havia na América do Norte! Mal chegando ao Rio de Janeiro Mr. Grenough, que vinha financiado por um amigo e político do Estado de Albany, um certo Mr. Erastus Corning, igualmente homem de negócios e capitalista, o nosso Mr. Grenough meteu mãos à obra: a tal ponto chegou ele a se empolgar pela sua própria idéia que todas as noites, como para se certificar das verdadeiras possibilidades de seu plano ia-se postar no portão do Passeio Público, tomando nota então, do número de pessoas que de gondolas tilburis, carros e até a pé, passavam na direção de Botafogo. Assim levantada ele uma estatística, pela qual poderia calcular qual o movimento com que deveria contar para os seus futuros bondes!

Entrementes é que lhe aparece um cavalheiro cubano, um certo snr. Aurelio Arango. Fazem-se amigos. Através de Arango que também para aqui viêra afim de estudar as probabilidades de montar no Rio uma companhia de navegação, capaz de intensificar as relações comerciais entre os Estados Unidos da América do Norte e o Brasil, é que Mr. Grenough vem a conhecer Mr. Guinty, que era então o gerente da Companhia de Gás, e esse é que lhe comunica da existência de uma concessão dada anos atrás ao Barão de Mauá, para exploração de uma linha de carros sobre trilhos, de tração animal, destinada a Botafogo. Graças a Arango e Guinty, é que Grenough mais tarde obtem a transferência da concessão, para a companhia que ele organiza em New-York, sob o titulo de "Botanical Garden Rail Road Company". Não lhe custará aquilo menos de dez mil dolares dados a titulo de gratificação e Aurelio Arango! Auxiliado por seus amigos Corning e Spalding, Mr. Grenough em pouco inicia a construção da linha da Jardim Botânico, todavia não consegue de inicio fazer o que desejava, pois o capital da companhia que deveria ser de um milhão de dolares, representado por dez mil ações, não encontrára subscritores para mais de 250 mil dolares!... Começam neste ponto as suas primeiras dificuldades; já não são tão somente as impossibilidades de ordem financeira que o atormentam, mas também as de ordem material. São exigencias sobre exigencias, implicancias sobre implicancias... Como existisse nesta época uma empresa de gondolas de propriedade de um Delgado de Carvalho e de um Cotrim — gondolas que trafegavam também entre Botafogo e a cidade, — Grenough procurou se aproximar daqueles, para ver se conseguiria interessá-los no seu negocio mas dizem as crônicas Delgado e Cotrim não acreditavam nas possibilidades de vitória da empresa de Grenough, e por isto não lhe deram ouvidos... Ainda assim o tenaz norte-americano não desanimava, antes como redobra de entusiasmo...

Como Arango tomára o compromisso de pagar 80:000\$000 a vista e 50:000\$000 logo que os trilhos chegassem à rua S. Clemente, Mr. Grenough a quem fôra transferida a concessão de Mauá, mete mãos a obra, trabalha febrilmente. Não raro lhe surgem uma vez ou outra obstaculos, mas o terrível "yankee" vence-os um a um, bravamente de maneira galharda. Quando

se inaugura a linha da Jardim Botânico em 9 de Outubro de 1868, linha que partia da rua Gonçalves Dias esquina da do Ouvidor, e ia até então ao Largo do Machado, exatamente na ocasião em que devia sair o primeiro bonde, conduzindo S. M. o snr. D. Pedro II e outros convidados, Mr. Grenough que fazia honra à comitiva, recebe uma intimação da municipalidade, que proibe o trafego. O momento é de hesitação. Mr. Grenough vacila se deve ou não cumprir as ordens emanadas do governador da cidade. Diz-se então que o Imperador ciente das razões que retardavam a partida do veículo, e que outras não eram senão as da precariedade ou das complicações da legislação praxista, em que já então viviamos, cheia de incongruências e absurdos — entre ironico e contrafeito — teve esta frase para o americano, que tinha na mão a intimação municipal: — "Receba, receba a intimação, mas faça seguir os bondes..."

E os bondes seguiram realmente. Seguiram até o Largo do Machado, que era então o ponto terminal.

O mais antigo orgam da imprensa carioca, ao tempo, noticiando o auspicioso acontecimento, para o Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1868, diz que a rua Gonçalves Dias amanheceu engalanada. Os carros da nova companhia, estendidos por toda a antiga rua dos Latoeiros iam até ao Largo da Carioca, onde estava o primeiro bonde, no qual além do Imperador e da Imperatriz, D. Thereza Christina, ia também o Ministro da Agricultura; Mr. Grenough, presidente da Jardim Botânico, e inumeros representantes do mundo oficial. Dado inicio à inauguração às 10 horas da manhã, em meio de aclamações da massa popular, que fazia alas em torno dos veículos, e de espectadores que das janelas, davam arrhas: expansões de alegria, em regosijo a tão agradável empreendimento, um a um, puxados por luzidias parênteses de bestas, foram então os bondes rolando em direção à nossa atual Praça Duque de Caxias. Com isto estava para sempre inaugurada a chamda "Via ferrea do Jardim Botânico", para quem o decano dos jornais cariocas augurava um promissor futuro, não sem desejar que "a mesma facilidade de locomoção se estendesse a outros arrabaldes da cidade".

Naquele dia, pela primeira vez o carioca começou a andar de bonde, esse mesmo bonde que em breve passaria a trafegar por todo o Rio de Janeiro, através de outras companhias, como a Carris Urbanos e a São Cristovam, o mesmo bonde que ainda em 1895 cortava toda a zona de Botafogo, em demanda ao Leme e Copacabana, isto no tempo em que os terrenos da nossa bela Copacabana de hoje, eram vendidos em lotes a razão de \$500 réis o metro quadrado e não havia para eles, compradores... Muito mais interessante porém que isto, é se saber que a origem da palavra bonde aplicada então pelos cariocas aos veículos da empresa de Mr. Grenough, prende-se ao vocabulo inglês "bond", isto é, às apolices ouro do emprestimo feito em 1868 pelo Visconde de Itaboraí, então nosso Ministro da Fazenda, para atender às necessidades decorrentes da guerra do Paraguay... E como as passagens dos "horse-cars" eram vendidas em grupo de cinco cartões destacaveis, ou seja à valer "200 réis cada cartão, o que representava metade do preço que se cobravam nas gondolas, nada mais pratico lhe pareceu que dar-lhe o titulo de bonde que se tornou dest-arte extensivo à viatura.



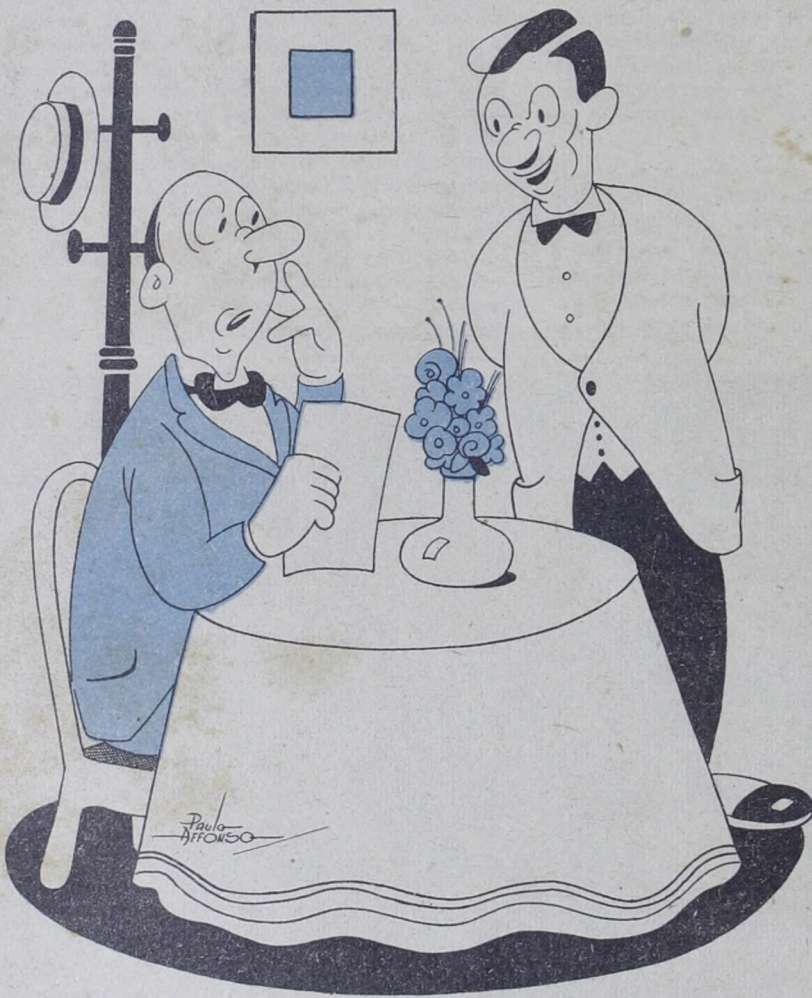
COM O QUEIROZ FOI ASSIM

De SODRÉ VIANNA

QUEIROZ entrou na repartição. Ia bilioso até a alma. Não podia mais tolerar a saleta fusca do arquivo, em que levava dois terços da sua existencia na intoxicante companhia de Dona Estér, a datilógrafa. Dona Estér era um mulheraço côr de camarão cosido, suficiente, exatíssimo, muito cioso das vantagens que o tempo de serviço lhe outorgava.

Queiroz machucou os taquinhos do hall, empurrou a porta de vai-vem e, quando ia atirar com o chapéu para a carteira, gesto desabrido que repetia diariamente, sentiu necessidade de curvar-se e dizer :

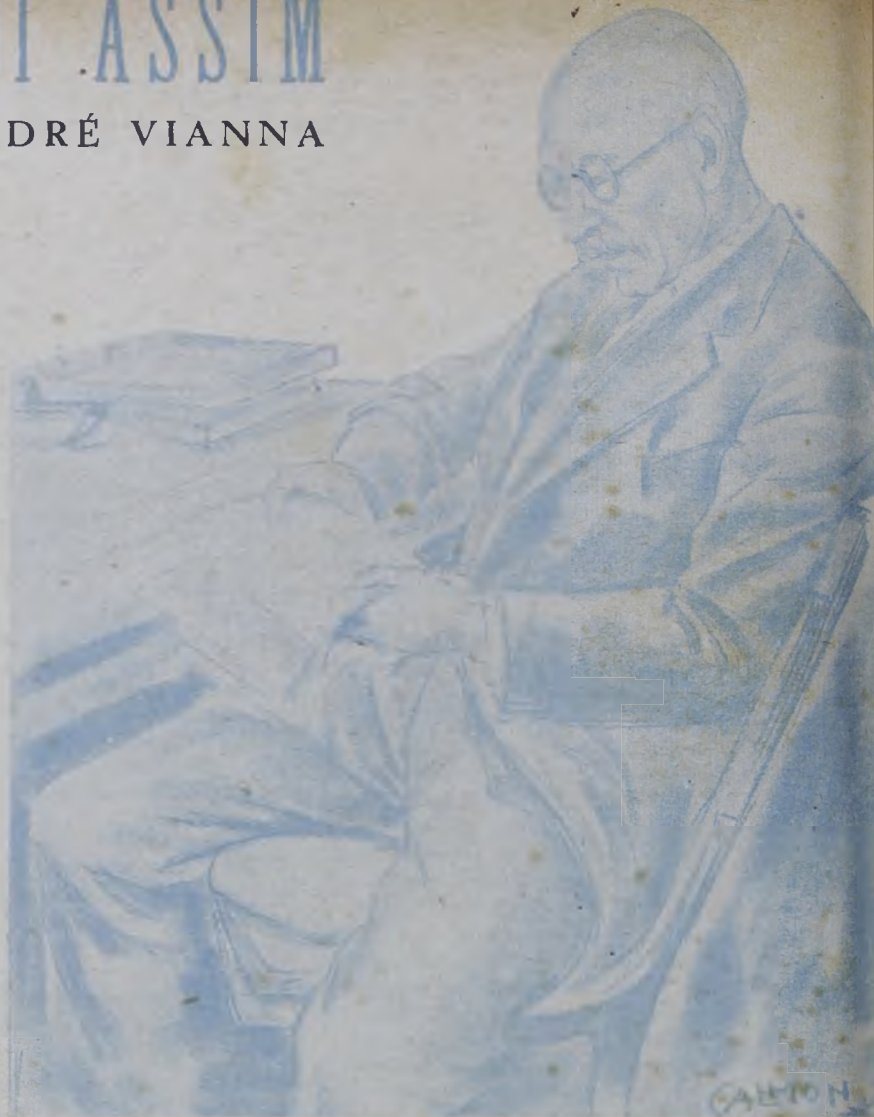
Bom dia, senhorita.



— GARÇON, NÃO PRECISO DE CARDAPIO! SOU ANALFABETO! O QUE ME ACONSELHA COMER?

— UMA SOPA DE LETRAS...

O MALHO



A voz que lhe respondeu cantava como um viveiro de sabiás. Pertencia a uma lourinha de lábios generosos, olhos de mês de Maria e nariz travesso.

Queiroz dirigiu-se à mesa, sentou-se, arrumou os papéis — e esperou. Enquanto isso, dava-se conta de uma transformação radical do ambiente. Dona Estér carregara consigo a sombra, o cheiro enjoado de água de colônia, os seus resmungos intermitentes de virgem velha.

Para onde teria ido Dona Estér? Aposentara-se com certeza . . . Felizmente! Que o diabo a levasse!

A moça continuava castanholando letras na máquina. Pouco depois, batendo um ponto final enérgico, ergueu-se, ageitou o maço de cartões e aproximou-se com um sorriso de covinhas no rosto menineiro :

— Estas fichas para o senhor datar e visar. Dona Estér não pôde comparecer e me pediu que fizesse o serviço por ela, para não haver atraso. Mandou dizer que amanhã virá, sem falta.

Queiroz, pálido e atordoado, agarrou o grande corrimbo metálico. E de novo a voz deliciosa soou :

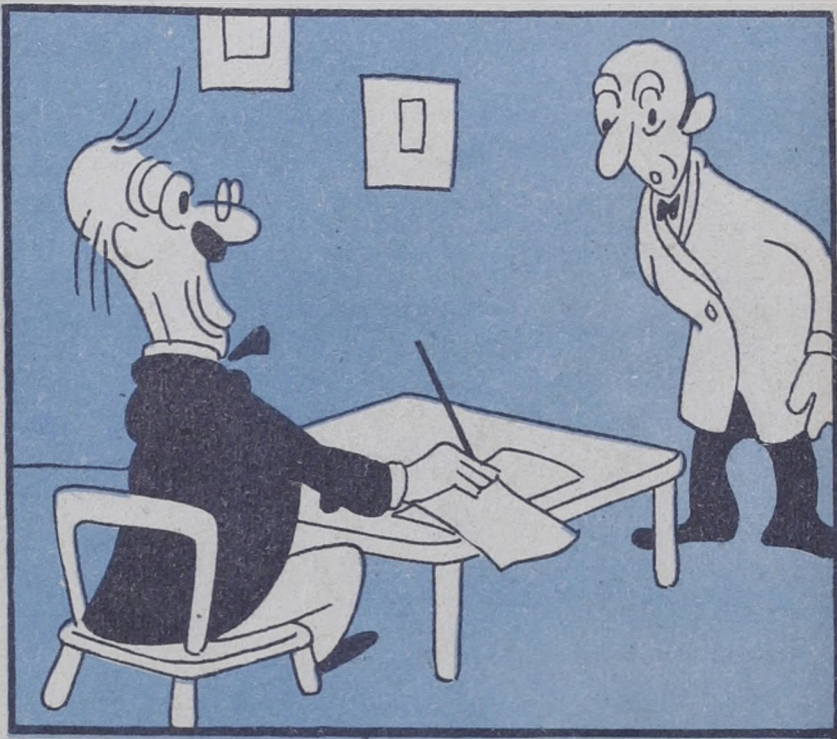
— Já mudou a data? É capaz de ainda estar em 31 de março. E hoje já é 1.º de abril . . .

Então ele sentiu uma pontada na vesícula.

Ria se Quizer...



— SEU MARIDO MELHOROU DA INSÔNIA?
 — SIM DOUTOR. AGORA, ESTÁ COM UM SÔNIO
 TÃO PESADO, QUE QUANDO DORME, AFUNDA
 O COLCHÃO.

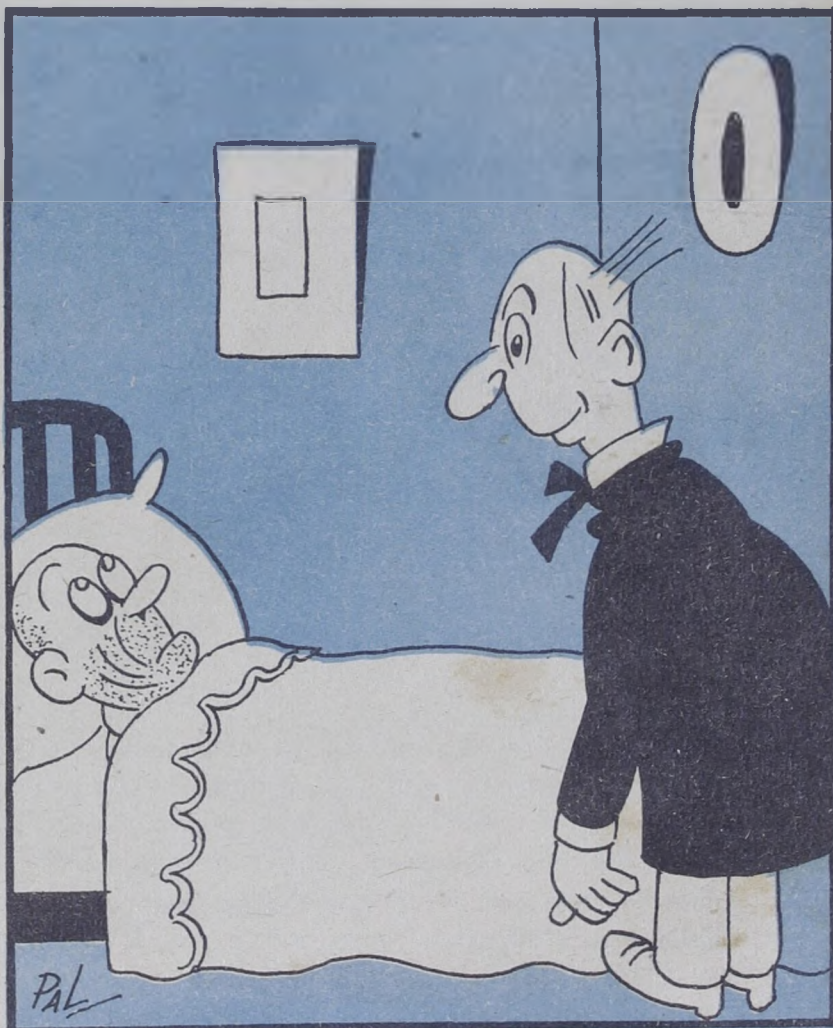


— COMO SE CHAMA?
 — JOÃO PENRSTHWITHSWI-KROVSKITSOWS.
 — E COMO SE ESCREVE ISSO?
 — COM UM TRAÇO DE UNIÃO NO MEIO.



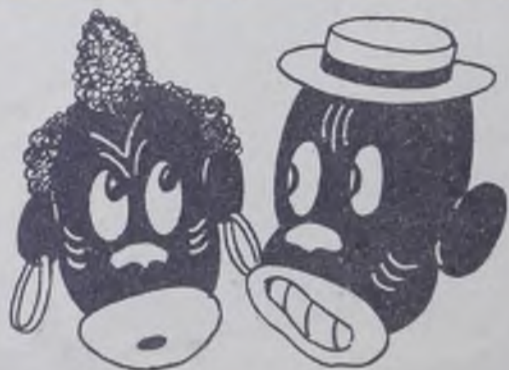
FÔRÇA DE EXPRESSÃO

— MINHA SENHORA; ESTE CHEQUE NÃO
 PODE SER PAGO. NÃO TEM FUNDOS.
 — O SENHOR SE REFERE A MIM OU AO
 BANCO?



— E' MUITO GRAVE O SEU ESTADO. O SE-
 NHOR SE NÃO TIVER DESCANSO VAI MORRER.
 TRABALHA MUITO?
 — SIM, DOUTOR. TRABALHO NA BOLSA.
 — POIS ENTÃO NÃO VA' MAIS. JA' SABE; A
 BOLSA OU A VIDA...

GAVETA de BELCHIOR



Entre os indígenas peruanos é costume ainda, que um ano antes de ser efetuado o casamento, se realize o enlace de "experiência".

Se, passado um ano, não der resultado satisfatório, dá-se então, a separação do casal, isto sem o menor detrimento ou prejuízo para qualquer dos dois.

Este costume é bastante singular, datando do tempo dos Incas e não deixa dúvidas que é um excelente método contra a "incompatibilidade de gênios", tão em voga no século atual. Como consequência desse costume, a percentagem dos casamentos felizes é enorme entre os de raça autotona do Perú.

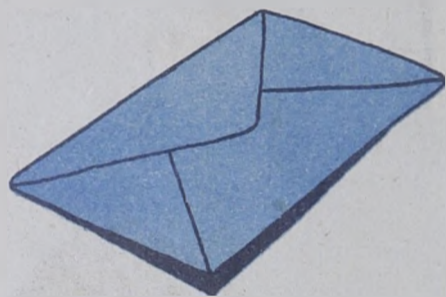
Os olhos são o espelho da alma, dizem os poetas, e com toda a razão. Aderindo aos menestres, os ensaiadores norte-americanos julgam que a cor dos olhos de um artista cinematográfico indica as aptidões para este ou aquele papel particular. E seguem o seguinte quadro demonstrativo, para distribuir a interpretação de seus filmes:

Azul escuro: pureza de amor, afeto. Azul claro: constância, bom humor. Azul pálido: ciumento, imperioso. Cinzento ou verde cinzento: impulsivo, impressionável.

Verde escuro: faceirice, falta de sinceridade.

Marron escuro: apaixonado.

Nesse quadro demonstrativo, não foram incluídos os olhos negros!... São difíceis de serem estudados!...



O seguinte e pitoresco episódio afirmam que se passou durante a grande guerra:

Alguns notáveis alemães estavam certa vez, reunidos num café popular de São Francisco da Califórnia, bebendo em honra dos triunfos das armas do Kaiser, quando lhes chegou a notícia de um boato acerca da queda de Verdun. Vibrando de patriotismo, decidiram enviar imediatamente para Verdun mesmo, uma carta dirigida ao Kronprinz, felicitando-o pela grande vitória.

Alguns meses mais tarde, a carta voltava a S. Francisco. E um empregado postal, tão patriota quanto humorista, havia feito a seguinte anotação atravessada sobre o endereço da mensagem:

"Ainda não chegou a Verdun!"...

Dr. Charles V. Craster, diretor de Sanidade em Newark, publicou um boletim em que avisava o público dos perigos trazidos pelo beijo, quando a dama usa os lábios carminados. Os batons de pintura para os lábios, segundo afirmava o médico, são prodigiosos campos de criação de micróbios.

Disse ele, que quando um bacteriologista quer averiguar quantos vermes invisíveis habitam a atmosfera, que o rodeia, coloca uma camada de gelatina sobre uma placa de vidro e a expõe ao ar, por alguns instantes.

Imediatamente os micróbios se precipitam sobre a gelatina, como as mariposas fazem com a luz.

Isso é o que se passa com os lábios pintados, que são uma espécie de armadilha para os micróbios, que podem facilmente passar para outros lábios... por contacto. Sugerimos ao leitor, que ao tentar beijar uma mulher de lábios pintados, impe-os, e depois...





re Cinema

SHIRLEY TEMPLE acaba de fazer a sua volta ao cinema de maneira brilhante, no filme da Metro — "Kathleen, a esquecida", que foi considerado um dos melhores celuloides de sua carreira. Shirley, ao contrário de outras crianças-"prodigio", continúa sendo um dos nomes mais populares do cinema americano. "Miss Shirley Temple" é tão adorável quanto a garotinha do passado, como prova esta sua recente fotografia, vinda dos estúdios de Culver City.

HA 30 ANOS



Uma visão de Londres, em 1940, depois de durante uma incursão da Luftwaffe... no filme de Tyrone Power e Joan Fontaine para a 20th-century-Fox, "This Above All", realização de Anatol Litvak, o homem que fez "Confissões de um espão nazista".

O malogrado John Barrymore, recentemente falecido, numa cena de seu último filme — "Dois Romeus enfiados" — com a veterana atriz May Robson, parodiando Romeu e Julieta...

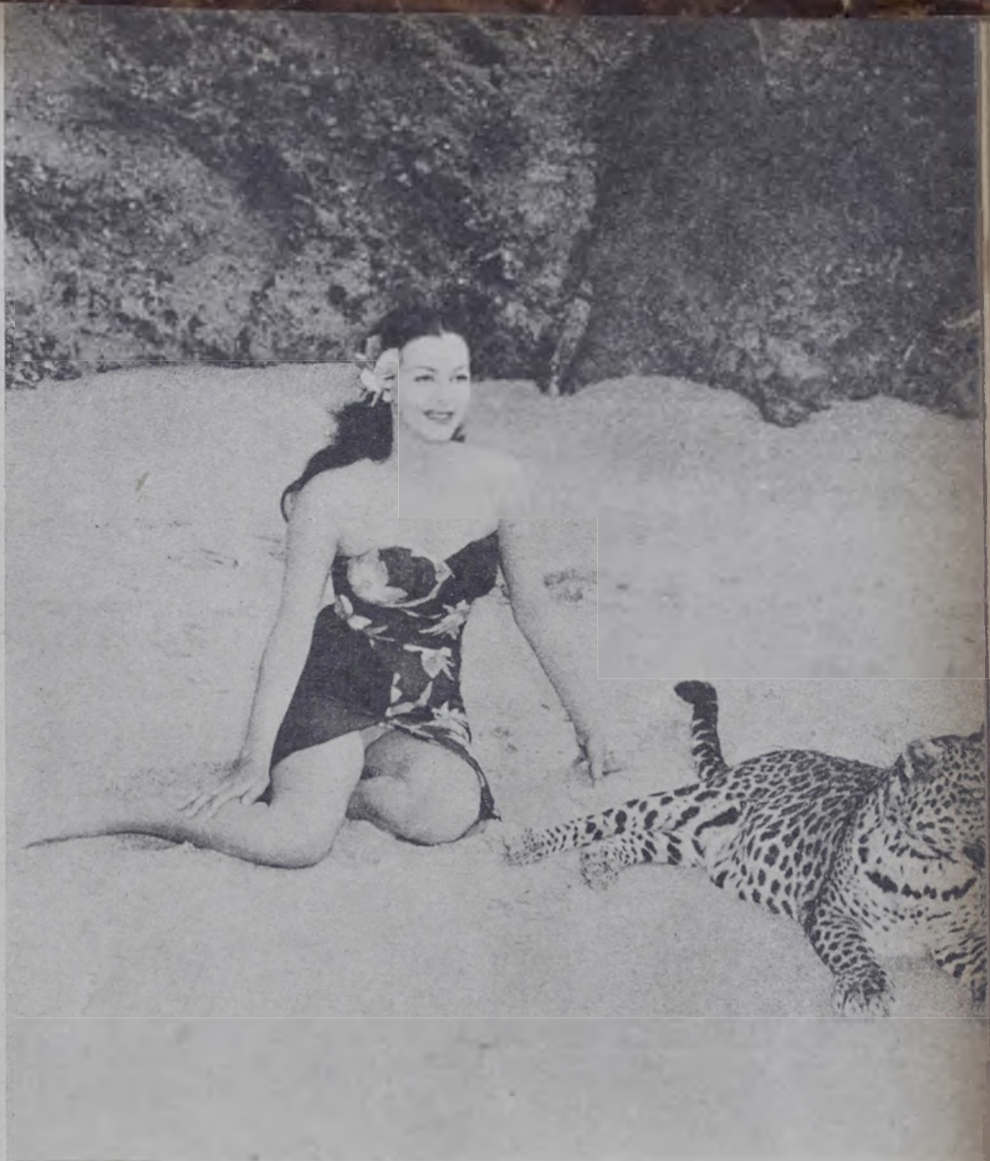


"Mr. V", um dos mais recentes trabalhos de Leslie Howard, no cinema inglês, é a história de um moderno Pimpinela Escarlata que liberta prisioneiros políticos dos campos de concentração do nazismo, com a mesma astúcia e inteligência com que agia o personagem dos lieros da Baronesa Orosy, durante a revolução francesa... Aqui vemos numa cena de "Mr. V", o Pimpinela Escarlata do Século XX com o chefe da Gestapo, papel interpretado por Francis Sullivan.



Ha 30 anos, Prince Rigadin, ou melhor — o "Bigodinho" — era um dos cômicos mais populares da época. Suas desventuras conjugais foram famosas. Esta cena é de uma de suas comédias de 1912.

Barbara Stanwyck aparece assim, em seu recente filme na Paramount — "Até que a morte nos separe", apresentando-nos uma velhinha dos mais convincentes que o cinema já apresentou.



Maria Montez, a encantadora contribuição feminina da República Dominicana ao cinema pan-americano, é a mais séria ameaça a Dorothy Lamour nas novas histórias dos "south seas". A sua estréia em "Ao Sul de Taiti, revelou uma séria concorrente ao cêtro do "sarong"...

BIOGRAFIA

RELAMPAGO



GREER GARSON, nasceu num dia 29 de Setembro, em County Down, Irlanda. Começou sua carreira no teatro inglês, sendo descoberta pela Metro, que a lançou no inesquecível filme de Robert Donat, "Ades, Mr. Chips". Depois, foi a heroína de Laurence Olivier em "Orgulho", tendo aparecido recentemente, em "Flôres do pó", um dos mais belos celuloides da temporada.



BING CROSBY — na vida real Harry Lillis Crosby — nasceu em Tacoma, Washington, no dia 2 de Maio de 1904. Foi cantor da famosa orquestra de Paul Whiteman e estrejou no cinema ao lado do celebre maestro, no filme musical "O Rei da Jazz", da Universal. Entretanto quem o lançou no cinema verdadeiramente foi a Paramount, nas primeiras "Ondas Musicais". E "Bingo" até hoje é um dos azes de bilheteria do cinema americano.



ELEANOR POWELL, nasceu em Springfield, Massachusetts, num dia 21 de novembro. Aprendeu a dançar ainda menina. Estrejou na Broadway com 16 anos, e fez parte dos "George White's Scandals" e das "Ziegfeld Follies". Foi com o mesmo George White que estrejou no cinema nos "Escandalos da Broadway de 1935", causando depois, sensação na "Melodia da Broadway de 36".



TIM HOLT, filho do veterano Jack, nasceu em 5 de Fevereiro de 1918. Começou no cinema ao lado do pai, voltando depois para o colégio. A sua verdadeira estréia entretanto, deve ser considerada no filme "A história começou à noite", descoberto pelo produtor Walter Wanger. Sua grande "chance" deu-se no recente filme de Orson Welles, "The Magnificent Ambersons".



Maria do Carmo

O Artista canta a Beleza como o pássaro canta a Alvorada! A Alvorada é a Luz! A Luz é a Verdade!

Embora a Beleza não envelheça, só na Beleza o Artista encontra a Vida imperecivelmente jovem!

A Arte é um Infinito que se não alcança, um Espaço que se não preenche, um Hino de estrófes intermináveis, cujo refrão é invariavelmente a Beleza!

Só a Arte constrói!

Só a Arte edifica!

Só a Arte liberta!

Só a Arte purifica!

Só a Arte sublima!

Viver com a Arte, viver para a Arte, viver pela Arte... eis a única

Cultiva, pois, a Arte, vive na intimidade elísea dos Artistas, oh Humanidade, e estarás caminhando para Deus, para a Fonte supérna de toda a Vida!

(Pausa)

MARIA DO CARMO! Estas palavras são dedicadas a Você. São consagradas a estes momentos raros de uma Arte que encontra em Você um dos seus intérpretes de eleição, momentos que valem o maior tesouro: A BELEZA! Pudessem todos, como Você, sentir essa BELEZA, e o Mundo seria bem mais feliz!...

A PIANISTA MARIA DO CARMO NO RADIO CLUB DO BRASIL

APRESENTANDO aos ouvintes do Radio Club do Brasil, por ocasião de um dos seus recitais apreciadíssimos, a pianista Maria do Carmo, o "speaker" daquela popular emissora carioca pronunciou as palavras abaixo, em que ressaltou as altas qualidades daquela "virtuose" do piano.

A ARTE, A VIDA VERDADEIRA

A Arte é o que nos eleva o Espírito na contemplação das belezas que escapam aos sentidos vulgares. Tirem tudo ao Homem, deixem-lhe, apenas, a Alma, e ele sentirá a Arte, ele exprimirá a Arte!

O Destino do Artista é a Verdade! A Verdade é Deus! Quanto mais para ela se dirige, tanto mais de Deus se aproxima o Artista!

A Ciência é o túmulo das ilusões humanas! A Ciência dá ao Homem só uma certeza — a certeza da sua ignorância!

A Arte diviniza o Homem, porque a Arte é a Beleza pura, e a Beleza pura é Deus.

O MALHO

e verdadeira existência, eis a única e verdadeira fé sincera, eis a única e legítima finalidade da Alma!

Coroados de loiros descem ao túmulo os grandes Artistas. E assim como em vida agitaram entusiasticamente as multidões, depois de mortos, lendas piedosas, anedotas pitorescas, cultivam em torno de suas memórias caprichosos e aprimorados jardins onde a Fantasia perpetua lembranças queridas e imarcessíveis!

Sonha, devaneia, delira, palpita, sofre, canta, vibra, pois, Humanidade!

Tudo isto é Vida, tudo isto é Arte!

Abre, como canta o poeta, "o teu coração para as Alturas, e recolhe no abismo do teu Ser essa Água Espiritual que desce dos Infinitos onde a Beleza paira! Com a Alma em êxtase, aspira o perfume ático que vem dos jardins onde a Vida floresce em cada pétala, em cada folha, em cada vergôntea!"

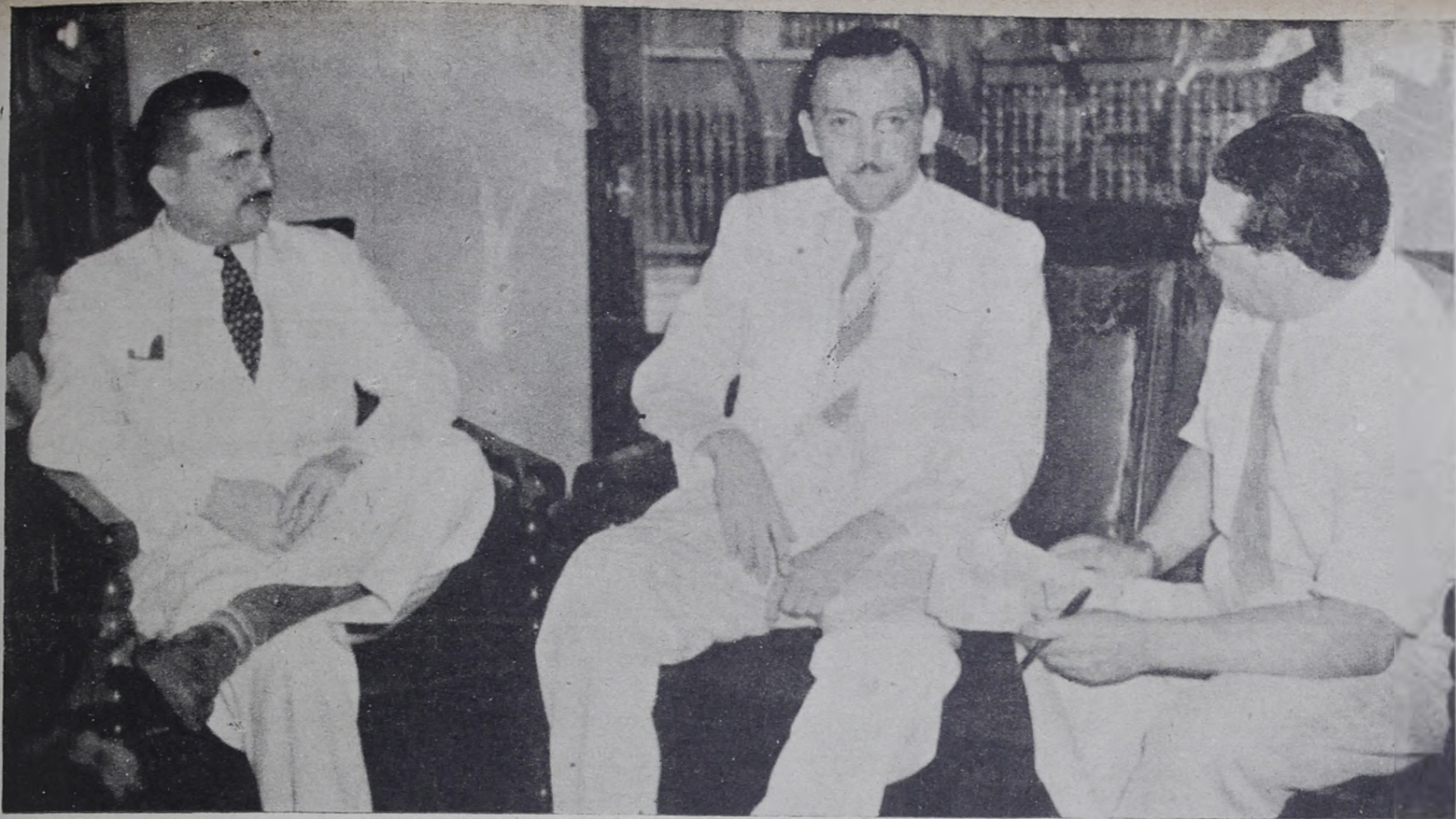
Todos os caminhos da Arte conduzem invariavelmente a Deus!



NISE DA CAMARA

A data de 1.º de Junho registou o aniversário da jovem escritora Nise da Camara, que ingressou recentemente nas letras e já se impoz pela originalidade de suas produções. Seus poemas falam numa linguagem estranha, revelando os sentimentos profundos de sua alma romântica e simples.

Colaboradora de "O Malho", várias páginas de seu livro inédito "Eu e minh'alma" teem sido aqui publicadas com grande êxito.



O tenor Mario del Valle em nossa redação, tendo ao lado o sr. José Lima Franco

POETA E CANTOR

FSTA' no Rio, e desde os primeiros instantes de sua presença aqui logo conquistou a simpatia e o agrado da população carioca, o popular cantor venezuelano Mario del Valle, um dos nomes de maior projeção nos meios artísticos do país amigo e vizinho, cuja especialidade são as canções populares de sua pátria.

Tendo levado os ritmos venezuelanos para além das fronteiras do norte daquela república, pois esteve há pouco tempo nos Estados Unidos, onde colheu fartos aplausos pelas qualidades de interprete e pela beleza da música que ali interpretou, Mario del Valle, antes de vir ao Rio, passou por Buenos Aires, logrando na capital portenha o mesmo sucesso que anteriormente em terras do tio Sam e que, indiscutivelmente, colherá entre nós.

Porque, devemos acentuar, nenhum embaixador mais credenciado poderia achar a música popular venezuelana do que este artista autêntico, que além de cantor que possui dotes apreciáveis, é poeta, e poeta inspirado, digno do título em toda a sua expressão.

Mario del Valle, que está atuando no Casino Atlântico, onde a sociedade carioca tem oportunidade de ouvi-lo e de aplaudir as lindas canções populares, os bailados típicos e outras melodias venezuelanas de seu grande repertório, visitou a nossa Redação, e tivemos ensejo de manter com êsse legítimo artista

cordial palestra, através da qual pudemos aquilatar o elevado gráu de sua cultura e colher informes interessantes. Um deles é sem dúvida este: que muitas das canções que teem sido apresentadas ao público carioca que frequenta aquela concorrida casa de diversões aureolada de tanto renome no Brasil como fóra dele, teem letras de autoria do próprio Mario del Valle. Assim, citamos "La Sola", "Raquel" e tantas outras, tocadas todas do mais fundo sentimento e marcadas pela beleza que caracteriza o ritmo venezuelano e que se encontra em todas as melodias e bailados que êle nos trouxe.

Mario del Valle, como todos os que nos visitam, logo de chegada ao Rio, se sentiu empolgado pela beleza do panorama, da paisagem que orna a Cidade Maravilhosa. Mas não fez como tantos outros visitantes e embaixadores da arte de nações vizinhas, deixando-se derramar em elogios vagos e sem expressão concreta. Sua alma de poeta vibrou ante a beleza dos nossos morros, ante a magnificência da paisagem carioca. E êle deixou que essa emoção se extravasasse, viva, ardente numa bela fantasia literária em que evidenciou o outro lado da sua sensibilidade: "A Lenda do Gigante de Pedra", página cheia de imaginação e de poesia que nos ofereceu e que publicaremos em um dos próximos números de "O MALHO", numa tradução bem feita de A. Petra de Barros.

Nessa lenda, em que transparece o fundo poetico da gente venezuelana, e que não poderia deixar de influenciar o espírito de quem, como Mario del Valle, está tão intimamente ligado à alma de sua pátria, como seu interprete legítimo, — o poeta-cantor focalisa o conhecido "gigante de pedra" das cercanias do Rio de Janeiro, fantasiando uma história bonita, cheia de lirismo e digna de ser assinada por qualquer profissional da ficção com renome firmado.

Mario del Valle nos manifestou pessoalmente a sua esplêndida impressão sôbre a música brasileira ouvida diretamente dos seus maiores interpretes populares, e acentuou o quanto seria de louvar o intercâmbio entre os nossos cantores e os da sua linda pátria, sugerindo a ida à Venezuela de cantores nossos, que alcançariam ali, a seu ver, indubitavelmente, grande sucesso.



Maria Helena, filhinha do casal Waldemar Percira e d. Cecilia Colonna Pereira, quando no seu 1.º aniversário.



AUDIÇÃO
MASSENET
DO
"CORAL"
LUTÉCIA

O conjunto "Coral" do Colégio Lutécia realizou a 30 de Maio último, no Salão da Escola Nacional de Música, um concerto de Músicas de Massenet, em comemoração do centenário deste grande compositor francês.

As fotografias mostram aspectos desta festa, cujo sucesso foi grande, vendo-se o salão literalmente cheio e uma vista do conjunto coral no palco.



BRAILOWSKI EM MINAS GERAIS

Flagrante tomado no "studio" da Rádio Inconfidência, PRI-3, quando o Ministro Souza Costa cumprimentava o notável pianista Alexandre Brailowski, após a audição especial, por este grande artista, realizada, em homenagem ao governador Benedito Valadares



BREVEMENTE

ESTREIA DE

Jean Sablon

JANTAR EM BENEFICIO
DA MATERNIDADE DE
PETROPOLIS
SOB O PATROCINIO DE
MME.

Alzira Vargas do Amaral Peixoto

URCA

LIVROS DO DIA



Leonidio Ribeiro

O NOVO CÓDIGO PENAL E A MEDICINA LEGAL — Está sendo muito bem recebido pela crítica o novo livro do professor Leonidio Ribeiro sobre o Código Penal que acaba de entrar em vigor.

É um trabalho científico do mais alto valor e onde são criticados, à luz da Medicina Legal, vários capítulos da nova legislação criminal brasileira, com muito interesse, pois o autor é uma de nossas maiores autoridades no assunto, tendo sido vários de seus livros traduzidos para outras línguas, e um deles sobre suas pesquisas originais em questões de Antropologia Criminal, laureado com o "Prêmio Lombroso", na Itália, em 1933, num concurso internacional.



Murilo Araujo



Castilhos Goycochéa

HOMENS E IDEIAS — A posição de destaque em que se colocou Castilhos Goycochéa como ensaísta e erudito, justifica, alicerçada ainda pelo valor dos seus livros anteriores, o sucesso literário e de livraria que tem marcado o aparecimento de "Homens e Idéias", edição de Pongetti, agora aparecido.

Castilhos Goycochéa focaliza nestas páginas aspectos interessantes da fauna humana do nosso século sem se afastar do seu característico de pesquisador da história nacional.

"Homens e Idéias" merece atenção demorada e leitura carinhosa pois é um dos bons livros do momento.

O MALHO

CREPUSCULOS DE ROSA E CINZA — Elóra Possólo Chaoúl figura entre as nossas escritoras e poetisas com uma lista de livros publicados e esgotados, digna de ser apreciada pelos que desdenham a capacidade das nossas letras femininas.

Seu livro de poemas "Crepusculos de rosa e cinza", agora aparecido, em nada desmente o conceito que essa poetisa, dona de fina sensibilidade conseguiu firmar em redor de seu nome.

A ESCADARIA ACESA—Um livro de Murilo Araujo é sempre alvo de interesse, quer por parte da crítica quer pelos leitores e admiradores do seu estro, que são incontáveis. É que o renome do poeta de "Carrilhões" e "As sete coroas do céu" é garantia suficiente de que a leitura de seus poemas proporcionará verdadeiro deleite espiritual.

"A escadaria acesa", seu mais recente livro de poemas, edição de Civilização Brasileira S. A. tem recebido a melhor acolhida, figurando entre os melhores trabalhos do querido poeta e honrando a produção poética do momento.



RIO DE JANEIRO ET MOI — Por motivo do sucesso que resultou do aparecimento do último livro do sr. Leopold Stern "Rio de Janeiro et Moi", amigos e admiradores desse escritor, por iniciativa do PEN-Club do Brasil, ofereceram-lhe um jantar no restaurante "West-Point", ao qual compareceram os mais representativos elementos da sociedade e das letras e artes cariocas. O flagrante acima foi tomado por ocasião dessa reunião, vendo-se o homenageado, à esquerda, de pé, ao lado da Senhora Claudio de Souza.

SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO

"Por Sorcière"

associar elegancia ao sentido economico...

Hyldeth Favilla Nenhauser, a poetisa maravilhosa que o Rio aplaude de constante, reuniu no seu fidalgo apartamento na Avenida Atlantica um grupo de artistas e de literatos para ouvirem as ultimas produções de José Guilherme de Araujo Jorge, poeta brilhante, a quem muitos dos mais significativos nomes nas letras e na poesia brasileira, e alguns estrangeiros ora entre nós, ofereceram o voto para que

conquistasse o titulo de o maior poeta moço do Brasil" em concurso aberto por uma das radio emissoras cariocas.

Hyldeth e mais alguns poetas presentes tambem disseram versos lindissimos na generalidade tocados de melancolia amorosa. O mar, lá em baixo, acompanhava a cadencia lirica, quebrando-se em beijos na alvura da areia, nessa noite em que até a lua colaborou, abrindo-se num manto de prata por toda a praia de Copacabana.

Elegantissimo "ensemble" negro, bordado a contas de prata sobre pelica "beige". Veste-o Elisabeth Frazer, artista que a Warner apresentará em "Constant Nymph".



TEM feito frio?

Sim, pelo menos na maioria dos dias desde meados de Maio.

E a cidade toma novo aspecto, novo aspecto apresentando as mulheres vestidas de escuro, agasalhadas em capas de peles e de lã, cabendo ao "tailleur" a primazia entre os trajes na moda, e tanta, e tamanha, que com êle, podemos frequentar todos os lugares a qualquer hora do dia ou da noite. O "tailleur" de lã ou de alpaca — tecido que é metade seda e metade lã, — modifica-se em mais ou menos "toilette" pelo genero de blusa ou pelos accessorios: bolsa, luvas, sapatos e chapéu. Uma blusa "chemisier", talhada em cambraia ou seda laçavel, completa o "tailleur" durante o dia. Depois das cinco horas já cabe materia mais rica, isto é, setins, sedas crespas, veludo, renda e coisas leves como o organdi de seda ou de algodão, muito bordada, no mais das vezes ornada por um "jabot" farto e talhado com especial fa- ceirice.

O "tailleur" veste bem qualquer pessoa, sendo, portanto, pratico além de ter-se fixado em veste de primeiro plano, atualmente, com todas as características do "chic", correspondendo, os ultimos modelos, áquela advertencia do governo americano em materia de racionamento, pois as saias são, em geral, estreitas, os casacos menos longos, muita vez tambem com mangas pelo meio do ante braço.

Para jantar, além do "tailleur" aludido, com a respectiva blusa executada em seda luminosa ou renda, ou organza, além daquele "tailleur", repito, ha o de "moire" ou "faille", negro, saia levemente godeada, o casaco com ligeira "basque" mais rodada na parte de trás, ou bolsos franzidos postos na aba. Alguns fecham-se até o pescoço, dando, então, lugar a que se exhiba uma joia vistosa — verdadeira ou artistica fantasia —, outros acompanhados de blusa.

Ha ainda um "tailleur" moderno, e de carater "formal", cuja saia se executa em "taffetas" ou seda semelhante, o casaquito de fino feltro vermelho lacre, por exemplo, mais empregado por ser a tonalidade em maior evidencia no momento.

Classico ou fantasia, com blusa ou sem ela, é o "tailleur" o traje adequado á estação, o que não significa que os inumeros feitios de vestidos elegantes que os figurinos apresentam, e os que os modelistas da Norte America exportam, estejam relegados a segundo plano. Nada disso. O ideal, porém, por enquanto, está em

Como Vestem As

“Estrelas”



Varie de agasalho nos vestidos de noite com um de veludo, igual ao que Howard Shonp desenhou para Alexis Smith, formosa artista da Warner em “Steel Against the Sky”.

“Blouson” verde água bordado a ouro, pedras verdes e miúdas pérolas; saia verde garrafa. Ainda uma formosa idéia para realçar a boniteza de miss O’Driscoll.



Aproxima-se a temporada lírica. Vamo-nos preparando, então, e então escolhendo lindos vestidos de noite. Começemos por este de Irene Manning, nova artista da Warner. Milo Anderson desenhou-o, e foi executado em "lamé" preta, vidrilhos prateados bordam o bolero. Belíssima "toilette", sem dúvida.

Do Cinema

Outro vestido igualmente lindos: de veludo negro, decote rematado por fiô de seda. Martha O'Driscoll, da Paramount, é quem o apresenta.



TRAJES



"Ensemble" de jersey azul claro, enfeitado de marinho e preto, ideado para Ellen Drew da R K O.



Elegante casaco de flanela verde pistache.



Saia cinza, listras marinho, casa marinho e um chapéuzinho como o dos fuzileiros. Figurino para gente muito joven.



Vestido listrado, preto e branco, largamente cinturado de veludo verde, cinto preto taxado a ouro. Modelo de Lord & Taylor, New-York.

ELEGANTES



Este é um bonito modelo de vestido listrado, de Lord & Taylor.



"Chic" e prático é este casaco de flanela vermelha, apresentado por Bette Davis, "siar" da Warner.



"Taffetas" preto e branco e fôlhos de organdi formam este traje para "cock-tail".



"Sweater" amarelo, para usar com qualquer vestido de mangas compridas.



Casaco de jersey vermelho morango. Modelo clássico, atualmente na moda.



Lucille Ball, "Star" da R K O. em "Look Who's laughing", atesta a grande elegância de um "relevê" de feltro negro enfeitado com uma pena preta e branca muito luzidia, atestando ainda, pela bolsa — "manchon" que carrega, como a raposa de prata é uma das mais luxuosas peles em uso.



Póde-se chamar chapéu a isto? Sim, um gracioso "coiffant" para gente moça e bonita como Bonita Granville estrelinha da R K O. em "Synco pation".



Pintinhos de feltro guarnecem curiosamente o grande chapéu de Dorothy Levett, formosura apresentada pela R K O. em "Powder Town".

Pequeno "coiffant" preto guarnecido de renda, véu branco, de seda, fecho de bom gosto ao conjunto aqui impresso, e da lavra de Marchal, Genève. (A seda do vestido, "rayonne noire", é de Heer & Co, Talhrwil).

CHAPÉUS NOVOS

O casaco elegante de Jane Wyman, a quem apreciaremos em "Black Widow", da Warner, é completado por interessante "turban" de "chenille".



CASACOS
PARA O
FRIO



Este rico "manteau" de péles vai com qual-
quer traje — assegura Fay Wray, linda
"star" da R K O.



Ginx Falkenburg, da Columbia, adora este
casaco marinho com botões prateados no
corpete e no cinto.



Se a leitora é fina e alta como Lucía Car-
roll, da Warner, faça um casaco listrado.



Esportivo casaco de lã, apre-
sentado pela jovem Marsha-
hunt, da Metro Goldwyn.



Jane Wyman veste luxuoso "robe man-
teau" de seda preta, gola de "renard bleu".



DECORAÇÃO DA CASA

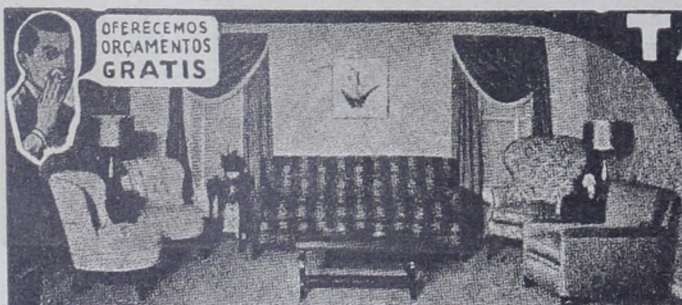


Canto á antiga para
"living room" no "mo-
dern style".

Chintz ou seda lavrada servem a estas "portières" da Casa de Michèle Morgan, em Hollywood. O babado em volta é de tecido liso, na tonalidade de fundo do estampado, "ruche" num dos tons das flôres. Cortinas de "voile" branco. (Foto RKO.)



Movéis e decoração ao
gosto moderno, para
sala de estar.



TAPETES · MOVEIS · CORTINAS

· GRUPOS ESTOFADOS ·

ASA UNES

AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

SEGREDOS DE BELEZA EM HOLLYWOOD

Por MAX FACTOR, JR.

Respostas à perguntas pessoais sobre beleza, de Miss Virginia Dempster, de Columbus, Ohio, chegou-nos as mãos a carta seguinte :

"Caro Sr. Factor : Meu cabelo está se tornando grisalho e perdendo todo o brilho. Além disso, noto que as caspas são agora muito mais abundantes. Qual a causa de tudo isso, que devo fazer para remediar o mal ?"

Miss Dempster : a causa do que menciona só pôde ser a demasiada exposição dos cabelos ao sol, ou o seu estado de saúde. Devida à primeira hipótese, pôde ser remediada com "shampoos" oleosos, e também o uso de algum óleo. Entretanto, se Miss Dempster não passa muito tempo ao sol, não deve ter a menor dúvida que alguma coisa está acontecendo de anormal na sua saúde, e, assim, deve procurar um médico.

Miss Juanita Obregon, de San Fernando, Venezuela, escreveu :

Caro Sr. Factor : Poucos minutos depois de fazer "maquillage", o efeito é sempre prejudicado, porque minhas sobancelhas não ficam lisas, pois aparecem como tufos. Qual o meio de remediar isso ?

Miss Obregon : recomendo o uso de uma pequena escôva e de bandolina. A escovinha deve ser embebida na bandolina, e as sobancelhas tomarão o modo desejado. Quando a bandolina secar, os pêlos serão mantidos na posição corrêta.

Miss Dorothy Kirby, de Sydney, Australia, está com as complicações de Betty Grable. Naturalmente, parece-se com Betty, e escreve-me, perguntando como deverá preparar os olhos para se assemelharem aos da linda estrela do cinema. Quase obteve êxito duplicando o "maquillage", que Miss Grable usa.

Entretanto, devo declinar de ser auxiliar de alguém que deseja copiar outrem, mesmo que êsse outrem seja u'a mulher bonita como Miss Grable. Toda mulher no mundo — sempre estou a in-



Bárbara Moffett, uma linda "platinum blonde" da RKO, veste gracioso casaco de lã angorá branca, bordada de verde.

sistir neste ponto — deve ter individualidade. Nem o "glamour", nem a beleza podem ser encontrados pela cópia. Desculpe-me, Miss Kirby.

Miss Katherine Oman, de Madison, Wisconsin, está preocupada porque escreve :

Caro Sr. Factor : Quase sempre, quando jogo "golf", ou tênis, meu rosto fica demasiadamente molhado de suor. Como evitar isso ?

Francamente, nunca tive a mínima idéia a respeito do assunto. Pelo menos, nunca ouvi falar de tal coisa. Além disso, se eu soubesse como conseguir êsse milagre, não revelaria o segredo a ninguém. A falta de transpiração na face é um caminho certo para uma pele má e complicações maiores. Nos esportes ao ar livre, como o tênis e o "golf", o melhor processo é lavar o rosto no final do jogo, com água fria, e aplicar "maquillage", em seguida.

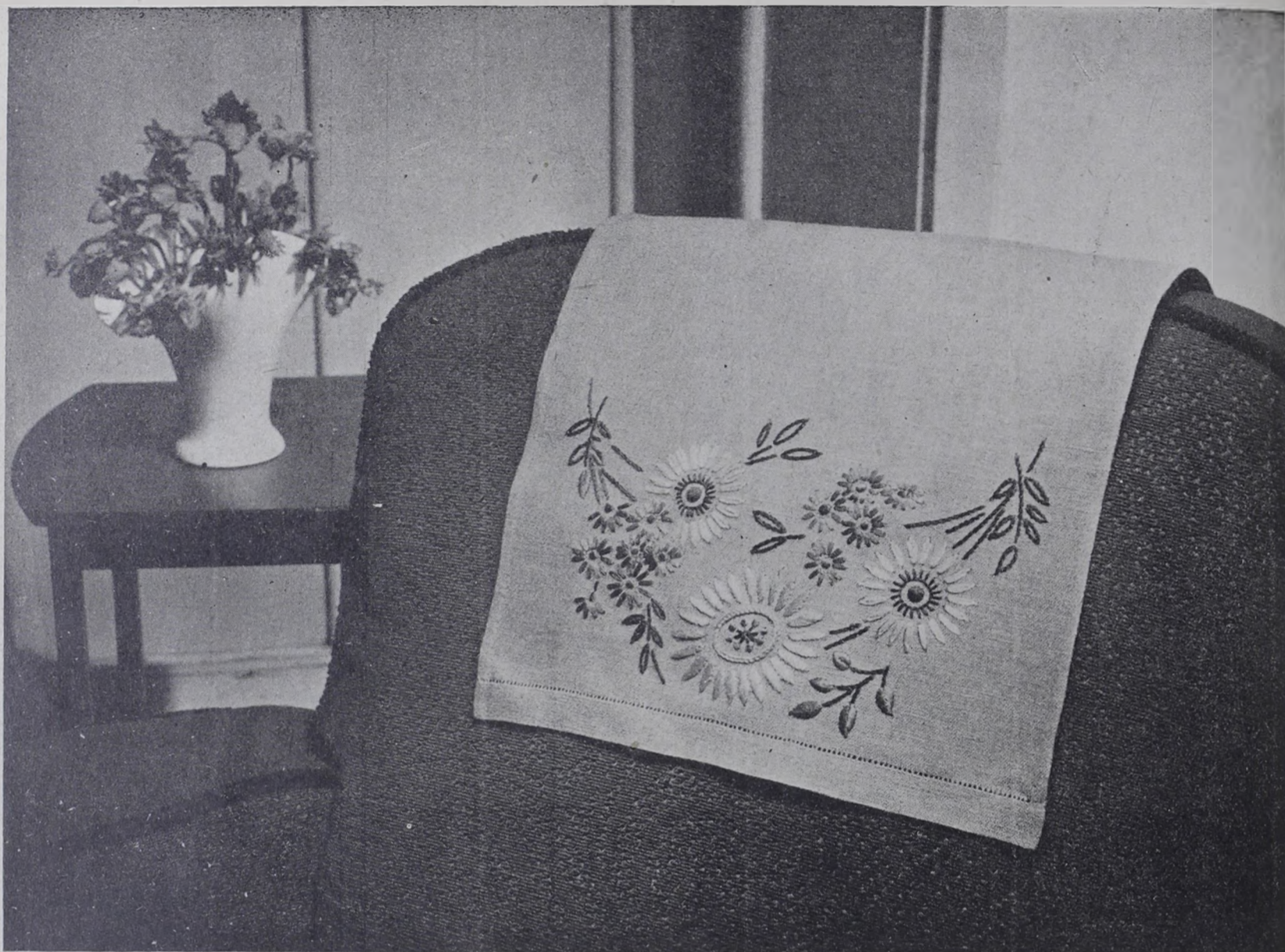
De São José, Costa Rica, a Sra. Rafaela Miranda escreve, perguntando o

que deve fazer para evitar que as unhas se quebrem ou lasquem.

Se a Sra. Miranda gosa de boa saúde, êsses continuos acidentes com as unhas possivelmente são devidos à secura. Imersão regular, todas as noites, em um pouco de óleo de oliva quente, será ótimo. Se o tratamento com o óleo não conseguir remediar a situação, andará bem em consultar um médico. Deficiências de diétas, o mais das vezes, ocasionam fraqueza das unhas.

A Sra. G. B. K., de Sharon, Pennsylvania, anda preocupada com os tons de amarelado nos seus cabelos brancos. A côr amarelada é mais forte depois que lava a cabeça com sabão.

A Sra. G. B. K. recomendo o seguinte : lave o cabelo com água morna, procure enxaguá-los umas quatro vezes com água fresca, sempre renovada. Na falta de água morna, use vinagre ou caldo de limão nas duas primeiras águas para enxaguar.



Material necessário — 1 meada de cada uma de linha Mouliné (Stranded Cotton) marca “ANCORA” F 407 (verde gobelin) F 444 (meio amarelo) F 605 (azul) F 569 (amarelo ocre) F 835 (chocolate) F 435 (meio cinza oliva) F 509 (azul marinho) F 606 (azul escuro) F 669 (salmon escuro). Um encosto para poltrona de linho de côr natural.

Agulha de bordar marca “MILWARD” n.º 5.

(Usar seis fios para bordar)

Riscar o desenho no centro, 4 cms. distante da beirada de baixo do encosto.

Seguir o diagrama e a chave para a distribuição das côres e dos pontos.

As flôres não mostradas, similares àquelas do diagrama, são trabalhadas com as mesmas côres e pontos.

ENCOSTO PARA POLTRONA

As letras no diagrama chave representam os pontos usados e são como segue:

AC — ponto cheio simples; B — rococó; C — ponto de corrente; E — ponto de margarida; R — ponto cheio; T — dois pontos cheios simples, trabalhados no mesmo lugar. U — ponto de haste.

Material necessário em linha Bri-

lhante Perola marca “ANCORA” n.º 8 (novelos de 10 gramas).

1 novelo de cada um — F 407 (verde gobelin) F 444 (meio amarelo) F 605 (azul) F 569 (amarelo ocre) F 835 (chocolate) F 435 (meio cinza oliva) F 509 (azul marinho) F 606 (azul escuro) F 669 (salmon escuro).

Material necessário em linha Brilhante Perola marca “ANCORA” n.º 8 (meadas de 40 metros).

1 meada de cada uma — F 407 (verde gobelin) F 444 (meio amarelo) F 605 (azul) F 569 (amarelo ocre) F 835 (chocolate) F 435 (meio cinza oliva) F 509 (azul marinho) F 606 (azul escuro) F 669 (salmon escuro).

Vide o risco e a indicação do ponto na revista ARTE DE BORDAR no número de Julho de 1942.

VÊR NA PÁGINA 3 — NÓS LHE RECOMENDAMOS

SENTAR-SE...

Por H. TOLLET

Si você, na intimidade do lar, porta-se de modo extravagante, ninguém tem o direito de criticá-la.

É muito natural que, em sua casa, você faça o que entenda.

A boa saúde faz as criaturas arteiras, criadoras de mil coisas engraçadas, as quais justamente são motivos de alegria.

Cantam, divertem-se . . .

Por isso, muitas vezes, se descuidam da maneira de sentar-se e vão se acostumando mal : quando há necessidade de se apresentarem em condições, os músculos já estão mal habituados, e é um caso sério concertá-los.

Deixar o corpo jogado, desleixado, vai, aos poucos, deformando a figura.

Você, que frequenta as casas de modas, e que adora desfiles de manequins, deve atentar no seguinte :

A maneira de sentar, falar ou comer, define claramente as criaturas.

Não ponha o peito para dentro e a barriga estufada, pois modificará completamente a sua silhueta. Dá impressão de mal-estar.

Sabemos perfeitamente que, quando nos sentamos, os músculos tomam determinada tensão, mantendo a estrutura do corpo em perfeita simetria, advindo daí a beleza e a graça do conjunto.

Os músculos estando trabalhados, ritmados de movimentos, as ações serão bem coordenadas, tornando os gestos deliciosamente encantadores.

Seu corpo tomará forma adequada, economizando dinheiro na confecção das suas roupas íntimas.

Com o exercício, a gordura não se acumulará na barriga, nem na raiz das coxas, nem nos seios.

Uma criatura não vale pelo traje e, sim, pelo modo de trajar.

Quando falta postura à uma senhorita os ombros arredondam-se, a cintura engrossa, as costas tornam-se demasiadamente feias.

Sustente a espinha dorsal sempre na posição vertical ao sentar-se, quando estiver de pé ou andando. Mantenha o abdomen direito. Respire a fundo para o desenvolvimento do busto.

Com sáia curta você não pôde esconder os joelhos nem os pés. E é forçoso que se sente bonito.

Deve recostar-se o mais possível na cadeira, o que é mais elegante.

Mantenha a cabeça erecta, queixo levantado. Tal posição dará um ar de finura.

Também não fique enrolando as mãos nervosamente, pois deixará nervosas as pessoas que a cercam.

Inicialmente, ponha na cabeça estas coisas, praticando-as, depois :

— Para executar certos princípios, necessário é que se conheça, um pouco que seja, do belo, do bom, do agradável.



Mesa para jantar. O serviço de porcelana é completado por floreira e castiçais de "biscuit".

BÔLO COM PASSAS, AMÊNDOAS E FATIAS DE MAÇÃ

Uma xícara de açúcar ; meia xícara de leite ; duas xícaras de farinha de trigo peneirada ; um têrço de xícara de manteiga derretida ; dois ovos ; as claras em neve ; duas colheres das de chá de "Pó Royal", nozes, passas, pequenas fatias de maçã. Junte as claras, gêmas e o açúcar, bata bem. Adicione a farinha com o "Pó Royal", misture e junte, pouco a pouco, o leite. Bata até ficar bem leve, depois, junte a manteiga, nozes, passas, e fatias de fruta.

Leve a assar em forno brando.

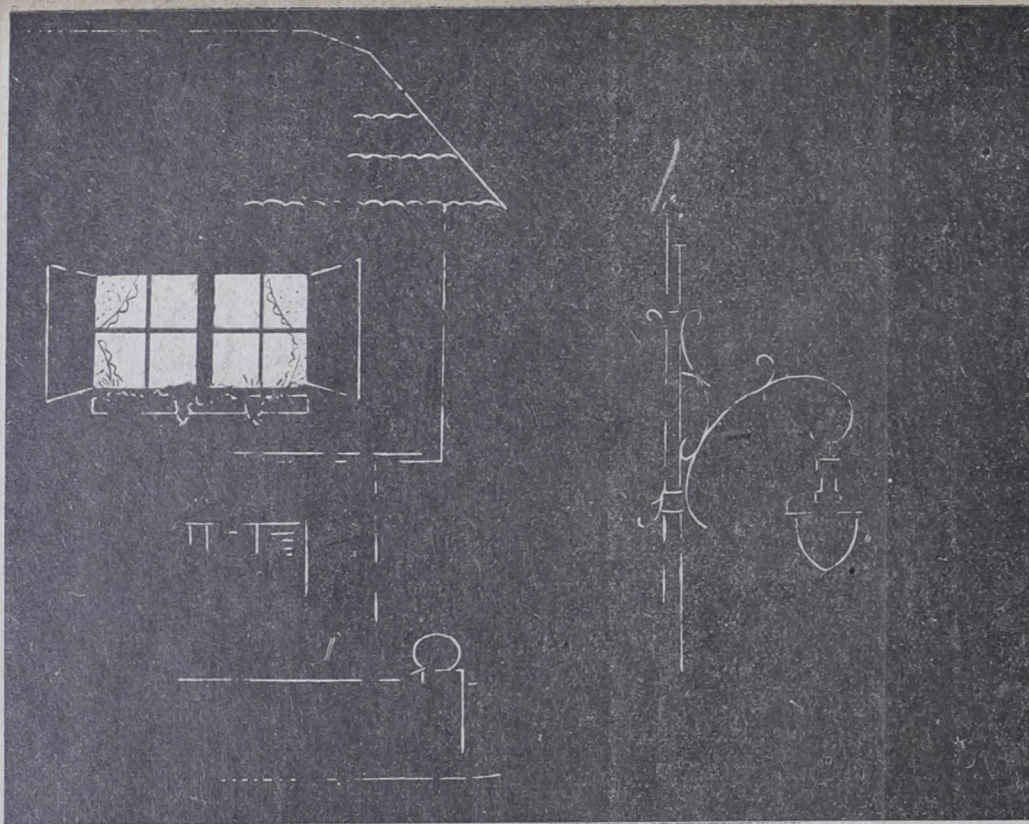
APPLE PIE INGLES

(*Torta de maçãs*)

M a s s a : 250 gramas de farinha de trigo com uma colher de manteiga ; uma colher de açúcar, sal.

Amasse com água fria até formar uma pasta leve. Forme um bôlo, deixe repousar por uma hora. Misture bem, com um garfo, 60 gramas de banha. Abra a massa com o rôlo. Ponha no centro a banha e dobre devagar, em três partes, deixe repousar de novo mais 15 minutos. Repita mais uma vez : Abra, córte uma rodela com a própria fôrma da torta, e também uma rodela um pouco maior para cima.

Recheio : Parta as maçãs em fatias finas, misture com açúcar, canela em pó e pedacinhos de manteiga. Sirva com crême Chantilly ou sorvete americano.



Este descuido pode *arrasar* uma cidade!

Durante o "black-out", todo cuidado é pouco. Uma pequena luz acesa por distração pode custar milhares de vidas! O Sr. também não pode "distrair-se" na proteção à família. O futuro dela depende do cuidado que o Sr. lhe dispensar no presente. Se hoje — que o Sr. ganha bem — o Sr. descuida-se de proteção eficiente à esposa e filhos, amanhã eles sofrerão as consequências... Sim! Porque na eventualidade do Sr. desaparecer, como poderá sua esposa fazer face às despesas de cada dia? Não importa que o Sr. lhe deixe algumas economias...



Elas poderão ser insuficientes para atender indefinidamente todas as obrigações decorrentes de aluguel de casa, alimentação e estudos dos filhos. Portanto, sua esposa necessita de algo que lhe garanta a estabilidade do lar. Ofereça-lhe esta garantia, instituindo um Seguro de Vida na Sul America. Consulte — sem compromisso — um Agente da Sul America, que o orientará sobre o plano de seguro que melhor se adapta e convém às suas necessidades.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

A SUL AMERICA JÁ PAGOU MAIS DE MEIO MILHÃO DE CONTOS A SEGURADOS E BENEFICIARIOS

A SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre Seguro de Vida.
8-0000

Nome
Rua
Cidade Estado



Enlace Josefina Michele - Domingos Barone, realizado em Abril, na Igreja de São Joaquim



Dr. Clovis Penteado Ribas, Chefe da Delegacia de Saúde, em Brasília, Acre, onde goza da maior estima pela grande -- dedicação aos serviços a seu cargo --

Missa em ação de graças, celebrada pelo Bispo D. Mamede, na Igreja N. S. do Carmo, pelas bodas de prata do casal — Aristides da Silva Guimarães —

Otávio Augusto de Araujo, alto funcionário postal-telegráfico, em Brasília, Acre, onde, há muitos anos, é um devotado servidor da imprensa, que muito lhe deve pelo seu desenvolvimento em todo o Território.



RETA L H O S SENTIMENTAIS



CLAUDIA — Rio — Há muito o que fazer no lar, principalmente para uma recém-casada que vê em tudo novidade e encantamento. Uma jarra florida, uma cortina branca, um carinho, uma emoção. Mas, querida Cláudia, pelo caminhar da vida lá de fóra, há também os seus problemas monetários quando 'o' ordenado do marido não é suficiente para cobrir as despesas. Você, por exemplo, já trabalha há muito. Ganha relativamente bem. O horário de trabalho é um tanto suave. — Depende agora de você, procurar de seu futuro marido, com certo jeito, o consentimento para continuar assim. — Evite falar-lhe em assuntos de repartição, em apanhados de rua, em particularidades de colegas. Procure ser mais feminina do que deveria, se não trabalhasse. Leve-o com jeito, expondo-lhe com clareza o seu caso, sem ofendê-lo, sem querer igualá-lo monetariamente com você. Faça-se de pequenina, humilde e diga-lhe que trabalhará sómente por "uns tempos" até que as coisas melhorem. Se você souber contrabalançar os dois lados, poderá vir a ser a esposa ideal e a funcionária zelosa.

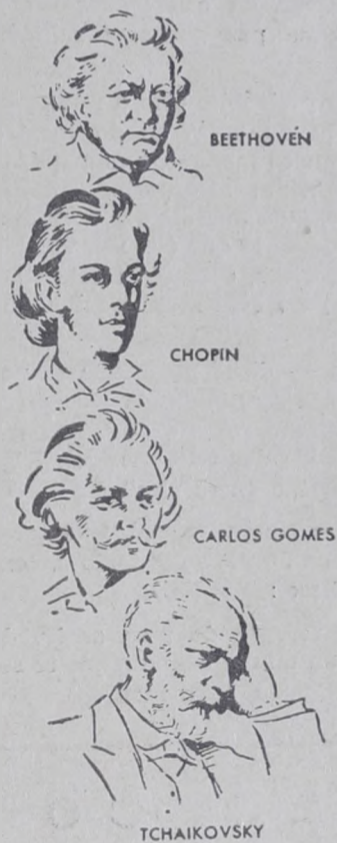
LAURA — Rio — Deve cuidar com brandura do seu marido que sempre a amou e que hoje, por uma fatalidade do destino, é um pobre entreado. Releve sem máguas a irascividade do seu gênio, que é devido à doença, ao ciúme. — A tôdo o ouvido silencie o que sofrer. "Dói menos — quando oculta — a cicatriz"... Evite que êle se torture ainda mais, com a sua tortura. Cada um de nós tem a sua cruz na vida. Coloque-se em um nível acima de todas as tentações da vida, e sinta, a grandiosa felicidade de uma consciência pura, de uma verdadeira alma cheia de renúncias, cândida, benevolente, dentro de um amor imaterial, verdadeiramente sincero. Abandoná-lo, nunca!

CARIOCA — Rio — Como deve uma mulher fazer-se amada? Em primeiras circunstâncias, uma conversa com o espelho. Êle dirá lealmente o que mais combinar com o seu verdadeiro tipo. A feminilidade, a discre-

ção, os géstos, a maneira macia de falar, completam. Evite a palavra "eu". Eu quero, eu sou, eu faço. Tenha antes um grande interêsse pela vida dêle, pelos seus atos, pelos seus

fátos. Estimule-o, anime-o dentro da vida. Seja a mulher-oasis de um cérebro que luta. Uma mulher tratada, macia, perfumada, sorridente, carinhosa, sincera, compreensível, divinal no preparo de um prato predileto, deve falar fundo ao coração de um homem. E se, ao fim de tudo, diante de uma mulher nessas condições êle não "abdicar", desista, grandiosa Carioca, porque o moço — ... é bobo.

Correspondência para: — NARA
Retalhos Sentimentais
Redação d'O Malho
Trav. Ouvidor, 26 — RIO.



Apresentado pela
LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE

Uma hora de música erudita
interpretada por grandes artistas,
em "Studio" e gravações

OUÇA tôdas as 3as. feiras, nas antepenúltimas e últimas 6as. feiras de cada mês, das 13 às 14 horas, o programa "Ondas Musicais" que a Liga Brasileira de Electricidade oferece aos apreciadores da boa música.

TÔDAS AS 3as. FEIRAS

Rádio Nacional	PRE-8
Rádio Tupi	PRG-3
Rádio Mayrink Veiga	PRA-9
Rádio Cruzeiro do Sul	PRD-2
Rádio Jornal do Brasil	PRF-4

NAS ANTE-PENÚLTIMAS 6as. FEIRAS

Rádio Nacional	PRE-8
Rádio Club	PRA-3
Rádio Vera Cruz	PRE-2

NAS ÚLTIMAS 6as. FEIRAS

Rádio Nacional	PRE-8
Rádio Club	PRA-3
Rádio Vera Cruz	PRE-2
Rádio Educadora	PRB-7



LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE

"Sirva-se da Electricidade"

CAIXA POSTAL 1755

TELEFONE 22-1676

O SEGREDO

(Conclusão)

moço que jamais pensou em legitimá-lo, apesar de ter sido ele o causador de tudo... E pelos seus olhos passava como um filme, as cenas, uma a uma. O namorado provinciano, as conversas ingênuas no portão, depois os passeios furtivos, o medo dos "velhos" e mais tarde a perdição, a fuga de ambos do lar paterno, ambos duas crianças, quasi... e por fim o seu desespero quando louco de dôr, se atirou nos braços de certa velhinha, pedindo-lhe perdão em nome da filha que ele proprio lh'a roubára e que acabava de morrer. A criança... Não sabia o que fazer dela... Mas aquela velhinha de cabelos tão branquinhos perdoou tudo e adotou a neta recém-nascida.

Estava escrito, porém, que Irene havia de crescer sem maternais carinhos e cedo perdeu a avozinha, datando daí a sua verdadeira situação de menina sem família.

A sua Irene... era preciso dar-lhe um lar, um tecto acolhedor, sem subterfúgios, sem dissimulações...

Para isso ele contaria tudo a mulher. tudo... o mais depressa possível...

Jamais soube explicar a si próprio como se conduzira perante a esposa, durante a confissão. Sem ousar encará-la ele falára, falára, as palavras lhe saindo do coração para os lábios, em torrentes, emocionadíssimo, olhos cheios de lágrimas, lágrimas de homem e de pai...

— Mas... você... você fez isso, meu velho, ? E escondeu de mim, a sua maior amiga, a mãe de suas filhas ? você escondeu um segredo de mim ? Parece mentira...

Ele quiz falar ; mais do que nunca receioso de que a penosa confissão guardada ha tantos anos, só tivesse implicado no desmoronamento do seu proprio lar. Mas a excelente criatura já se levantava toda alvoroçada ; — onde está a mocinha, meu velho, onde está ? vamos vê-la,, depressa...

— Mas... e as meninas, Jovita ? falou o coitado. O que dirão elas ?

— Deixe por minha conta, deixe por minha conta...

Só então Frederico olhou a esposa de frente. Havia tal sinceridade nos seus olhos claros, tal expressão de ternura e de carinho, que ele só pôde tomá-la nos braços como ha muito não o fazia e murmurar comovido :

— Deus te abençoe, minha santa...

A GRANDE ILUSÃO

(Conclusão)

um desses, Vayudá. Acabo de tirar-te a venda, filho meu. Fiz isso somente para mostrar-te qua a felicidade que gosavas, não era, como tôdas as cousas da terra sinão uma miragem enganadora, uma criação de Maya, a deusa da ilusão...

Enquanto o mestre falava e Vayudá permanecia ajoelhado escutando silenciosamente as palavras de Buda, a cena que os cercava foi se transformando lentamente ; as paredes maravilhosas do palácio, os mosaicos preciosos, as colunas elegantes e altas, que sustentavam o tecto marchetado de pedrarias, tudo se foi desvanecendo como ligeira nevoa no ar puro.

Quando o Mestre calou-se, Vayudá levantou os olhos e viu que o príncipe Sidarta, com suas regias vestimentas, havia desaparecido. Em seu lugar, talvez mais magestoso, estava o Buda, o Senhor da Compaixão, envolto em sua estameinha amarela de monte mendicante, com a espádua e o braço direito descobertos, sorrindo suavemente em sua sublime simplicidade. A maravilhosa sala não era sinão um pátio, sem adornos de um mosteiro, enquadrado por muros brancos e desnudos. Por cima das cabeças resplandecia o puro céu do Oriente.

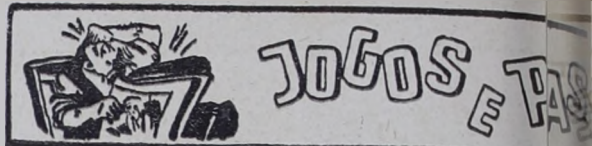
Nos bancos de pedra os monges, entre os quais estavam os sete mensageiros de Sidarta, revestidos com túnicas amarelas, meditavam ou conversavam em voz baixa. Uma paz suprema reinava no ambiente.

Vayudá, surprehendo com a mutação, compreendeu as palavras do mestre e viu que, aqueles monges, emancipados do desejo, haviam alcançado a etapa suprema da escada mágica e possuíam a felicidade, enquanto que ele, rei, vestido de ricas roupagens, estendia ainda suas mãos ávidas para essa mesma felicidade fugitiva.

— Mestre — disse protrando-se novamente diante do iluminado — "quero renunciar ao meu reino e converter-me no mais humilde dos teus monges. Digne-se admitir-me entre eles".

Sorridente o Mestre estendeu as mãos sôbre a cabeça do novo discípulo e, com voz grave, disse :

— Que o refugio de meu amôr, de minha lei e da minha comunidade te sejam doces, Vayudá, filho meu".



SOLUÇÕES DOS PASSEIEMOS DO NUMERO ANTERIOR

Para os que gostam de Matematica

"Os cinco cubos contem 30 letras N.º de combinações possíveis.

620448401735259439369000.

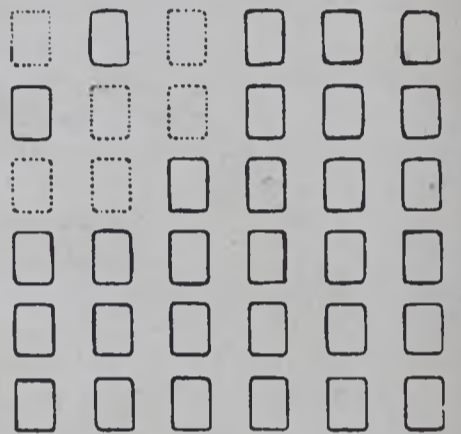
Fazendo uma combinação por segundo uma pessoa precisaria de

1.967,428975879120

anos para fazer todas as combinações.

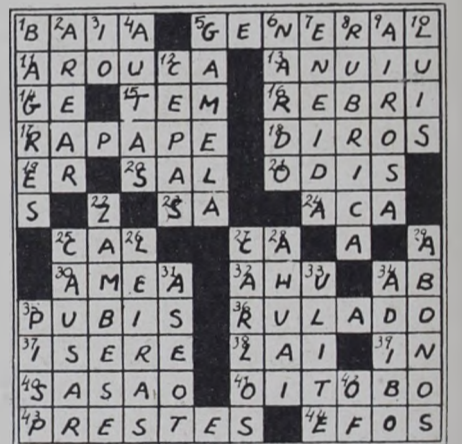
PASSEIEMOS DAS CARTAS

As cartas retiradas estão indicadas pelas linhas interrompidas.



ENIGMA PITORESCO

"A ESPERANÇA É O SONHO DO HOMEM ACORDADO"



Camarada

CRUCIGRAMA

(Sól. no próx. numero)

ENIGMA PITORESCO

Viveu Miseravel Camões Miseravel
Entretanto CAMOES
VIVEU



PROBLEMA

Três maridos ciumentos se acham com suas esposas à margem esquerda de um rio, que desejam transpor, mas dispõem apenas de uma canôa sem timoneiro e tão pequena que não comporta mais de duas pessoas.

Tão galanteadores com as dos outros quanto ciosos das suas, os três maridos engenharam em fazer a travessia de sorte que nenhuma das mulheres ficasse em presença de um ou dois homens sem ser sob a guarda do respectivo esposo. Como fizeram?

(Solução no próximo número)

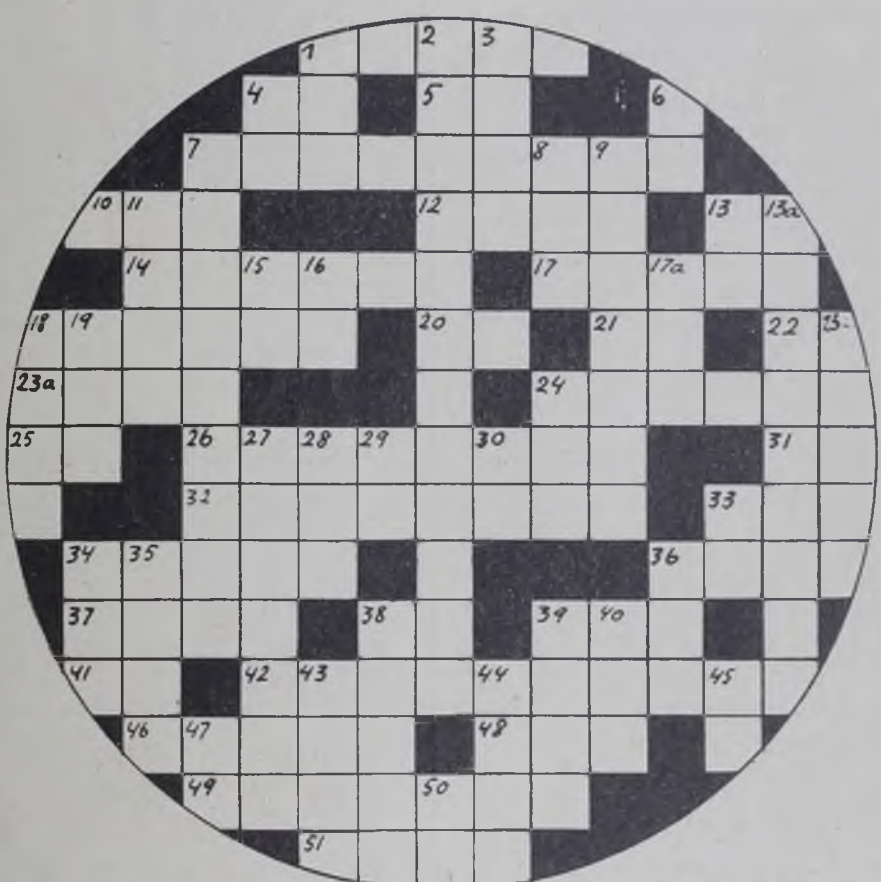
LIMPA internamente TAMBÉM!

De formato curto para atingir tôdas as curvas internas dos dentes, «TEK» — a moderna escova de dentes — limpa externa e internamente com a mesma eficiência. Use «TEK» e limpe tôdas as zonas perigosas — que geralmente nunca são atingidas pelas escovas comuns.

Visite o seu DENTISTA duas vezes ao ano!
Use «TEK» duas vezes ao dia!

Tek

PRODUTO DE JOHNSON & JOHNSON DO BRASIL



CRUCIGRAMA

HORIZONTALS

VERTICAIS

- 1 — Voz de passarinho. 4 — Jumento. 5 — Sem roupa. 7 — Cristo, Deus e homem. 10 — Vazia. 12 — Próprio do rato. 13 — Pronome. 14 — Faço luz. 17 — Rebelião. 18 — Denúncia. 20 — Ferramenta. 21 — Do verbo ir. 22 — Prefeitura Municipal. 23-a — Doença de galinha as avessas. 24 — Fazia negócio. 25 — Adverbio. 26 — Dos pombos. 31 — Polícia Marítima. 32 — De reitor. 33 — Ave preistórica. 34 — Fruto. 36 — Macaco. 37 — No bilhar. 38 — Quasi animal. 39 — Pouco fundo. 41 — Elemento (conceito atnigo). 42 — Cruzar. 46 — Manda. 48 — Pedra. 49 — Alga. 51 — Sem valor.

- 1 — Ferramenta. 2 — Estuda o Homem. 3 — Rijo. 4 — Pronome. 6 — Poeira. 7 — Tecido. 8 — Oto Eecilio Machado. 9 — Fizera provisão. 11 — Pele endurecida. 13 — Nota musical. 13-a — Fazer bolhas. 15 — Nota musical. 16 — Ruim. 17-a — No diabo. 18 — No porto. 19 — Quasi sem vista. 23 — Fruto. 24 — Do verbo ir. 27 — Amarrava de novo. 28 — Real Imprensa Unida. 29 — Nota musical. 30 — Horacio Ramos. 33 — Nota musical. 34 — Filtra. 35 — Azevedo. 36 — Burros. 38 — Santo padroeiro. 39 — Oposição. 40 — Nas aves. 43 — Estampido. 44 — Vigor. 45 — Elemento dos antigos. 47 — Nossa Senhora. 50 — Contração.
- (Solução no próximo número)

Leiam

CINEARTE

A melhor revista cinematografica

DISCOS LIRICOS

AUDICÕES EM CABINES REFRIGERADAS

MESBLA

ANEXO A CINE-FOTO
Rua do Passeio 50.



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Galeria Santo Antonio

Rua da Quitanda, 25

Especialista em restaurações de
quadros a óleo

Casa Spander

RUA MIGUEL
COUTO, 29-Rio

Artigos para todos os sports
Football, Basketball, Volley-
ball, Atletismo, Tennis e
Ginástica

Sandows de elastico e Alte-
res. Encordoamos Rackets
para Tennis

Peçam Catálogos gratis

Assis Brasil

(Conclusão)

atração poderá despertar aos ensais-
tas da nossa literatura, não preten-
do nem tenho elementos para apre-
ciar com largueza a sua carreira po-
litica.

O que entretanto resalta aos olhos
de todos quantos acompanham a
marcha da nossa politica, é que, tan-
to pelo seu feitio como pelas suas con-
vicções e suas atitudes categoricas,
este autentico gaúcho não era ho-
mem para se acomodar facilmente as
tricas e artimanhas que esta enti-
dade sabe urdir em toda parte.

Creio que por isso mesmo conhe-
cedor do seu carater e do seu genio
bizarro e quasi atrevido, solitario de
Pedras Altas preferiu quedar-se no
seu retiro, lavrando a terra e crian-
do bois com a convicção daqueles
pastores arcadianos que viam nos
seus rebanhos a imagem da felicida-
de e da abundancia.

Talvez não seja exagero lobrigar
nas linhas da sua mansão toda de
granito côr de rosa com ameias e
barbacans, um retrato bem fiel de
sua personalidade.

Como não compreendesse bem a
razão daquele castelo, simbolo da
idade média, ém méio daquélas cam-
pinas opulentas, onde a flexilha e
tantas gramineas alimentam o mel-
hor gado nacional, retorquiu-me ele:
— O meu castelo é o castelo da paz
e está circundado de oliveiras.

Afóra porem as oliveiras, os pece-
gueiros e muitas outras arvores fru-
tiferas cobriam com suas ramadas
aquele formoso rincão, pondo na
fronte heraldica do magnifico solar
reflexos de jalde e ouro.

Mergulhando assim naquélé bos-
que onde os pinheiros e cedros com-
punham uma paisagem quasi mistica,
Assis Brasil jamais deixou de in-
teressar-se pelos problemas brasilei-
ros, especialmente aqueles que se re-
lacionavam com o pensamento e a
cultura.

Possuidor de invejavel erudição e
de um patrimonio humanistico sem
favôr notavel, ele tinha a magestade
dos condores e embora incompreen-
dido pelos seus contemporaneos, sou-
be na solitude do seu refugio patri-
arcal, guardar sem mancha a cou-
raça de sua robusta personalidade.

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E
PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias
do estomago, figado ou intestinos. Essas
pilulas, além de tonicás, são indicadas nas
dispepsias, dores de cabeça, molestias do
figado e prisão de ventre. São um pode-
roso digestivo e regularizador das funções
gastro-intestinaes.

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositerios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

Vidro 2\$500, pelo Correio 3\$000

Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

PROBLEMAS DA VIDA

O dinheiro para nossa manutenção e
da família provém ou do trabalho ou d
rendimentos. O do trabalho cessa com
vida de quem o adquiria, de modo que
cessação da vida de um homem cria um
problema para a família. A solução é for-
mar um pecúlio.

Adquira um capital a prestações por me-
de uma apólice de seguro; se não vive
para completá-lo, a "Sul América" entre-
gará o valor total à familia.

A "Sul América" já pagou mais c
meio milhão de contos a beneficiários
segurados.

SUL AMÉRICA

Companhia Nacional de Seguros de Vic
Caixa Postal 971 — Rio de Janeiro

Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer,
na propria casa, os trata-
mentos de belleza mais
uteis e proveitosos. Traz
os processos feitos pe-
lo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da

RUA MEXICO, 98-3.º and.

Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique
e diminua o busto
com os productos
á base de
HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1
Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos.
Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

CAXIAS

História da Humanidade não existem muitas figuras tais como a de Caxias. Luís de Lima não é somente o general, vencedor das batalhas decisivas e vencedor do exército brasileiro na campanha de Paraguai, a espada da guerra, a mão forte que venceu tantas rebeliões e manteve a ordem durante o Reinado.

mas é, acima de tudo, o Pacificador, pois como ninguém possui as virtudes da energia, da magnanimidade, da serenidade e do patriotismo.

Porque a Pátria fez dele a figura o símbolo do soldado e do cidadão, e porque as suas ações são das mais gloriosas do Brasil.

Em 18 de Agosto de 1922, no primeiro aniversário da pacificação do Rio de Janeiro de 1842, essa cidade vai ter condignas comemorações, e em providências tomadas pela Comissão encarregada dos festejos civis, escolheu a maior honra a escolha de "Caxias Brasileiro" o órgão-oficial daquelas comemorações.

Se recorda do que foi a edição especial de "Caxias Brasileiro" em 1922, na qual o órgão-oficial das comemorações do Centenário da Independência, deu uma idéia do que é o número de "Caxias" grande e lustrado, já em 1922 com o melhor que se poderia fazer sobre o assunto, e do qual o General Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, fez o seguinte:

ativa do lançamento da edição especial de "Caxias Brasileiro" comemorativa do centenário da ação pacificadora de Caxias, a aparelhada neste ano, e a qual me foi submetida deste Ministério, pelo seu alto alvitre e profundo conhecimento e cooperação com as ações que se realizam, por isso, a idéia e a execução do melhor

DE PROFESSOR DE CRIANÇAS, AO COMANDO DOS HOMENS.



Domingos Faustino

SARMIENTO



Não há na história político-cultural da Argentina, figura mais marcante como exemplo de perseverança, do que Domingos Faustino Sarmiento, o humilde filho da cidade de San Juan, nos Andes, onde nasceu em 1811. De pobre e analfabêto, Sarmiento, por esforço pessoal, chegou a ser Presidente da República, depois de ter sido caixeiro e professor. Passou, assim, do comando das crianças ao co-

mando dos homens, dando à Argentina, o seu sistema constitucional e aos de origem humilde uma prova de que a perseverança vence os maiores obstáculos. Siga o exemplo de Sarmiento, e, com perseverança vença na vida, formando um pecúlio por meio de títulos de Kosmos Capitalização. Organização idônea, fundada para servir à economia pública, Kosmos Capitalização oferece-lhe planos vantajosos e se propõe a transformar pequenas parcelas, hoje desprezíveis, em quantias consideráveis.



KOSMOS

CAPITALIZAÇÃO S.A.

Capital 2.000.000\$ - Realizado 800.000\$
Rua do Ouvidor, 87 - Rio de Janeiro

A América unida e coesa, oferece ao mundo a maior prova de solidariedade humana que a história conhece. Esta cam-



panha publicitária, é uma homenagem de Kosmos Capitalização S.A. ao povo destemido e livre do Novo Mundo.

Vae casar feliz,
sem preocupações.



porque teve o melhor conselheiro para
os detalhes de confecção de seu enxoval
e da ornamentação de seu lar.

O "Guia das Noivas"

a excelente publicação que
offerece ás jovens, antes e
depois do matrimonio, conselhos, suggestões,
ensinamentos, alvitres, innumeros riscos e modelos
para bordados, lingerie de corpo, cama e mesa,
decoreção de interiores, organisação de menus
para "lunches", almoços e jantares, tudo isso em
lindas paginas cheias de arte e bom gosto que
fazem de

O "GUIA DAS NOIVAS"

o verdadeiro livro de cabeceira das noivas e recém-casadas

Uma publicação da
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

PREÇO 10\$000

Pedidos, acompanhados da importancia, á Bibliotheca de
ARTE DE BORDAR, Travessa do Ouvidor, n.º 26 —
RIO DE JANEIRO

Encontrado á venda em todas as Livrarias do Brasil